

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
Mestrado Profissional



DISSERTAÇÃO:

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: construindo
uma unidade didática

LUCIANA HENZEL DOS SANTOS

Pelotas, 2019.

LUCIANA HENZEL DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: construindo
uma unidade didática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Francele de Abreu Carlan

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237e Santos, Luciana Henzel Dos

Educação sexual no ensino fundamental: construindo
uma unidade didática / Luciana Henzel Dos Santos ;
Francele de Abreu Carlan, orientadora. — Pelotas, 2019.

149 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de
Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Ensino
fundamental. 4. Ensino de ciências. 5. Unidade didática. I.
Carlan, Francele de Abreu, orient. II. Título.

CDD : 372.307

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

LUCIANA HENZEL DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL : construindo
uma unidade didática**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestra em Ensino de Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 18 de outubro de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dra. Francele de Abreu Carlan (orientadora)
Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria

.....
Prof^a. Dra. Eliane Gonçalves dos Santos
Doutora em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Roque Ismael da Costa Güllich
Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

.....
Prof^a. Dra. Raquel Lüdtke
Doutora em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

A minha mãe (*in memoriam*) que muito cedo nos deixou, mas sempre dizia que a única herança que deixaria era a educação para os seus filhos, então dedico mais essa vitória a minha eterna mestre.

A meu companheiro Jair, meu porto seguro, presente e parceiro em todos os momentos, pelo amor, carinho e compreensão ao longo dessa caminhada e de tantas outras que a educação nos leva.

Aos meus filhos Patrick e Kauã razão de muitas lutas vencidas e aos demais familiares e amigos que sempre estiveram no apoio.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora e exemplo de educadora, Profª Drª. Francele de Abreu Carlan, pela competência e respeito com que conduziu este processo, do alvorecer da ideia até a sua síntese.

Aos demais professores e colegas do PPGECM pelas valiosas contribuições e momentos reflexivos e descontraídos que cerca a educação.

Aos professores e gestores da Escola onde desenvolvi minha pesquisa pelo apoio e confiança.

E principalmente a todos os alunos que estiveram na minha trajetória de educadora, que são a razão de minha eterna busca pelo conhecimento e uma educação de qualidade.

Obrigada!

A sexualidade, enquanto possibilidade e alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exigem de nós essa volta crítica – amorosa essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

Paulo Freire

RESUMO

SANTOS, Luciana Henzel dos. **Educação Sexual no Ensino Fundamental**: construindo uma unidade didática. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Os jovens estão se tornando sexualmente ativos, cada vez mais cedo, e prolongando a vida sexual por mais tempo. Poucos são aqueles que recebem e procuram orientação adequada. Ainda, no século XXI percebe-se que o tema Sexualidade é tratado com muitos tabus; muitas famílias, por dificuldade de falar, abertamente, sobre o tema com seus filhos, depositam essa responsabilidade apenas na escola. Com isso, a escola torna-se fundamental no processo de educar sexualmente os jovens através do debate sobre a promoção da saúde, da importância do desenvolvimento saudável sem julgamentos e rótulos, auxiliando-os na formação de sua identidade sexual e na apropriação do conhecimento científico. Diante dessa realidade, este estudo visou Investigar a realidade encontrada em uma escola rural de um Município da Região Sul do Rio Grande do Sul sobre o tema “sexualidade”, bem como as concepções dos alunos do ensino fundamental sobre o assunto através do desenvolvimento de uma proposta de ensino. O referencial teórico da pesquisa baseou-se nos pressupostos do eixo temático “Orientação Sexual” proposto pelos Temas Transversais contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Para embasamento do estudo buscou-se contemplar reflexões sobre as questões do desenvolvimento sexual, bem como das transformações biopsicossociais dos adolescentes. Para isso, foi criada uma Unidade Didática (U.D) chamada “Falando de Sexo”, totalizando um conjunto de 8 aulas que oportunizaram várias discussões e reflexões tanto de ordem biológica com explicações sobre a chegada da menstruação na vida das meninas, o aparecimento de pelos, os cuidados com o corpo e com a higiene, de ordem psicológica com a administração dos conflitos comuns na adolescência quanto de ordem social através de discussões sobre as questões de respeito e tolerância à diversidade. Além disso, na U.D. foram utilizados diferentes recursos didáticos com o intuito de dinamizar as aulas, incentivar a criatividade, proporcionar o debate e auxiliar na aprendizagem dos estudantes. Para a coleta de dados foram utilizados 2 questionários, sendo eles: 1) sobre as concepções sobre Sexualidade e 2) avaliação e registro dos alunos a cada nova aula da U.D., bem como a opinião dos mesmos sobre as atividades realizadas. Ainda, contou com a gravação de áudio das aulas, registro em diário de bordo pela professora pesquisadora e análise dos documentos da escola. A partir da pesquisa identificou-se que os jovens são inseguros e desinformados sobre sua Sexualidade, não conversam com seus pais sobre o assunto, tiram suas dúvidas com os amigos e na internet, ou seja, uma realidade, comumente, mencionada nas pesquisas sobre o assunto. Também, se constatou que o trabalho com o tema pode promover o autoconhecimento dos alunos, o respeito à diversidade e a seus corpos, amenizando os problemas sociais dentro e fora da escola. Este estudo gerou um produto educacional, cujo objetivo foi construir uma alternativa pedagógica para auxiliar o professor da educação básica a planejar suas aulas sobre Educação Sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade. Ensino Fundamental. Ensino de Ciências, Unidade Didática.

ABSTRACT

SANTOS, Luciana Henzel dos. **Sex Education in Elementary School: building a Didactic Unit.** 2019. 149 f. Dissertation (Professional Master's Degree in Teaching of Science and Mathematics) – Professional Master's Program in the Teaching of Science and Mathematics, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Young people are becoming sexually active earlier and longer and extending their sex life longer. Few are those who receive and seek proper guidance. Still, in the 21st century it is clear that the theme Sexuality is treated with many taboos; Many families, because of the difficulty of speaking openly about the topic with their children, place this responsibility only at school. Thus, the school becomes fundamental in the process of sexually educating young people through the debate on health promotion, the importance of healthy development without judgments and labels, helping them in the formation of their sexual identity and the appropriation of scientific knowledge. . Given this reality, this study aimed to investigate the reality found in a rural school of a municipality in the southern region of Rio Grande do Sul on the theme "sexuality", as well as the conceptions of elementary school students on the subject through the development of a teaching proposal. The theoretical framework of the research was based on the assumptions of the thematic axis "Sexual Orientation" proposed by the Transversal Themes contained in the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1998). This study aimed to contemplate reflections on the issues of sexual development, as well as the biopsychosocial transformations of adolescents. For this, a Didactic Unit (UD) called "Talking about Sex" was created, totaling a set of 8 classes that provided various discussions and reflections, both biological and explaining the arrival of menstruation in girls' lives, the appearance of hair. , body care and hygiene, psychological, with the management of common conflicts in adolescence as well as social through discussions on issues of respect and tolerance to diversity. Also, at U.D. Different didactic resources were used in order to streamline the classes, encourage creativity, provide debate and assist students' learning. For data collection, two questionnaires were used: 1) about the conceptions about Sexuality and 2) students' evaluation and registration at each new U.D. class, as well as their opinion about the activities performed. It also included audio recording of the classes, logbook recording by the research teacher and analysis of school documents. From the research it was found that young people are insecure and uninformed about their sexuality, do not talk with their parents about the subject, ask their questions with friends and on the internet, ie, a reality, commonly mentioned in research on sexuality. subject matter. Also, it was found that working with the theme can promote students' self-knowledge, respect for diversity and their bodies, alleviating social problems inside and outside the school. This study generated an educational product, whose objective was to build a pedagogical alternative to help the basic education teacher to plan his classes on sex education.

Keywords: Sex Education. Sexuality. Elementary School. Science Teaching, Didactic Unit.

Lista de Figuras

Figura 1	Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins	60
Figura 2	Família de um chefe Camacã - Jean Baptiste Debre	65
Figura 3	Aldeia de caboclos em Cantagalo - Jean Baptiste Debre	66
Figura 4	Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens-Jean Baptiste Debret	67
Figura 5	Dança dos Tapuias – Albert Eckhout	67
Figura 6	Dança de Selvagens da missão de São José – Jean Baptiste Debret	66
Figura 7	Mercado da rua do Valongo - Jean Baptiste Debret	67
Figura 8	Negros novos- Johann Moritz Rugenda	68
Figura 9	Releitura da obra de Debret (imagem 2) realizada por uma aluna da T ¹	80
Figura 10	Releitura da obra de Debret (imagem 3) realizada por um aluno da T ²	83
Figura 11	Releitura da obra de Debret (imagem 4) realizada por uma aluna da T ³	84
Figura 12	Releitura da obra de Eckhout (imagem 5) realizada por um aluno da T ³	85
Figura 13	Releitura da obra de Rugenda (imagem 8) realizada por um aluno do T ³	86
Figura 14	Alunos da T ¹ jogando e da T ² confeccionando os jogos	96
Figura 15	Jogos confeccionando pelas turmas T ¹ e T ²	96
Figura 16	Organização e ensaio da filmagem	99

Lista de Tabelas

Tabela 1	Resultado das buscas com as palavras-chave nas revistas qualis A1 da área de Ensino	47
Tabela 2	Resultado das buscas com as palavras-chave nas revistas qualis A2 da área de Ensino	48
Tabela 3	Resultado das buscas com as palavras-chave nas revistas qualis B1 da área de Ensino	50
Tabela 4	Resultado das buscas com as palavras-chave nas revistas qualis B2 da área de Ensino	51
Tabela 5	Total de periódicos e artigos analisado	53
Tabela 6	Identificação das turmas	63
Tabela 7	Análise da coleta de dados	79

Lista de Abreviaturas e Siglas

AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
BNCC	Base Nacional Curricular Comum Superior
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EF	Ensino Fundamental
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e adultos
ES	Educação Sexual
EVA	Ethylene Vinyl Acetate
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OS	Orientação Sexual
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PL	Projeto de Lei
PPGECM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
UD	Unidade Didática
PNE	Plano Nacional de Educação
PP	Projeto Pedagógico
S	Sexualidade
SUS	Sistema Único de Saúde
TCT	Tema Contemporâneo Transversal
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UNICEF	Fundo Nacional para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVOS	17
1.1.1	Objetivo Geral	17
1.1.2	Objetivos Específicos	18
1.1.3	Trajectoria da pesquisadora	18
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1	Breve Resgate Histórico da Sexualidade	20
2.2	Mitos e Tabus: do contexto cultural á realidade social e escolar	24
2.3	Educação Sexual ou Orientação Sexual? A História e os conflitos com o tema	28
2.4	Educação Sexual nos documentos oficiais	33
2.5	Sexualidade na infância e adolescência	39
2.6	Educação Sexual e o Contexto da escola	43
2.7	Revisão de Literatura	46
2.8	Ensino Aprendizagem: do cotidiano ao conhecimento	53
2.9	A Unidade Didática como foco de ensino e aprendizagem	56
3.	METODOLOGIA DA PESQUISA	59
3.1	Sujeitos da pesquisa e o contexto da escola	59
3.2	Coleta de dados	62
3.4	Descrição da Unidade Didática	63
3.5	PROPOSTA DE ENSINO: Unidade Didática “Falando de Sexo”	63
3.6	Desenvolvimento da proposta de ensino	64
3.6.1	Aula 1- História da Sexualidade no Brasil	64
3.6.2	Aula 2- Sexualidade e adolescência	69
3.6.3	Aula 3 e 4- “Eu me amo eu me cuido”	70
3.6.4	Aula 5- Jogos didáticos	70
3.6.5	Aula 6 e 7- Ficção ou realidade?	70
3.6.6	Aula 8- Cartilha do adolescente	72
3.7	Análise dos dados da pesquisa	73
4.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.	73
4.1	Unidade Didática: algumas constatações	80
4.1.1	Aula 1- História da Sexualidade Brasileira	80
4.1.2	Aula 2- Sexualidade e adolescência	88

4.1.3	Aula 3 e 4- “ Eu me amo eu me cuido”	92
4.1.4	Aula 5- “ Jogos didáticos”	95
4.1.5	Aula 6 e 7- Ficção ou Realidade?	97
4.1.6	Aula 8 – Cartilha do adolescente	100
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
6.	REFERÊNCIAS	106
7.	APÊNDICES	116

INTRODUÇÃO

Os jovens estão se tornando sexualmente maduros, cada vez mais cedo, prolongando a vida sexual por mais tempo. Poucos são aqueles que recebem a orientação familiar adequada, pois o tema ainda é tratado como tabu pela sociedade. Sem orientação os adolescentes tornam-se vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), à violência sexual, à gravidez indesejada, ao bullying, à depressão entre outros problemas que podem comprometer a vida sexual e social.

Em pleno século XXI percebe-se, ainda, que a Educação Sexual é pouco abordada pelas famílias que colocam na escola essa responsabilidade. Por outro lado, existem pais que não aceitam que o tema seja trabalhado pelos educadores por acreditarem que Sexualidade é assunto a ser discutido somente pela família. Com a criação dos Temas Transversais as discussões sobre assuntos polêmicos e delicados, como masturbação, iniciação sexual, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, passaram a ser discutidos dentro de uma perspectiva democrática e pluralista que muito já contribuiu para o bem-estar dos adolescentes na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL 1998). Ignorar, ocultar ou reprimir o tema no espaço da escola não é atitude desejável para quem tem a missão de formar cidadãos (BRASIL, 2000). Neste contexto, as escolas devem oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que, muitas vezes, interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares (BRASIL, 2000).

Envolvendo o assunto, tramita no Congresso Nacional, desde 2014, um projeto de lei (PL nº 7180/2014) denominado “Escola Sem Partido” que prevê, dentre outras determinações (aqui destacaremos algumas) que: o professor não deva fazer propaganda político-partidária em sala de aula, não deva se aproveitar da audiência cativa dos alunos para promover seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias e que o poder público não deve se imiscuir no processo de amadurecimento dos alunos nem permitir qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero (PROJETO DE LEI, 2014). Críticos à proposta dizem que ela tolhe a liberdade de ensino garantida aos professores no artigo nº 206 da Constituição Federal de 1988. Dizem também que a Constituição já prevê o "pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas" nas salas de

aula e que a proposta é na verdade uma "cortina de fumaça" para impor o conservadorismo ao ensino no Brasil, sendo um retrocesso na educação.

Pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre a Educação Sexual têm apontado a relevância de práticas educativas mais amplas, abordando as dimensões subjetivas, sociais e culturais da Sexualidade, para além dos aspectos biológicos (ALTMANN, 2013; CASTRO; ABRAMOWAY; SILVA, 2004; FURLANI, 2003; QUIRINO; ROCHA, 2012). Para além disso, Werebe (1981) afirma que a educação sexual pode ser dividida em: i) Educação Sexual Formal, que equivale a ensinar “dentro da programação”, fazendo planejamento prévio e a ii) Educação Sexual Informal, que equivale à “extraprogramação”, isto é, aproveitar, de forma espontânea, um fato, uma pergunta, uma situação ocorrida e ensinar a partir disso. De acordo com a autora, a Educação Sexual Formal pode ser ensinada a partir de diferentes estratégias de ensino, mas precisa estar ancorada em alguns princípios e são eles: 1) educar sexualmente é mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; 2) educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; 3) para educar sexualmente é preciso saber ouvir; 4) o aluno deve ser visto como sujeito ativo nos processos de ensino e aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas e 5) o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Neste contexto, conforme Ribeiro (2009), só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas, para que os alunos possam perceber a sexualidade como algo positivo. O autor refere-se às atitudes positivas como aquelas que os professores devem ter em sala de aula, como por exemplo, discutindo o contexto onde os alunos se encontram, valorizando seus conhecimentos prévios, usando metodologias adequadas e descontraídas e baseando-se nos conhecimentos científicos. As curiosidades dos estudantes sobre o assunto são extremamente significativas e são a partir delas que outras dúvidas podem aparecer, tornando a discussão prazerosa em sala de aula, ao mesmo tempo, que colabora para o esclarecimento das dúvidas. Para Müller (2013), a Educação Sexual, trabalhada com qualidade, na escola deve originar constantes reflexões sobre temas coletivos ou individuais. A escola deve ter uma visão aberta (ou ampla) sobre as experiências vividas pelos alunos com a finalidade de desenvolver a busca por informações.

Ainda, outros autores, como Guirado (1997), Paiva (2000) e Vitiello (1997) sugerem a dinâmica da “dessensibilização pela palavra”, que consiste, justamente, em criar oportunidades para que os educandos pronunciem, em situação de grupo, as terminologias científicas e, em especial, os apelidos ligados aos órgãos sexuais, assim como todas as palavras que têm a ver com sexo. Vale ressaltar que, para além da questão biológica, a compreensão da Sexualidade deve ser discutida como uma construção não linear, atravessada pelas condições históricas, sociais e culturais diversas (GOMES, 2013). Nesse sentido, destaca-se que a sexualidade se trata de um fenômeno complexo, construído e atravessado por valores e normas sociais e culturais (BOZON, 2004; CHAUI, 1985; MEIRA et al., 2006).

Como docente de Ciências das séries finais do ensino fundamental percebo que muitos jovens pesquisam suas dúvidas sobre sexualidade na internet ao invés de perguntar aos pais e/ou professores. O problema disso é que, muitas vezes, as informações são procuradas em fontes não confiáveis, podendo expor o jovem a situações embaraçosas e de vulnerabilidade. Assim, justifica-se a importância de trabalhar o tema Educação Sexual na escola como forma de minimizar os casos de gravidez indesejada, ISTs, bullying, depressão, conhecimento popular baseado em mitos e tabus, despreparo da família para trabalhar o tema, a falta de informação e preparo para a vida sexual entre outros assuntos, oportunizando aos jovens o contato com informações adequadas e desmistificando o tema.

Diante das dificuldades observadas na escola sobre o assunto, o presente projeto pretende responder a seguinte pergunta: É possível através de uma Unidade Didática sobre o tema Sexualidade promovermos o autoconhecimento dos jovens quanto ao funcionamento biológico do corpo, às relações afetivas e sexuais de forma a amenizar os problemas sociais relacionados ao assunto na escola? Para responder a este questionamento apresento, na sequência, os seguintes objetivos:

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Investigar a realidade encontrada em uma escola rural de um Município da Região Sul do Rio Grande do Sul sobre o tema “sexualidade”, bem como as concepções dos

alunos de 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental sobre o assunto a partir do desenvolvimento de uma Unidade Didática.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Construir e aplicar uma Unidade Didática que contribua para o conhecimento biológico do corpo, bem como, para as discussões e transformações biopsicossociais¹ decorrentes da puberdade;

- Estimular a reflexão sobre o tema e o processo de autoconhecimento e respeito referentes às relações afetivas e sexuais entre os diferentes sujeitos;

- Trabalhar a Educação Sexual de forma contextualizada com os alunos, levando em consideração às especificidades da comunidade escolar em questão.

1.1.3. Trajetória da pesquisadora

Minhas brincadeiras, quando criança, eram de ser professora, ensinando e retomando as lições para minha irmã, prima e amigas, usando o guarda-roupa como lousa e aproveitando o resto de giz que sobrava no quadro da escola. Durante o ensino médio, sempre ajudei meus colegas com as atividades, sendo incentivada a fazer licenciatura por minha professora de Biologia, já que eu demonstrava grande interesse pela disciplina.

Escolhi ser professora porque acredito que a Educação é capaz de transformar pessoas e suas realidades, porque gosto de estar em contato com os jovens, porque não quero perder a esperança na educação, por acreditar que só através dela um país pode progredir, tornando-se um lugar menos preconceituoso, desigual e mais justo.

Ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Físicas Biológicas no ano de 1996, na Universidade Católica de Pelotas. Durante a graduação fui monitora de várias disciplinas como Instrumentação para o Ensino de Biologia, Citologia e Histologia,

¹ O termo biopsicossocial é bastante utilizado na medicina e passou a ser empregado, em 1977, pelo psiquiatra George L. Engel que relatou a necessidade de criação de um novo modelo médico. Este termo estuda a saúde e a doença a partir de uma perspectiva integral (ALVES, 2011). Na área educacional, Piaget (1973), ao estudar o desenvolvimento cognitivo das crianças, emprega o termo, afirmando que o ser humano é um ser biopsicossocial, ou seja, para a formação do indivíduo existem influências biológicas, psicológicas e sociais. A importância de se observar todos os aspectos do desenvolvimento do aluno ocorre a partir da percepção do ser humano como um ser biopsicossocial, ou seja, que apresenta influência, para aprender, dos fatores biológicos, psicológicos, cognitivos e sócio emocionais.

concluindo a graduação no segundo semestre de 1999. Fiz pós-graduação em Ecologia Aquática Costeira em 2000, na Universidade Federal do Rio Grande, sendo meu trabalho de pesquisa voltado para os pescadores. Naquele momento, desenvolvi um livreto em quadrinhos, pois existem muitos pescadores que não são alfabetizados e a ideia era ajudar no seu entendimento sobre o ciclo do peixe bagre, para diminuir danos à espécie.

Durante a minha caminhada como docente passei por diversas experiências, modalidades e níveis de ensino. Em 2000, fui nomeada no município do Capão do Leão, onde trabalhei na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Elberto Madruga. Trabalhei também com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a disciplina de ciências no turno da noite. Em nível de educação infantil, trabalhei na Escola Municipal de Educação Infantil Antônio Caringi em Pelotas. Minha experiência no ensino médio ocorreu em 2003, quando fui nomeada para o Colégio Municipal Pelotense, onde trabalhei com a disciplina de Biologia e também no curso do Magistério. Nas séries finais do ensino fundamental passei a ter experiência quando fui transferida do município do Capão do Leão em 2004 para uma escola rural, chamada EMEF Álvaro Berchon. Também trabalhei em escolas estaduais no ensino fundamental com a disciplina de ciências e no nível médio com Biologia, Química e Física, mas ainda sentia falta de trabalhar com o nível superior, quando então fui selecionada como tutora do Curso de Pedagogia a Distância – UAB/UFPel, sentindo-me completamente realizada. Após algumas viravoltas na vida pessoal fui morar em Arroio Grande, passando a lecionar na Escola 20 de Setembro, no ensino médio com a EJA na disciplina de Biologia. Fui também diretora nesta escola, na qual fiz uma gestão democrática e participativa. Em 2015 fiz concurso no município do Morro Redondo onde passei a trabalhar em uma escola da zona rural, com apenas 20 horas para poder me dedicar a um curso de mestrado.

Dentre as diferentes experiências com o ensino de Ciências sinto-me realizada, profissionalmente, ao trabalhar o tema Educação Sexual, por acreditar que, dessa forma, posso contribuir na formação de sujeitos que saibam cuidar melhor de si próprios, que sejam menos preconceituosos no convívio em sociedade, desmistificando tabus e preconceitos e minimizando a insegurança e a timidez em estudar e discutir sobre esse assunto em sala de aula. Motivada por isso, em 2016, fiz uma disciplina como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Em 2017, ingressei como aluna regular do PPGECM com o intuito de aprimorar minhas práticas de sala aula sobre

Educação Sexual. No decorrer do mestrado tenho aprimorado minhas estratégias de ensino através da construção e desenvolvimento de uma Unidade Didática, conforme será apresentada nesse projeto de pesquisa.

2. Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica baseou-se nos pressupostos do eixo temático “Orientação Sexual” proposto pelos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Para embasamento do estudo buscou-se contemplar reflexões sobre as questões do desenvolvimento sexual dos adolescentes, bem como as transformações biopsicossociais. O contexto cultural brasileiro que levou à criação de mitos e tabus, o que dizem as políticas públicas sobre a educação sexual, a educação sexual e o contexto da escola e os estudos sobre ensino e aprendizagem. Autores como Furlani (1998), Gimeno e Sacristán (2000), Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009 e 2011), Figueiró (2011), Souza (2010), Siqueira (2008), Damis (2006) entre outros fundamentaram esse estudo em sua referência e análise das discussões.

2.1. Breve resgate histórico da sexualidade

Os primeiros vestígios da Sexualidade humana apareceram, inicialmente, no período Paleolítico. As formas de manifestação são diversas, desde pinturas e gravuras nas cavernas até esculturas contemplando o corpo feminino, principalmente as partes íntimas da mulher. Tais aspectos indicam exaltação à fertilidade, como ressalta Nunes (1987, p.52) “a representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo”. Ainda o autor nos diz que no período Neolítico a função do homem passa a ser de pai ou chefe, devido ao domínio dos meios de produção. Com este poder centralizado na figura masculina, ocorre a formação de exércitos para defender as propriedades de terra, recentemente delimitadas, após a sedentarização dos indivíduos, além disso, formam-se o poder real e a religião.

Segundo Spitzner (2005) a mulher, neste período, é entendida como propriedade do homem, semelhante aos animais que o mesmo possuía. Pelo fato da estrutura social ser monogâmica a taxa de natalidade aumentou, substancialmente, o que favoreceu a

mão de obra na lavoura. No final deste período a população atingiu uma qualidade de vida considerável. Logo após este período, com a formação do povo hebreu, a visão sobre a Sexualidade modificou-se.

Os hebreus compreendiam o sexo à procriação dos filhos, por acreditarem ser uma tarefa destinada por Deus. Para esta sociedade, feliz era o homem cuja família era numerosa; era sábio ter filhos, logo, a relação sexual tornava-se bem vista. O aborto era crime, pois evitar que um filho homem fosse trazido ao mundo, estaria sendo negado ao pai o direito de sobreviver através do filho (SPITZNER, 2005).

Devido às diversas transformações em relação ao processo civilizatório, a forma de compreender a Sexualidade foi se modificando. A alternância de papéis dentro da família leva a sociedade a produzir uma visão acerca da Sexualidade, como forma de controlar e submeter à população as normas e aos costumes edificadas. Isso é percebido entre os gregos, uma vez que o forte modelo patriarcal predominava nesta cultura. Segundo Nunes (1987, p. 70), para os gregos “a Sexualidade esteve em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos [...] a Sexualidade grega envolvia a submissão da mulher, a exclusividade dos homens nos jogos e nas festas, na vida militar e administrativa”. Ao longo do tempo, mudanças significativas foram sendo percebidas. Inicialmente a Sexualidade, no período Paleolítico, era compreendida como algo mítico através da exaltação da mulher, dos cultos à fertilidade feminina. Já na cultura grega, onde o patriarcalismo predominava, a mulher era desvalorizada e a sexualidade voltava-se a um caráter religioso, porém sem repressões à expressão da sexualidade masculina. Havia liberdade para os homens dentro ou fora do casamento, podendo eles manter relações com outras mulheres e homens (NUNES, 1987).

Na Idade Média, por exemplo, o pensamento da igreja predominava, ditando regras a serem cumpridas. A sociedade era induzida a conduzir sua Sexualidade por meio da ideologia pregada pela Igreja, que tratava do assunto como pecado. Havia uma visão negativa do tema, carregada por um moralismo religioso (NUNES, 1987). Nesta época, existia um forte caráter repressor e as pessoas que expressavam sua Sexualidade eram punidas. Os indivíduos “pegos” em pecado tinham suas partes íntimas queimadas ou eram enforcados (NUNES, 1987). Os escritos de alguns pensadores da igreja católica nesta época confirmam a rigidez exercida durante a idade média, em relação à Sexualidade (NUNES, 1987).

No início da modernidade, a repressão sexual aumentou, sendo criadas diferentes

formas de controle da população, em nível moral. A masturbação e a expressão sexual eram condenadas e consideradas anomalias que deveriam ser combatidas. Nunes, (1987), explicita, no trecho a seguir, como era o pensamento moderno:

O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. A concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O "eu" corporal não existe; existem, sim, a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido (NUNES, 1987, p.93).

Quanto à realidade brasileira, em meados do século XVI, na condição de colônia de Portugal, a escravização dos negros era uma realidade e a importação dos africanos não visou apenas suprir a mão de obra barata, mas também a falta de mulheres. A sociedade patriarcal e preconceituosa que predominava na colônia implicava em regras de conduta e respeito, sob pena de castigo e o negro sendo propriedade de seu senhor, este fazia o que quisesse dele. Assim, o mito da mulher negra supersexualizada começou a ser construído, numa época em que predominou o poder do homem sobre a mulher, independente de esta ser escrava ou senhora. Ambas tinham a obrigação de servir ao senhor. No entanto, em função das limitações estabelecidas pela igreja em relação ao sexo no casamento, sendo este apenas para procriação, a escrava era usada para satisfazer as necessidades sexuais dos senhores. Em um contexto de valores morais e religiosos rígidos, a responsabilidade dos desejos dos senhores recaía sobre as negras escravas que ficavam à mercê dos senhores e de seus filhos, além de despertar ciúme e inveja da senhora, o que gerou os mais bárbaros crimes de tortura e todo tipo de violência contra as negras no Brasil (NUNES, 1987).

Para Goldberg (1984), no Brasil-colônia, a Igreja Católica para combater o concubinato (forma de união predominante nas camadas rurais e populares) defende a família patriarcal como o principal modelo de poder na organização familiar. Logo, esta estrutura só admitia o desejo e o prazer sexual do homem fora do lar com prostitutas ou mulheres pobres (brancas, negras, índias e mestiças), por isso elas se tornavam a companheira sexual preferida para o homem branco e também para a iniciação sexual dos meninos. A relação escravo-objeto sexual não se limitava apenas aos atos heterossexuais. Há relatos de senhores que mantinham concubinato com negros, sendo essas relações, por vezes, afetuosas, dispensando a violação e a coação típica do sistema escravagista. No entanto, assim como nas relações heterossexuais, o que

predominava era o abuso de poder dos senhores ao violar sexualmente seus cativos (GOLDBERG, 1984).

A maneira como as civilizações entendiam e lidavam com comportamentos, valores e normas ligadas ao sexo nunca foram iguais, tampouco, constantes. Cada cultura e momento histórico viam e viviam suas concepções e valores. Em dez mil anos de história, a relação sexo-humanidade sempre foi extremamente complexa, pois envolveu (e envolve) questões sociais, culturais, religiosas e psicológicas, construídas historicamente, determinadas diferentemente em cada povo e época (RIBEIRO, 2005).

No início do século XX, a luta da mulher pelo direito ao voto, a reivindicação feminina pelo acesso à Universidade e à vida profissional, o advento da 1ª Guerra Mundial, dentre outros eventos, trouxeram uma nova configuração social. Todos estes processos determinados, principalmente pelo progresso tecnológico, motivaram o alto índice de consumo das massas, disseminando a ideia de que ao homem cabia o ter e não o ser (SPITZNER, 2005).

Nunes (1987,) afirma que [...] o capitalismo apreendeu a sexualidade como o grande grito e incorporou-a à sua máquina de consumo[...]. A mulher, neste contexto, passa a ser vista como objeto sexual, figura focada pela mídia, que expõe seu corpo escultural, como estratégia para conseguir vender e lucrar. A exposição do sexo e do corpo, principalmente feminino, desenvolveu na sociedade uma visão deturpada a respeito do sexo e da sexualidade (NUNES, 1987).

Muitas vezes, a Sexualidade é tratada de forma banal, influenciando no comportamento dos jovens e adolescentes. Os jovens sofrem a todo instante a influência da mídia com mensagens que vendem um dos produtos mais desejados: o sexo. A mercadoria está disponível na internet, no rádio, na televisão, no sexo virtual, nos namoros eletrônicos, nos rádios, nas bancas de jornal e livrarias, gerando informações distorcidas e levando à prática desenfreada de impulsos e desejos (SPITZNER 2005, p.72).

É preciso compreender a sociedade e também a estrutura social em que vivemos. Ignorar isso é o mesmo que não fazer ou não ensinar os jovens a compreender o mundo ou a sociedade em que ele vive. Muitos assuntos relacionados ao preconceito, racismo, gênero, homossexualidade, diversidade, entre outros devem ser abordados dentro e fora da escola. É necessária a compreensão e o reconhecimento do outro como ser humano, independente do gênero, raça ou credo. Faz-se necessário um olhar sensível sobre os

sujeitos e uma discussão mais madura sobre o tema Sexualidade, trazendo ao debate o respeito à orientação sexual e o combate às manifestações machistas muito comuns no século passado.

Para Foucault (1988), a Sexualidade é um dispositivo histórico que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normatizam que instauram saberes, que produzem verdades. Por meio da história da Sexualidade, podemos verificar que houve significativas mudanças em relação ao pensamento sexual estabelecido em cada sociedade e que nos dias atuais vivemos em crise sobre a importância do tema e como deve ser debatido com nossos jovens para que se tornem adultos éticos e esclarecidos sobre sua sexualidade e, principalmente, sem preconceitos baseados na realidade em que vivemos.

2.2. Mitos e Tabus Sexuais: do contexto cultural à realidade social e escolar

Para Furlani (1998), o termo “mito sexual” pode ser compreendido como o conjunto de concepções errôneas criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou Educação Sexual falha que, muitas vezes, passa a ser reforçada pelo distanciamento das pessoas do conhecimento científico, permitindo, assim, que o senso comum prevaleça e determine as verdades balizadoras das práticas sexuais dos indivíduos (FURLANI,1998). As ideias contidas nos mitos não têm fundamentação científica, desta forma o mito passa a agir como causa e consequência, vindo a constituir-se uma forma de distúrbio sexual emocional e comportamental, tal como observamos em algumas culturas. Por exemplo, na China, Malásia e Bornéu foi constatada uma patologia psíquica denominada “Koro”. As vítimas têm receio mórbido que seus pênis estejam encolhendo e acabem por desaparecer dentro do abdômen, levando a morte. Para impedir amarram um cordão ao redor do pênis ou encaixam em talas de madeira. Caso não resolver eles pedem para os membros da família para que fiquem segurando firmemente o órgão. Já entre os nativos da Nova Guiné, os Kiwai, acreditava-se que a mulher daria luz a gêmeos se comesse bananas de uma bananeira com dois cachos, assim como a mulher que comesse aranhas e seus ovos poderia superar a esterilidade. Em uma tribo indígena brasileira chamada de “Os Tucanos”, acreditam que uma mulher grávida deve evitar relações sexuais para impedir que o número de fetos aumente muito ao ponto de explodir (FURLANI, 1998, p.21e 22).

Até hoje, se acredita em alguns mitos como o tamanho do pênis influenciar no prazer sexual, a masturbação fazer mal e poder criar cabelo na mão e produzir espinhas, o prazer sexual da mulher ser menor que o do homem, a ejaculação ser sinônimo de orgasmo, a intensa ejaculação levar ao término de espermatozoides e tornar o homem estéril, a mulher não poder lavar os cabelos quando está menstruada porque é perigoso enlouquecer ou até morrer, entre outros (FURLANI, 1998).

O tabu tem origem na Polinésia e significa “sagrado e invulnerável”, tendo como conceito mais abrangente a proibição imposta por tradição ou costume acerca de atos, modos de vestir, temas, palavras ou aquilo que não pode ser violado, sob pena de reprovação e perseguição social. Se no mito o que prevalece é o desconhecido, a falta de informação ou a análise fantasiosa da realidade, no tabu o componente da discriminação e do preconceito é o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não legitima (FURLANI, 1998, p.89).

Entre os tabus sexuais de influência comportamental temos: o da virgindade feminina até o casamento; o do adultério de ser apenas considerado se a mulher o praticar; em muitas sociedades a poligamia ser permitida somente para os homens e as mulheres que a praticarem serem mortas ou punidas. Por exemplo, entre os esquimós há uma prática comum de hospitalidade sexual com a troca de esposas e filhas. Entre os Netsilik é permitida a poligamia (casamento de um homem com duas ou mais mulheres), a poliandria (casamento de uma mulher com dois ou mais homens) e entre os povos do Oriente Médio são comuns à constituição de hárens (FURLANI, 1998).

O tabu contra o adultério feminino revela, mais uma vez, as desigualdades sociais frente às condições de mulheres e homens. No entanto, penso que reflete, acima de tudo, questões de ordem relacional do que institucional. Refiro-me a qualidade dos relacionamentos e as insuportáveis e insuperáveis imposições familiares e sociais que levam os indivíduos a não romperem com seus casamentos, preferindo assumir condutas adúlteras. Mais um comportamento paradoxal da sociedade que pode ser contextualizada e discutida na Educação Sexual (FURLANI, 1998).

O tema Sexualidade é carregado de tabus devido, principalmente, a castração religiosa imposta pelas igrejas, afetando a forma da sociedade encarar sua Sexualidade. O primeiro deles se refere ao “pecado” de Adão e Eva e a ideia de que tudo que diz respeito à relação e ao prazer sexual estão ligados ao sentimento de “vergonha” e “culpa” (COSTA, 1986). Segundo Gauderer (1994), as regras foram surgindo como mitos e tabus

para estabelecer limites ao sexo. Um exemplo era o tabu do incesto, cuja finalidade era evitar a mistura de material genético de pessoas consanguíneas, o que poderia acarretar na deterioração da espécie. Os tabus e mitos relacionados à masturbação, sexo anal e homossexualismo que se originaram, justamente, por não se tratarem de atividades de procriação, pondo em risco a perpetuação da espécie. Segundo o autor, esses mitos surgiram numa época em que a sobrevivência do ser humano girava em torno dos 30 anos e a sociedade necessitava de material humano para enfrentar as guerras, para trabalhar na lavoura, para o sustento da família, etc.

Neste contexto, Foucault (1988) mostra que a Sexualidade sofre influências sociais, culturais e históricas. É a sociedade e a cultura que determinam se algumas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou não, permitidas ou até doentias. A Sexualidade instituiu-se como um dispositivo de saber, prazer e poder porque abrange as relações entre homens e mulheres, entre jovens e adultos, entre educadores e alunos e também na sociedade e política para debates sobre o que é possível e o que é ético praticar, isto é, o poder que regula e que normatiza a prática da Sexualidade. Toda cultura interfere nos processos de pensar e agir da sociedade, em vários aspectos, principalmente, na educação, ciência, religião, entre outros. A cultura desempenha também um papel no desenvolvimento sócioemocional, estimulando ou desencorajando certos comportamentos.

Por isso, mais do que uma multiplicidade de culturas, no que se refere ao seu número, variedade ou “pluralidade”, vivemos no contexto das diferentes culturas, marcadas por singularidades advindas dos processos históricos, políticos e também culturais por meio dos quais são construídas. Vivemos, portanto, no contexto da diversidade cultural e esta, sim, deve ser um elemento presente e indagador do currículo. A cultura não deve ser vista como tema e nem como disciplina, mas como um eixo que orienta as experiências e práticas curriculares (BRASIL, 2007).

Lopes (1999), afirma que sem dúvida, a sociedade dividida em classes marca a divisão permanente entre os que possuem ou não cultura, em função do fato de possuírem ou não o poder de definir o que é cultura, sendo que, essa compreensão dessa pluralidade de saberes vem reforçar a perspectiva descontinuista no processo histórico de construção do conhecimento científico, bem como entre o conhecimento científico e o conhecimento comum. Ainda, essa autora afirma que esses dois campos de conhecimento tão, nitidamente, diversos não têm porque possuir a mesma filosofia.

Ainda, nos dias atuais, na escola, se perpetuam muitos mitos e tabus, entre os alunos, por estarem ainda estabelecidos na sociedade. Logo, estes devem ser discutidos com os jovens, no intuito de informá-los e orientá-los a tratar da Sexualidade de forma saudável e responsável. Neste sentido, destaco a importância de proporcionar aos adolescentes espaços para a discussão e orientação através de atividades dinâmicas e participativas. A partir do conhecimento cotidiano e das informações trazidas pelos alunos é possível construir uma ponte para a desmistificação desse tema, rompendo com informações de senso comum através de fundamentação científica (LOPES, 1999). Nesse sentido, para Lakatos e Marconi (1992), o senso comum, também denominado conhecimento vulgar ou popular, é um modo corrente e espontâneo de conhecer que "não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do 'conhecer". As autoras destacam as seguintes características do senso comum: ele é superficial, sensitivo, subjetivo, assistemático e acrítico. E, mais adiante, levantam outro conjunto de características dessa forma de conhecimento: valorativo, reflexivo, assistemático, verificável, falível e inexato (LAKATO e MARCONI, 1992).

A caracterização do senso comum como uma forma de conhecimento acrítica, que não reflete sobre si mesmo, é assistemática, pois não tem a preocupação de uma sistematização e organização de ideias num conjunto coerente, consistindo, antes numa série de conhecimentos dispersos e desconexos. Também é destacado por Demo, para quem o senso comum: "Não problematiza a relação sujeito/objeto. Acredita no que vê. Não distingue entre fenômeno e essência, entre o que aparece na superfície e o que existe por baixo. Ao mesmo tempo, assume informações de terceiros sem as criticar" (DEMO, 1985, p. 30).

Ainda sobre o senso comum, deve-se destacar seu caráter imediatista, colado às necessidades imediatas, a "dose comum de conhecimentos, da qual dispomos para nossas atividades rotineiras" (Demo, 1985, p. 31) e o fato de ele ser "transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal" (LAKATOS e MARCONI, 1992, p.17).

Em pleno século XXI, apesar das informações imediatistas da internet e de diferentes plataformas digitais, percebe-se ainda o tema sexualidade sendo considerado, pela sociedade, um assunto rodeado de mitos e tabus. Com isso, é papel da família, mas principalmente, da escola trabalhar a Educação Sexual através de discussões orientadas,

desmistificando esses “pré-conceitos” construídos pela sociedade. A contextualização do tema, envolvendo a sexualidade humana é um bom princípio norteador que pode embasar as relações estabelecidas entre o que o aluno sabe sobre o que vai ser estudado e os conteúdos específicos que servem de explicações e entendimento desse assunto. É de suma importância conhecer as ideias prévias do aluno sobre o contexto através da percepção de quais mitos e tabus são mais conhecidos naquela comunidade para depois iniciar a busca pelo conhecimento.

Para Vigotski (2001), por exemplo, é a partir da perspectiva histórico-cultural ou sociocultural que valoriza o elemento sociocultural sobre o biológico-natural (fisiológico), por onde se deve começar, pois para o autor, as fontes de desenvolvimento psicológico não estão no indivíduo, mas na comunicação e nas relações sociais estabelecidas entre as pessoas. Assim, o desenvolvimento é determinado pela evolução cultural da sociedade ao longo de sua trajetória, centrada na composição dialética, na história pessoal e na história da humanidade. Nesse sentido, o fortalecimento cultural pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento das crianças e dos jovens, da mesma forma que a saúde mental e física. Logo, uma boa orientação sexual deve ser sempre flexível para poder se adaptar às diferentes culturas (VIGOSTSKI, 2001).

Independente de como as escolas optarem para trabalharem o assunto, o tema Sexualidade deve ser considerado uma discussão importante à vida e à saúde de todo jovem, devendo ser desenvolvida no ambiente escolar livre de mitos e tabus. Educação Sexual efetiva deve considerar as informações mais apropriadas a cada faixa etária escolar e embasadas em conhecimentos científicos.

2.3. Educação Sexual ou Orientação Sexual? a história e os conflitos com o tema

As dificuldades na definição do termo mais adequado para nomear a atividade realizada pelas escolas, geralmente sob a responsabilidade da disciplina de Ciências e Biologia, já foram e continuam sendo alvo de muita discussão. Na tentativa de compreender esse impasse, pesquisei a definição dos termos “Educação Sexual” e “Orientação Sexual” em diversos trabalhos, estendendo a pesquisa à palavra “Sexualidade” e aos demais termos que, por ventura, surgiram ao longo da pesquisa.

Para melhor compreender o significado das expressões “Educação Sexual” e “Orientação Sexual” realizei uma consulta ao dicionário Aurélio (2014). Encontrei

somente as palavras em separado, como era o esperado. A palavra Educação, por exemplo, apresenta como definição o ato de educar (-se) ou o resultado deste ato. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Já a palavra Orientação é definida como o ato de orientar (-se). Significando direção, guia, impulso, tendência. Ainda, Sexual é descrita como pertencente ou relativo a sexo. Relativo à cópula. Que possui sexo ou que o caracteriza. Erótico, libidinoso. Achei necessário estender a busca à palavra Sexualidade definida pelo dicionário como qualidade ou condição de sexual. Conjunto de comportamentos ligados aos instintos sexuais ou a satisfação de desejos eróticos. A partir dessa busca foi possível inferir que o termo Educação Sexual, segundo o dicionário Aurélio, ficaria mais bem definido de forma sucinta como sendo o ato de educar (-se) algo relativo ou pertencente ao sexo e Orientação Sexual sendo o ato de guiar/dar tendência a algo pertencente ou relativo ao sexo.

Freud (1974) e Foucault (1988), em seus escritos, fazem referência ao termo Sexualidade distinguindo-o de sexo. Para Freud, Sexualidade significava pulsão, libido, uma energia própria do ser humano que se inicia desde o seu nascimento e se difere ao longo da sua vida até a fase adulta. Para Foucault, a Sexualidade sofre influências culturais e históricas, sendo a sociedade que define o que é ético ou proibido nas práticas sexuais. É possível perceber, entre os autores, que estes não relacionaram e/ou estenderam a utilização da palavra a um viés pedagógico, pois não era o principal propósito de seus estudos, no entanto, são autores, amplamente, utilizados por pesquisadores da área da educação, pois seus conceitos podem ser ancorados às situações vivenciadas no campo da educação.

Continuando a busca encontrei, também, dados históricos sobre pesquisas que mostram as primeiras preocupações explícitas com a Educação Sexual de crianças e jovens no Brasil por volta dos anos vinte e trinta do século XX. Em 1922, Fernando Azevedo, expressivo intelectual engajado com as reformas educacionais da época, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre Educação Sexual (CÉSAR, 2009). O intelectual destacava a importância de ensinar a matéria para o “interesse moral e higiênico do indivíduo” e para o “interesse da raça” (MARQUES, 1994). Conforme César (2009 p. 39-40) “assim nascia o interesse da educação nacional pela Educação Sexual como objeto de ensino nas escolas brasileiras”. Em 1933, é criado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o

Círculo Brasileiro de Educação Sexual que editou um periódico chamado *Boletim* até o ano de 1939 (SOUZA, 2002). Estas primeiras tentativas do século XX em defesa da Educação Sexual nas escolas brasileiras ocorreram por meio de pressupostos higienistas e eugênicos (CÉZAR, 2009).

A instituição escolar passou por transformações ao longo do século XX em períodos ora conservadores, ora revolucionários, ora progressistas, ora liberais. Nos anos de 1990, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) as palavras “sexualidade e gênero” passaram a habitar os discursos e as práticas educacionais dos brasileiros de forma mais bem instalada, mas não menos conflituosa (CÉZAR, 2009). Como reflexo dessas políticas educacionais foi publicado um guia denominado Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau em 1994 e apresentado no Fórum Nacional de Educação e Sexualidade que foi traduzido e adaptado por três Organizações Não-Governamentais (ONGs). Ele é a adaptação de um guia de orientação sexual norte-americano e seu prefácio traz o histórico de sua elaboração e da adaptação à realidade brasileira, além de resultados de uma pesquisa em dez capitais brasileiras sobre a aceitação e a necessidade de um trabalho de orientação sexual nas escolas. O guia contém inúmeras informações e conceitos, fundamentais para a compreensão da Sexualidade, divididos em diferentes níveis de complexidade de acordo com a faixa etária do jovem e também sugestões de metodologia para o trabalho de Educação Sexual. Ele não traz um conjunto de prescrições ou receitas prontas para tratar sobre a temática, mas instiga e desafia o leitor e o educador com um texto aberto e crítico que aponta para a possibilidade de melhorar as relações entre os seres humanos, a comunicação, o respeito e os direitos à cidadania. Ainda, conforme o material, o processo de Orientação Sexual cabe à escola, já a Educação Sexual inclui todo o processo informal pelo qual o indivíduo aprende sobre a Sexualidade ao longo da vida, seja este através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia. Ainda o guia nos chama atenção também para o termo Orientação Sexual ser usado, no meio médico, jurídico e da sexologia, para denominar a identidade erótica dos cidadãos em hetero, homo ou bissexuais e que no guia utilizaram a expressão “atração sexual” para tratar do desejo sexual, no sentido de evitar a categorização dos indivíduos e ampliar a visão da Sexualidade.

Uma discussão sobre o emprego de tais termos também foi encontrada na sessão “artigo” do site Boa Saúde em 2000. Este site é voltado ao público leigo que deseja obter

maiores esclarecimentos sobre assuntos de saúde e qualidade de vida e, no artigo, daquela época, foi possível perceber que o termo mais aceito era o de Orientação Sexual. Segundo a matéria, a expressão Educação Sexual já havia caído em desuso e levantava um questionamento se seria possível educar alguém sexualmente. Ainda, indicava que, muitos autores, estariam adotando o termo Orientação Sexual, por este ser uma derivação do conceito pedagógico de orientação educacional, definido como um processo de intervenção sistemática na área da Sexualidade realizado, principalmente, nas escolas. Vale ressaltar, também, que a matéria se baseou no estudo realizado pelo Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau de 1994. Para autores como Santos (2001) a Orientação Sexual, por exemplo, se refere às manifestações do indivíduo e aos estereótipos atribuídos e vivenciados nos relacionamentos humanos, desde o nascimento até sua morte. Para Altmann (2013), o objetivo da Educação Sexual na escola é de certa forma, problematizar o que é preconizado nos PCN, indicando que a escola não é um espaço, absolutamente, neutro em seus interesses. Além de seu papel fornecedor e provocador de conhecimento, o ambiente escolar também atua como um meio de controle e coerção social, buscando produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver a sua Sexualidade. Já Cordeiro (2003), nos diz que a Educação Sexual é muito abrangente, que corresponde à aprendizagem específica sobre os aspectos relativos à Sexualidade. Aprendizagem essa que é um processo contínuo ao longo de todo o ciclo vital e envolve componentes como o físico, o psicológico, o erótico, o genital, a relação didática ou a experimentação, entre outros. Ainda Diniz (2007), acredita que um trabalho de Educação Sexual deve ser problematizado e que a imagem do homem e da mulher deve ser desconstruída, permitindo novas vivências acerca da Sexualidade, bem como o prazer com o próprio corpo e/ ou com o corpo do/a outro/a. Aquino (1997) defende que a escola é um ambiente propício para trabalhar a Educação Sexual e, para isso, deve utilizar metodologias dinâmicas e interativas. Todos apontam para a necessidade da troca de conhecimentos entre professor e aluno, onde o professor deve problematizar os conhecimentos de forma homogênea e com significados, reforçando a ideia de que a Educação Sexual está interligada à vida, além de contribuir para a construção de conhecimento e ampliação da visão de mundo dos alunos.

Figueiró (2010), em sua pesquisa aponta que são utilizados termos variados em toda pesquisa acadêmico-científica brasileira como sinônimos ou em substituição ao

termo Educação Sexual. Entre eles, citam-se: Orientação Sexual, Informação Sexual, Instrução Sexual, Educação Afetiva Sexual, etc. A autora utiliza Educação Sexual porque considera mais adequado, quando nos referimos ao trabalho realizado na escola. Já, o termo Orientação Sexual tem sido, amplamente, utilizado para se referir à diversidade sexual (homossexualidade, heterossexualidade ou bissexualidade) e menos para denominar as atividades educativas e formativas trabalhadas nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010).

Estendendo-se um pouco mais a pesquisa à atualidade ainda foi possível encontrar estudos como o de Matos (2011), que trabalha com a expressão Orientação Sexual referindo-se à discussão de questões polêmicas e delicadas na escola como masturbação, iniciação sexual, o ato de “ficar”², o namoro, a homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia que, segundo a autora, deve ser trabalhado dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, contribuindo para o conhecimento e desenvolvimento da sexualidade atual e futura de crianças e adolescentes. Ainda, Quirino (2013), defende a ideia de que a Educação Sexual se refere a ações pedagógicas e que o professor necessita reformular suas metodologias para ensinar a temática, adaptando conforme a faixa etária de forma a facilitar os processos de ensino e aprendizagem, os mitos e tabus em relação à sexualidade. Para Sfair (2015), a Educação Sexual, não deve apenas abordar aspectos anatomorfofisiológicos na escola, mas, principalmente, promover a reflexão sobre essa temática e apresentar novas possibilidades aos jovens, para além dos aspectos repressores com os quais entram em contato na família, na religião e na sociedade, oferecendo-lhes elementos para desenvolver seus próprios posicionamentos e ações.

Em reunião do Conselho Nacional de Educação, realizado em 2017, onde estavam presentes vários profissionais da saúde e da educação, a Educação Sexual foi defendida como assunto a ser tratado no espaço da escola através da discussão de valores ligados à orientação sexual e à educação sexista. Não apenas as problemáticas relacionadas à sexualidade, mas também na contribuição da formação cidadã e na conscientização da importância do tema, tendo em vista uma nova percepção sobre visão de mundo.

² “Ficar” é uma expressão utilizada, mais ou menos, a partir da década de oitenta, para nomear um tipo de relação na qual há troca de carinhos/carícias, mas que, diferentemente do namoro, não tem o compromisso com o outro como um fator fundamental.

Na revisão de literatura realizada foi possível perceber que atualmente a expressão Educação Sexual passa a representar o ensino sobre a anatomia, a psicologia e aos aspectos comportamentais relacionados à reprodução humana. O principal público alvo são os adolescentes, visando à construção de uma vida sexual saudável, a prevenção da gravidez indesejada, das doenças sexualmente transmissíveis e da violência sexual. Já o termo Orientação Sexual passa a definir as discussões sobre gênero. Com isso, as expressões, preferencialmente, utilizadas nesta pesquisa serão Educação Sexual e Sexualidade, englobando as dimensões fisiológicas, sociológicas e psicológicas da sexualidade.

A partir dessa revisão de literatura foi possível perceber também as mudanças sociais, de valores, de crenças pelas quais a sociedade ao longo dos séculos passa. Independentemente da expressão utilizada é importante compreender que a Sexualidade é uma construção histórico-cultural, resultado de suas vivências singulares que devem ser respeitadas pela sociedade e trabalhadas na escola, a fim de que seja possível formarmos cidadãos mais tolerantes, menos preconceituosos e conhecedores dos aspectos biológicos, sociais e culturais que permeiam o tema.

2.4. Educação Sexual nos documentos oficiais

São várias as políticas públicas e educacionais que amparam e orientam o trabalho do professor com a temática Sexualidade. Dependendo do momento sócio-histórico-cultural, pelo qual a sociedade se encontra é determinante para indicar as formas de abordagem do tema pelas escolas brasileiras. A abordagem já foi desenvolvida dentro de uma visão médico-higienista, ou seja, compreendendo a abordagem do tema apenas do ponto de vista da saúde e dos conceitos biológicos envolvidos com o assunto, assim como uma visão mais progressista, compreendendo que a formação desenvolvida na escola deve garantir a formação sistêmica do sujeito e esta vai além de uma abordagem, meramente, biológica. Vale ressaltar que as políticas públicas, aqui apresentadas, serão consideradas a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 até o presente momento no Brasil com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018 no ensino fundamental.

A atual LDB (Lei 9394/96) é baseada no princípio do direito universal à educação para todos e trouxe diversas mudanças em relação às LDBs anteriores, marcando uma

nova perspectiva na educação. Esta política educacional passou a valorizar a contextualização e a interdisciplinaridade e, principalmente, passou a se preocupar com as metodologias e as práticas dos professores. Quanto ao tema Sexualidade foram propostas indicações para o trabalho com a orientação sexual dentro dos chamados “Temas Transversais”. Segundo a LDB é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de Sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Ainda, segundo a lei, o professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de Sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço coletivo de supervisão dessa prática, que deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo-se, portanto, num espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de orientação sexual (BRASIL, 1996).

A implementação da temática Sexualidade nos currículos escolares brasileiros foi também instituída pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) em 1997, não como disciplina, mas como conteúdo a ser incorporado às disciplinas já existentes, “atravessando” o currículo. No final do século XX, principalmente nas últimas décadas, a abordagem da temática ocupou significativos espaços nos meios de comunicação, tornando-se centro de discussões entre membros de diferentes segmentos sociais mediante os avanços e retrocessos, visto que o tema envolvia valores e crenças, historicamente, arraigados e socialmente construídos.

Em 1998, como indicação da LDB de 1996, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que compreenderam a formação do sujeito de forma integral. Ao tratar do tema orientação sexual, por exemplo, busca considerar a Sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, ao prazer e ao exercício da Sexualidade com responsabilidade. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões de forma a contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. A primeira parte do documento justificava a importância de incluir “Orientação Sexual” como tema transversal nos currículos, discorre sobre a postura do educador e da escola, descrevendo as referências necessárias à

atuação educacional ao tratar do assunto. A segunda parte, constituída pelos blocos de conteúdo e por orientações para trabalhos com orientação sexual em espaço específico, referia-se à abordagem da Sexualidade nos terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental. Além destas informações, trazia estímulo à reflexão dos jovens a partir da problematização e do debate nas diversas temáticas atuais da Sexualidade. O capítulo denominado “Orientação Sexual” estava organizado e dividido em três seções: corpo e matriz da Sexualidade; relações de gênero e prevenção das DSTs e AIDS (BRASIL, 1998). Ainda, segundo os PCNs as escolas que optassem por trabalhar com o tema orientação sexual teriam como resultado o aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com as questões da Sexualidade e do aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Logo, o objetivo deste documento foi promover reflexões e discussões entre técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como entre pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da Sexualidade (BRASIL, 1998).

Em 2013, surge a necessidade da atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Básica (Brasil, 2013). Entre as várias modificações, por exemplo, o Ensino Fundamental com nove anos e a obrigatoriedade do ensino gratuito dos 04 aos 17 anos de idade. Estas mudanças ampliaram, consideravelmente, os direitos à educação das nossas crianças e adolescentes e também de todos aqueles que não tiveram oportunidade de estudar quando estavam nessa fase da vida. Diante dessa nova realidade e em busca de subsídios para a formulação de Novas Diretrizes Curriculares Nacionais, a Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação promoveu uma série de estudos, debates e audiências públicas, com a anuência e participação das entidades representativas dos dirigentes estaduais e municipais, professores e demais profissionais da educação, instituições de formação de professores, mantenedoras do ensino privado e de pesquisadores da área. Este documento aponta para a elaboração de uma Base Nacional Curricular e uma proposta de Educação Sexual a partir de uma visão global e sistêmica, assim como já se intencionavam as DCNs de 1997. Abaixo um trecho em destaque:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular os seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente

(Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, Ciência e tecnologia, diversidade cultural, devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (BRASIL, 2013, p. 115).

Em meados de 2014 iniciaram-se as discussões referentes à criação de uma Base Comum Curricular (BNCC) que segue, rigorosamente, o cronograma estabelecido e pactuado desde o início. Prevista na Constituição Federal de 1988, na LDB de 1996 e de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), a BNCC foi elaborada tendo como objetivo principal a intenção de assegurar uma formação básica comum nas escolas de todo o país, estabelecendo currículos mínimos para minimizar a discriminação, o combate à violência sexual, a diminuição da gravidez indesejada entre as adolescentes e o grande aumento de casos de AIDS entre os jovens.

Após muitas discussões e polêmicas a terceira versão da BNCC (Brasil, 2018) foi aprovada para o ensino fundamental, determinando (não apenas orientando, como faziam os PCNs), os objetivos de aprendizagem que devem ser trabalhados pelos docentes nas diferentes etapas da Educação Básica. A partir de agora as disciplinas passam a serem divididas em “unidades temáticas”, “objetos de conhecimento” e “habilidades”. Na disciplina de Ciências, especificamente, as unidades temáticas são utilizadas das séries iniciais às finais do ensino fundamental, sendo elas: i) Matéria e Energia; ii) Vida e Evolução e iii) Terra e Universo. A abordagem do tema Sexualidade aparece na disciplina de Ciências, pela primeira vez, no 1º ano do ensino fundamental, na unidade temática “Vida e Evolução” que apresenta como objeto do conhecimento, a ser trabalhado, o corpo humano e o respeito à diversidade. O retorno da discussão ocorre apenas no 8º ano do ensino fundamental, cujos objetos do conhecimento se concentram no estudo das dimensões biológicas que envolvem a Sexualidade como, por exemplo, os diferentes processos reprodutivos de plantas e animais e as transformações biológicas ocorridas na adolescência (puberdade, hormônios sexuais, sistema nervoso), bem como os métodos contraceptivos e ISTs. Além disso, apenas em um dos itens descreve as dimensões socioculturais, afetivas e éticas da Sexualidade.

Ainda, com relação às demais disciplinas são encontradas menção ao assunto na disciplina de história do 9º ano, cujo objetivo de aprendizagem consiste no trabalho com as pluralidades, diversidades e identidades da atualidade, deixando em aberto o trabalho com sexualidade humana. Indica, ainda, trabalhar a Educação Sexual através de debates e discussões de forma aberta e clara, sanando dúvidas e ansiedades, possibilitando que

os jovens desenvolvam sua Sexualidade com prazer e responsabilidade. No momento certo, visa garantir a informação e o conhecimento do seu próprio corpo, o desenvolvimento integral do indivíduo e também o respeito ao próximo perante às diversidades sexuais e às problemáticas atuais para a concretização da aprendizagem.

Ainda é possível observar, na escrita da BNCC, as intenções quanto ao perfil do aluno que se pretende formar:

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto de uma escolha errada pode ocasionar no seu futuro, também que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem seu corpo e o respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel da família (BRASIL, 2018).

Com relação ao cuidado com a saúde, é importante destacar a pesquisa de Martins, Santos e El-Hani (2012), que identificaram a existência de três concepções distintas no tema saúde no currículo escolar brasileiro: (1) biomédica; (2) comportamental; e (3) socioecológica. Na abordagem biomédica, a saúde é discutida em oposição à doença; o tratamento e a cura do corpo são privilégios e as influências sobre a saúde oriundas de outros níveis mais elevados do que, simplesmente, o biológico, são eles: os níveis social, cultural e psicológico, que, muitas vezes, são negligenciadas (CARVALHO e CLÉMENT, 2007).

Quando se faz menção aos comportamentos e hábitos de vida associados à saúde, geralmente enfatizado nas dimensões biológicas, alinhando-se a uma abordagem biomédica, ou, mais raramente, discute a necessidade de mudanças de caráter sociopolítico, aproximando-se da abordagem socioecológica. Tesser e Luz (2002, p. 366) destacam, ainda, que a doença se constitui nesse tipo de abordagem, no construto teórico-operacional em que se apoiam os cuidados com a saúde, ou seja, o olhar sobre a saúde e a prática médica é alicerçado na doença.

Diante destes dois polos alternativos que podem sustentar a promoção da saúde, a abordagem comportamental pode ser concebida como uma transição entre as abordagens biomédica e socioecológica. Ela apresenta uma visão intermediária da saúde, na medida em que o seu principal foco não está apenas na vigilância de doenças específicas e dos aspectos nelas envolvidos, mas também em vários outros determinantes que contribuem para a saúde, a saber, comportamentos, hábitos de vida,

escolhas conscientes, convívio familiar, social, entre outros. Na abordagem comportamental, a saúde está entrelaçada tanto às capacidades físico-funcionais (como na abordagem biomédica), quanto ao bem-estar físico e mental dos indivíduos (como na abordagem socioecológica) (WESTPHAL, 2006).

Logo, ao ensinar Ciências é importante os professores compreenderem a visão holística de formação dos sujeitos que nos aponta a BNCC, inclusive com relação à promoção da saúde que, diretamente, apresenta relação com a Sexualidade. No entanto, ao mesmo tempo, este documento é contraditório, pois ao lançar, em 2019, os novos Temas Transversais, agora chamados de “Temas Contemporâneos Transversais” (TCTs) (Brasil, 2019) deixa de fora a temática Sexualidade que, como já discutimos, anteriormente, é fundamental para a formação sistêmica do cidadão, trazendo apenas a visão de saúde dentro da perspectiva da educação alimentar e nutricional. Inclusive, os TCTs foram ampliados para quinze e distribuídos em seis macroáreas temáticas: Meio ambiente – Educação ambiental e Educação para o consumo; Economia – Trabalho, Educação Financeira, Educação Fiscal; Saúde – Saúde, Educação alimentar e nutricional; Cidadania e Civismo – Vida Familiar e Social, Educação para o trânsito, Educação em Direitos Humanos, Direitos da criança e do Adolescente, Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso; Multiculturalismo – Diversidade cultural, Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras; Ciência e Tecnologia – Ciência e tecnologia.

Outro aspecto relevante é que, diferentemente, dos Temas Transversais dos PCNs, os quais não eram tidos como obrigatórios, os TCTs passarão a ser uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação dos currículos e propostas pedagógicas, pois são considerados um conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos têm direito (BRASIL, 2018).

Vale ressaltar, ainda, dentro do retorno dessa visão de mundo e de sociedade que surgem discussões sobre o projeto de lei “Escola sem Partido” (PL 867/2015), ainda em tramitação no Congresso Nacional, que defende a inclusão de seu ideário ideológico nas DCNs. Dentre os princípios defendidos incluem-se a de que ao professor cabe “respeitar o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções” (PL 867/2015), incluindo-se, nesta perspectiva, a Educação Sexual. Logo, os avanços de outrora abrem espaço para vários

retrocessos, deixando incerto o rumo que as discussões sobre a Educação Sexual tomarão.

2.5. Sexualidade na Infância e na Adolescência

Temos que admitir que a Sexualidade se manifeste desde o início da vida e vai acompanhando o desenvolvimento do indivíduo. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da Sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde a sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A Sexualidade não é sinônima de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade. A Sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada um direito humano básico (BRASIL, 1997).

As mudanças físicas correlacionadas com as mudanças psicológicas levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo, mas isto só será possível se o adolescente puder elaborar, lentamente, os vários lutos pelos quais passa, ou seja, o da perda do corpo infantil ou a perda da identidade infantil. Quando o adolescente vive todo esse processo, ele se inclui no mundo com um novo corpo já maduro e uma imagem corporal formada, que muda sua identidade, e é esta a grande função da adolescência, a busca da identidade que ocupa grande parte de sua energia.

Em todas as sociedades, as expressões da Sexualidade são alvo de normas morais, religiosas ou científicas, que vão sendo interiorizadas pelas pessoas desde a infância e por isso podem ser interpretadas como “naturais”. Entretanto, o contexto histórico e cultural determina, em grande medida, as expressões da Sexualidade, pois as aprendizagens que realizamos nesse campo acontecem na medida em que vivemos nossos desejos e nossas relações, em determinado tempo e lugar. Como afirma Jurandir Freire Costa (1994), “cada sociedade inventa a Sexualidade que pode inventar”.

Freud (1974) foi o primeiro a afirmar a existência da Sexualidade na infância, correlacionando-a com as fases de desenvolvimento da criança. Suas declarações foram

muito contestadas pela sociedade, que relacionava, ainda, a ausência de Sexualidade à pureza e à inocência.

As declarações de Freud foram ainda mais valorizadas a partir dos anos 60, com o advento da chamada “Revolução de Costumes”. Nesta época, os questionamentos sobre o valor da repressão sexual e o reconhecimento do sexo como matéria de estudo conduziram à noção de a vida sexuada ser um direito e não um pecado, levando a sociedade à busca do entendimento de sua própria Sexualidade. Durante essa busca, foi encontrada uma infância que, embora sexualizada estivesse exposta à acentuada repressão. Freud entendia que a Sexualidade na infância se desenvolvia através das seguintes fases: fase oral: até o desmame; fase ano-uretral: iniciada com o controle dos esfíncteres; fase genital; fase de latência: dos seis aos dez anos.

A partir dos cinco anos de idade, a criança passa a vivenciar a experiência sexual erótica, ou seja, a experiência sexual da qual a pessoa participa com consciência e envolvimento. Antes desta idade, as experiências sexuais são quase sempre meramente reflexas, isto é, a sensação prazerosa ocorre por acaso, não havendo uma consciente busca do prazer.

Após os estágios de desenvolvimento psicosssexual, a criança inicia o relacionamento interpessoal com outras crianças. A fase de descoberta do seu corpo e do outro. Tem início a socialização sexual da criança e esta etapa ocorre até o início da puberdade. É importante que os pais ajudem a criança a reconhecer o corpo nesta fase com naturalidade, sem reprimir suas atitudes, pois o caráter da criança, nessa etapa, é de reconhecimento corporal e não erótico.

A Educação Sexual deve começar bem cedo, assim que a criança tiver entendimento e o adulto notar alguma curiosidade por parte da criança, os pais precisam dar somente informações corretas, sem tabus e julgamentos, com isso é possível reduzir os altos números de sexo sem segurança e gravidez na adolescência.

O mais importante da Educação Sexual para uma criança é ensinar o que é amar, se relacionar, o que é afeto e privacidade, assim como identificar o que é abuso, ou seja, conseguir reconhecer, respeitar e defender o próprio corpo e o corpo do outro.

A puberdade é um período em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas. É neste período que o corpo se desenvolve físico e mentalmente tornando-se maduro e o adolescente fica capacitado para gerar filhos. Ela não deve ser confundida como sinônimo da adolescência, visto que a puberdade faz parte da adolescência. Nesta fase, são

observadas mudanças tais como: crescimento de pelos, dos testículos e aparecimento dos seios, aumento do quadril nas meninas e tórax nos rapazes. O marco principal da puberdade para os homens é a primeira ejaculação, que ocorre em média aos 13 anos. Para as mulheres, é o início da menstruação, que ocorre em média entre 12 e 13 anos. As características biológicas são universais e ocorrem de forma semelhante em todos os seres humanos. A puberdade também mexe com o emocional dos adolescentes e também em seu comportamento, principalmente em seu desejo sexual. Tanto no menino quanto na menina, não proporciona apenas mudanças físicas, mas, sobretudo, psicológicas. As alterações hormonais despertam a sensibilidade sexual, sendo neste período que muitos adolescentes começam, esporadicamente, a ter relações sexuais.

É importante que os pais percebam a entrada dos filhos na puberdade e procurem entendê-los de forma a facilitar o vínculo afetivo entre ambos. Esta aproximação traz segurança, confiança e estreitamento dos laços afetivos. É importante que os adolescentes sintam que a família é o seu porto seguro e que qualquer dúvida que apareça a família deve estar aberta ao diálogo para prestar os esclarecimentos necessários. Os jovens estão sendo bombardeados pela mídia que vem evidenciando o sexo com erotismo e vulgaridade, o que acaba por propiciar uma iniciação precoce à atividade sexual que pode trazer sérios problemas na vida dos adolescentes, como uma gravidez indesejada. A gravidez precoce ocorre desde os primórdios da civilização. Na antiguidade as mulheres começavam sua vida reprodutiva muito próxima da puberdade, porém eram raras as que ultrapassavam há segunda década devido às complicações decorrentes da gravidez e do parto (MAGALHÃES, 2007; SILVA, 2011).

A gravidez na adolescência não é um fenômeno que ocorre da mesma forma para todas as adolescentes, tanto o significado da gestação, como o impacto da nova experiência irá depender do contexto social em que elas estão inseridas (UNICEF, 2011). Para Dias e Teixeira (2010), a gravidez na adolescência nas classes mais favorecidas tende a não prejudicar a trajetória escolar e profissional das adolescentes, uma vez que elas dispõem de mais apoio e recursos para lidar com esta nova experiência. Para os autores a escola tem um papel fundamental na Educação Sexual dos adolescentes, orientando para que eles aprendam a fisiologia do seu corpo e as formas de prevenção de uma gravidez precoce. Os mesmos autores apontaram que a maioria das mães adolescentes pertencia a famílias de baixa renda e com baixo índice de escolaridade, apresentavam alto índice de reprovação escolar e não possuíam atividade. Para Sabroza

(2004) o preconceito social em relação à gestação é um fator que influencia diretamente nas taxas de gravidez precoce, uma vez que o uso de contraceptivos pelos adolescentes seria a admissão de uma vida sexual ativa. Além desses aspectos, a instabilidade emocional dos adolescentes e a ausência de um parceiro fixo tendem a levar ao abandono do uso de contraceptivos. Desse modo, outros fatores como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, informações mal repassadas e o amadurecimento sexual precoce podem influenciar na antecipação da gravidez na adolescência.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), as complicações relacionadas à gravidez e ao parto estão entre as principais causas de óbito de jovens de 15 a 19 anos de idade no mundo (UNICEF, 2011) quanto para a sociedade, a curto, médio e longo prazo. Outro aspecto que merece destaque é apontado por Moreira (2008), quando assinalam que a maioria das gestantes adolescentes não é preparada física, psicológica, social e economicamente para exercer a maternidade, o que pode comprometer o desempenho do novo papel materno.

Ainda quanto à discussão sobre gravidez, em 2013, a Organização Mundial de Saúde e a ONU lançaram um relatório sobre gravidez na adolescência. Ao todo são 7,3 milhões de adolescentes grávidas. Entre elas, dois milhões têm menos de 15 anos. A previsão é de que, se nada for feito nos próximos anos, esse número salte para três milhões em 2030. Os dados são alarmantes e mostram que 22% das meninas tentam utilizar o método do coito interrompido, que tem um índice de eficácia muito baixo. Além disso, 200 mil mulheres jovens morrem por dia no mundo por problemas em decorrência do parto.

Logo, a adolescência marca o início das atividades hormonais que desencadeiam uma série de alterações corporais e sinalizam que o corpo infantil começa a desaparecer e o corpo juvenil, a emergir (ALMEIDA; RODRIGUES; SIMÕES, 2007). A Sexualidade está presente em todas as fases do desenvolvimento humano, porém, na adolescência, com o aparecimento dos hormônios sexuais, emerge com toda força. Seu corpo está em crescente transformação e em busca por novas experiências os adolescentes acabam trilhando por caminhos desconhecidos. Independentemente do meio social em que vivem e de terem ou não informações prévias dos métodos contraceptivos expõem-se com frequência aos riscos de contraírem doenças e de uma gravidez não planejada. Na adolescência a Sexualidade se mostra de forma mais intensa, pois ocorre a ativação hormonal que atrai a atenção dos adolescentes para a Sexualidade. “As transformações dessa fase da vida fazem com que a adolescente viva intensamente sua Sexualidade”

(CAMARGO e FERRARI, 2009, pag.938). No contexto da adolescência, a manifestação da Sexualidade tem um papel fundamental na formação, na construção, no desenvolvimento da identidade, na estruturação da autoestima, na constituição das relações afetivas e na inclusão do adolescente como indivíduo na sociedade. Nesse sentido, adolescência é caracterizada como um momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não somente a aquisição de uma nova imagem anatômica, mas também a estruturação da personalidade (ALMEIDA, 2008).

As políticas públicas devem fazer com que a educação possa vir contribuir com seus saberes para que a adolescência seja vista como responsabilidade de todos. É obrigação de todo indivíduo saber o que nossos jovens estão fazendo, como estão se comportando e como devem ser compreendidos dentro das relações sociais, das condições de vida, dos valores sociais presentes na cultura, portanto, nossos jovens são responsabilidade de todos que fazem parte de um conjunto social. Tanto pais, professores, familiares e demais integrantes das diversas instituições como as de ensino, pesquisa, saúde, segurança entre outros devem se comprometer, com responsabilidade, na formação e na construção social de nossa juventude.

2.6. Educação Sexual e o contexto da escola

Apesar dos avanços ocorridos na década de 90, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) e as orientações apresentadas pelos Temas Transversais, os professores ainda apresentam justificativas apoiadas em dificuldades conceituais, barreiras pessoais e de formação para trabalhar a Educação Sexual em sua disciplina.

Sobre as dificuldades dos professores em orientar seus alunos, Maia et al. (2006, p. 107) afirmam:

Muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos que podem ser: por razões pessoais, falta de informações específicas voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude o professor a compreender a realizar uma orientação sexual adequada. Porém, a formação destes profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas (MAIA et al, 2006, p. 107).

Neste contexto, Nunes (1997, p. 20) afirma que:

Os educadores são despreparados para assuntos e situações que envolvem a sexualidade, tornando assim o assunto silenciado e vergonhoso. Muitos educadores, frequentemente, afirmam que têm muitos “problemas” com relação à sexualidade. Queixam-se de palavrões, jogos e desenhos, manifestações que, segundo eles, “antigamente não eram assim, havia maior respeito [...]”. Confusos, atribuem essa “permissividade” com plenas certezas à desagregação moral de nosso tempo, lançando abstratamente uma culpa ideal sem sujeito sobre toda a sociedade. Não compreendem que o apelo à sexualidade está muito forte hoje, produzido pelo sistema econômico e dosado a todos os níveis sociais (NUNES, 1997, p.20).

É claro que não se pode generalizar essas opiniões, pois são daqueles professores mais conservadores, portanto é preciso compreender que a Sexualidade não deve ser pensada em um nível, meramente, moral, mas num nível sócio-histórico-cultural. A Educação Sexual deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relativas à Sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da Sexualidade (BRASIL, 1998, p. 34).

O professor, ao trabalhar a Educação Sexual, deverá refletir sobre os objetivos que pretende alcançar, buscando desenvolver pesquisas e trabalhos que venham contribuir para o aprendizado desse conteúdo. Ao elaborar suas aulas, deve recorrer a várias fontes de pesquisa, tendo, para isso, muitas opções de materiais didáticos, como por exemplo: [...] livros, revistas, suplementos de jornais (impressos e digitais), videocassetes, CD-ROM, TVs educativas e de divulgação científica (sinal a cabo ou antena parabólica) e rede web precisa estar presente e de modo sistemático na educação escolar (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2009).

As manifestações de Sexualidade afloram em todas as faixas etárias e devem ser tratadas em todas as séries a partir de abordagens adequadas a cada idade e à necessidade observada pelo professor. Furlani (2009), defende que a escola está sempre atrasada em relação às expectativas e vivências dos alunos, pois espera as mudanças acontecerem, para depois, discutí-las na escola, como é o caso da Sexualidade. Para essa autora, “esperar para abordar a Sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão limitada, baseada na crença de que a ‘iniciação sexual’ só é possível a partir da

capacidade reprodutiva”.

Além disso, a tarefa de trabalhar a Educação Sexual deve ser compartilhada com a família. Muitas famílias realizam a Educação Sexual a partir de explicações sobre “cuidados” recomendados e proibições que, muitas vezes, são carregadas de determinados valores preconceituosos, sem levar em consideração a opinião do jovem. Nesse sentido, Santos (2009), orienta que as discussões e problematizações sobre Sexualidade, na escola, devem articular os conhecimentos científicos com a realidade social e familiar dos alunos, para que essas discussões façam sentido e sejam significativas na vida dos aprendizes. Dessa forma, ao inserir a Educação Sexual na escola, o professor deverá delinear os objetivos que pretende alcançar e considerar questões relevantes para a aprendizagem como a linguagem a ser utilizada e a diversidade da organização familiar.

No entanto, o que se observa é que a Educação Sexual foi desenvolvida nas escolas, por muito tempo, de forma higienista e moralista, buscando a padronização de comportamentos e a repreensão de atitudes desviantes (Santos, 2009), através de aulas em que o aluno não participa, não questiona, assim não é possível gerar conflito cognitivo, nem tampouco superar as dúvidas existentes. Para superar essa visão, os PCNs foram criados dentro de uma visão mais progressista de ensino e embasados em teorias da educação que afirmam ser importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos como o melhor caminho para a aprendizagem. Para além disso, o professor deve utilizar diferentes materiais didáticos que auxiliem na aproximação dos conteúdos com o cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem significativa e, dessa forma, possam rever suas concepções, sentimentos, tabus, medos e angústias relacionados a sua Sexualidade.

Atualmente, a sociedade retorna a uma visão mais conservadora que, por sua vez, provoca reflexos nas políticas educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) que, a partir de sua implementação, retorna a uma visão de Educação Sexual mais higienista de cuidados com o corpo a ser trabalhada, de forma tímida nas séries iniciais. Na sequência, apenas no 8º ano do ensino fundamental na unidade temática “Vida e Evolução” será abordada, novamente. De forma muito tímida, menciona que a Educação Sexual deve considerar as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de sexo, de

identidade de gênero e de orientação sexual.

Diante das atuais circunstâncias, para o êxito da Educação Sexual é necessário que o educador tenha uma consciência de como é importante trabalhar o assunto. É fundamental que acredite e sinta que, para o aluno, é importante aprender sobre a Sexualidade porque faz parte da sua identidade pessoal e de seu processo de desenvolvimento e, sobretudo, porque é seu direito conhecer a respeito. Se o professor não acreditar que seu trabalho é imprescindível para a vida do aluno, não passará segurança para que o educando se sinta à vontade para expor suas dúvidas e angústias. Para que isso ocorra, muitos professores necessitam retornar aos estudos para se tornarem mais confiantes para trabalhar o tema. Com minha experiência, como educadora, foi possível perceber que meus colegas não se sentem seguros para falar sobre o tema que exige conhecimentos e habilidades específicas, sobretudo para saber aproveitar as oportunidades e ensinar a partir delas e das situações recorrentes de sala de aula.

2.7. Revisão de Literatura

Tendo em vista que o presente projeto de dissertação teve como principal objetivo investigar a realidade encontrada nas séries finais do ensino fundamental de uma escola rural a respeito das discussões e concepções sobre a temática Sexualidade, esta revisão de literatura buscou analisar as produções existentes sobre o tema. Para tal, a pesquisa foi realizada em revistas de Ensino de Ciências e Educação, disponíveis no portal de periódicos da Capes, sendo analisadas aquelas classificadas em Qualis A1 até B2, através das palavras-chave Educação Sexual (E.S.), Orientação Sexual (O.S.), Sexualidade (S) e considerados os resultados a partir de 2014. Os critérios para seleção dos artigos levaram em consideração: 1) pesquisas que foram aplicadas na escola e/ou sala de aula com alunos do ensino fundamentais e identificados nas tabelas por “Escola” e 2) estudos teóricos, históricos e filosóficos que utilizaram como objeto de pesquisa a Educação Sexual na Educação Básica - identificado nas tabelas por “Estudos Teóricos”. Para a análise dos dados foi utilizada análise descritiva (GIL, 1999). A Tabela 1 a seguir mostra os resultados obtidos nas revistas de Ensino de Ciências e Educação - *Qualis* A1:

Tabela 1 – Resultado das buscas com as palavras-chave Sexualidade (S), Educação Sexual (E.S.) e Orientação Sexual (O.S.) nas revistas com *Qualis* A1.

Total de Resultados				
Qualis A1	Palavras-chave	Escola	Estudos Teóricos	Ano de Publicação
Cadernos de pesquisa-UFMA	E.S.	0	02	2015
Pesquisa Fundação Carlos Chagas	S	01 01	0	2016 2018
Educação e Pesquisa – USP	E.S.	0	01	2016
Educação e Realidade – UFRGS	S	01 01	0	2014 2015
Investigação no Ensino de Ciências UFRGS	E.S.	0	01	2016
Educar em revista UFPR	E.S.	0	01	2017
Educar em revista UFPR	S	02 02	01 0	2014 2015
Educar em revista UFPR	O.S.	0	01	2015
Ensaio: Avaliação Políticas Públicas em Educação	S	01	0	2017
Revistas Feministas	S	01	0	2014
TOTAL: 17 artigos; 10 revistas				

Fonte: Pesquisadora, 2018.

Nos artigos analisados observou-se que as abordagens presentes nas pesquisas são referentes ao corpo, gênero e Sexualidade, combate a violência homofóbica e estereótipos, contribuição ao estudo de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), construção de identidades docentes e discentes e uma revisão sistemática da literatura sobre Educação Sexual no âmbito escolar. Ainda, foi analisado que entre os 17 artigos encontrados, 10 deles são pesquisas pensadas para aplicação em sala de aula, contra 07 voltados a estudos teóricos e filosóficos.

Dentre os artigos, o que mais chamou a atenção foi a pesquisa de Nicolino (2014), com título “Escolarização da Sexualidade no Estado de Goiás”, publicado na revista *Educa em Revista*. Neste artigo, foi realizado um levantamento das produções sobre o tema Sexualidade por meio de buscas no banco de teses e dissertações do Portal Capes, além dos sites das bibliotecas de universidades públicas e privadas do estado de Goiás que ofereciam cursos de pós-graduação (*stricto sensu*) nas mais diferentes áreas do conhecimento. Foram encontradas um total de 23 pesquisas, entre dissertações e teses. Após a leitura dos textos, foram selecionadas para análise 10 produções (nove

dissertações e uma tese) que contemplavam os critérios adotados e que dialogavam, diretamente, com o objeto em questão.

No trabalho ficou evidente a existência de divergências entre os campos da saúde e da educação sobre quem é (ou deve ser) o/a profissional mais capacitado/a para trabalhar o tema Sexualidade na escola. Enquanto a educação defende a pluralidade profissional e o debate coletivo para articular práticas pedagógicas com as necessidades de cada realidade escolar, os estudos da saúde defendem a/o profissional da própria área como essencial para o processo de escolarização da Sexualidade, sob a justificativa de produzir corpos “saudáveis”. Nossa compreensão corrobora com os profissionais da educação, pois entendemos que a Educação Sexual deve ser trabalhada de forma transversal e plural para que a formação dos cidadãos ocorra integralmente. Na busca por mais produções, abaixo (Tabela 2) serão apresentadas as produções publicadas em revistas *Qualis A2*.

Tabela 2 – Resultado das buscas com as palavras-chave Sexualidade (S), Educação Sexual (E.S.) e Orientação Sexual (O.S.) nas revistas *Qualis A2*.

<i>Qualis A2</i>	Palavras-Chave	Total dos Resultados			
		Escola	Estudo Teórico	Ano da Publicação	
Acta Scientiae: Revista de ECM ULBRA	S	01	0	2016	
Alexandria (UFSC)	S	01	01	2014	
Arete- Revista Amazônica de Ensino de Ciências	S	01	0	2017	
Atos de Pesquisa em Educação (FURB)	S	02	0	2016	
		03		2017	
		02		2014	
Ambivalências	S	01	0	2017	
		01		2016	
Biocense Journal	E.S.	0	01	2017	
Caderno de Saúde Publica	S	01	0	2018	
		01		2017	
Contexto & Educação – UNIJUI	S	03	01	2015	
		E.S.		01	2017
		0		2015	
Cadernos de Estudos linguísticos UNICANP	S	01	0	2015	
Cadernos de Pesquisa – UFM	S	01	0	2016	
TOTAL: 23 artigos e 10 revistas					

Fonte: Pesquisadora, 2018.

Se comparado com as revistas *Qualis* A1 o número de artigos publicados aumentou de 17 para 23 no total. Além disso, a quantidade de artigos voltados às ações de sala de aula também foram expressivos (20), ou seja, os pesquisadores têm se preocupado em buscar diferentes alternativas para trabalhar a Educação Sexual no ambiente escolar.

Entre os 23 artigos encontrados perceberam-se reflexões sobre desafios e possibilidades nas abordagens de gênero e Sexualidade, discussão das questões de corpo, diversidade, raça e etnia e curiosidades de crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade nas aulas de educação sexual. Discussões sobre as problemáticas da influência da cultura ocidental sobre os ritos amorosos e costumes sexuais dos indígenas, formas heteronormativas e sua projeção nas identidades sexuais e as relações que estabelece com os direitos humanos. Ainda, discussões sobre o comportamento sexual de risco na adolescência, as relações de gênero, familiar, grupo de amigos, escolhas e possibilidades preventivas, a questão da Sexualidade e o papel da escola, estudo sobre HIV/AIDS, formação de professores e as questões de diversidade nas aulas universitárias, formação de professores e as políticas de prevenção à violência nos contextos escolares.

Dentre os artigos selecionados, o que chamou atenção foi à pesquisa de Moura (2015), intitulada “Comparação de dúvidas sobre Sexualidade entre crianças e adolescentes”, publicada na revista *Contexto e Educação*. Tendo como objetivo identificar as principais preocupações e curiosidades de crianças e adolescentes sobre sexo e Sexualidade durante ações de Educação Sexual na escola. Participaram da pesquisa 190 adolescentes com idades entre 13 a 17 anos de 13 escolas estaduais e 300 crianças de 9 a 11 anos de três escolas municipais da cidade de Foz do Iguaçu no Paraná. Para a coleta de dados utilizou-se “caixas de perguntas” disponíveis durante e após aulas. As perguntas foram transcritas e categorizadas de acordo com a semelhança do conteúdo. As dúvidas mais recorrentes entre crianças e adolescentes foram por assuntos como gravidez, mudanças corporais, sistema reprodutor masculino e feminino e menstruação. Tais dúvidas foram mais frequentes entre as crianças, os adolescentes apresentaram dúvidas sobre comportamento sexual e DSTs. A autora concluiu que as ações de Educação Sexual nas escolas devem ser flexíveis para corresponder às dúvidas e curiosidades inerentes às diferentes faixas etárias. Na busca por mais produções na sequência (Tabela3) serão apresentadas as produções publicadas em revistas-*Qualis* B1.

Tabela 3- serão apresentadas as produções publicadas em revistas *Qualis* B1.

<i>Qualis</i> B1	Palavras-chave	Total de Resultados		
		Escola	Estudos Teóricos	Data de Publicação
Ambiente & Educação FURG	E.S.	0	01	2017
Cadernos de Educação UFPel	E.S.	0	01	2016
		05		2014
Cadernos Pagu	S	04	0	2016
		03		2017
BMC MEDICAL EDUCATION	S	01	0	2018
Cadernos de Pesquisa PPPGI	S	01	0	2016
Ciência e Enfermagem	S	01	0	2014
Confluente (Bologna)	S	01	0	2016
Diálogos de Maringá	S	01	0	2015
Educativa UCG	S	02	0	2014
Revista de Pós-Graduação em História	S	01	0	2018
Total: 22 artigos e 10 revistas				

Fonte: Pesquisadora, 2018.

Se comparado com as revistas - *Qualis* A1 o número de artigos publicados aumentou de 17 para 22 no total. Além disso, a quantidade de artigos voltados às ações de sala de aula também foram expressivos (20), ou seja, os pesquisadores têm se preocupado em buscar diferentes alternativas para trabalhar a Educação Sexual no ambiente escolar. Já, fazendo-se uma análise comparativa entre as revistas *Qualis* A2 e *Qualis* B1 o número de artigos publicados, voltados às práticas de sala de aula, é muito semelhante entre os dois *Qualis*. Ainda, com relação ao critério “Estudos Teóricos” a quantidade de artigos diminuiu de forma expressiva de (6) em *Qualis* A2 para (2) em *Qualis* B1. A partir desses dados, observou-se que muitos pesquisadores têm realizado investigações, no intuito de discutir o tema e sua aplicação em sala de aula.

Entre os trabalhos pesquisados foram encontradas discussões dentro de temas de cunho social como abuso sexual, desigualdades de raça, Sexualidade e gênero, como voltados às práticas de sala de aula como a utilização de modelos de intervenção em Educação Sexual na escola com a participação da família e uso de novas tecnologias, os temas transversais, entre outros.

Um artigo, dentro do critério “Escola”, chamou atenção. Na pesquisa de Figueiró (2014), intitulado “Repensando a Educação Sexual Enquanto Tema Transversal”

publicada nos Cadernos de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) reflete a respeito da implementação da Educação Sexual nas escolas, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e partindo da análise dos critérios determinantes de sua eleição como tema transversal, das implicações desses critérios no contexto sócio histórico e das dificuldades para implementação. Ainda, discute as possíveis contribuições do ensino da temática Sexualidade via tema transversal e os fatores ou mecanismos que tornaram viável sua aplicação. Além das análises realizadas até o momento, abaixo (Tabela 4) serão apresentadas as produções publicadas em revistas - *Qualis B2*.

Tabela 4 – Resultado das buscas com as palavras-chave Sexualidade (S), Educação Sexual (E.S.) e Orientação Sexual (O.S.) nas revistas com *Qualis B2*.

<i>Qualis B2</i>	Palavras-chave	Total de Resultados		
		Escola	Estudos Teóricos	Data de Publicação
Pesquiseduca – UCS	E.S	0	01	2016
Trabalho, Educação e Saúde	S	01	0	2017
Educação em Revista- UFMG	E.S	0	01	2016
CCES- Psicologia	S	01	0	2014
ACTIO-Docência e Ciência	E.S	0	03	2017
Ciência e Sociedade	O.S	01	0	2016
	S	0	01	2017
Revista Contemporânea em Educação	S	01	0	2017
Revista em Ciências e Matemática – UNIGRANRIO	S	01	0	2017
Revista de Edu. Popular	S	01	0	2014
	E.S	01		2017
Momentos Diálogos da Educação	S	02	01	2014
	E. S	02	01	2016
	O.S	0	01	2017
Total: 20 artigos e 10 revistas				

Fonte: Pesquisadora, 2014.

Comparando-se as revistas *Qualis B1* e *Qualis B2* o número de artigos publicados diminuiu de 22 para 20 no total. Os artigos com pesquisas no âmbito da escola também diminuíram de 19 em *Qualis B1* para 11 em *Qualis B2*. Já, no critério “Estudos Teóricos” houve um aumento significativo de 2 em *Qualis B1* para 9 em *Qualis B2*

A pesquisa analisou trabalhos de Educação Sexual com adolescentes, debates sobre a ideologia de gênero, saúde e o ensino das DSTs para avaliar e analisar a relação entre satisfação sexual e as atitudes frente ao uso de preservativo. A importância de o professor buscar outros recursos educacionais além do livro didático para trabalhar os temas do corpo humano e a Sexualidade nas aulas de Ciências, como a construção de jogos educativos baseados em questões de Educação Sexual. Ainda, oficina como sendo um dos dispositivos pedagógicos que dinamizam os processos de ensino e aprendizagem.

Dentre os artigos pesquisados, podemos destacar o trabalho de Vieira e Reis (2017), denominado “Educação Sexual” jogo educativo para aprendizagem de alunos com deficiência intelectual, publicado na Revista de Educação, Ciências e Matemática da Universidade Unigranrio. O objetivo da pesquisa consistiu na construção de um produto educacional configurado como jogo educativo baseado em questões de Educação Sexual em face da demanda de jovens e adultos com deficiência intelectual em uma escola da Baixada Fluminense/RJ. Essa temática vinculou-se ao exercício da cidadania quando propôs a discussão acerca de conceitos relativos às etapas de vida humana. Nesse sentido foram incluídos no conteúdo do jogo temas como: higiene e alimentação, autocuidado e educação para a Sexualidade, considerando nesse universo valores como: respeito às diferenças, escolhas pessoais e respeito por si próprio. Alguns resultados encontrados foram: vocabulário reduzido quanto às nomenclaturas e terminologias científicas relacionadas ao corpo humano, necessidade dos sujeitos da pesquisa de serem ouvidos sobre suas inquietações oriundas da adolescência e da vida adulta, fato que apontou para uma demanda que necessita ser revista frente ao ensino deste público quanto à urgência em desmistificar o senso comum eminente na comunidade escolar.

Observou-se, ao longo da produção da revisão de literatura, uma variação entre os *Qualis*, quanto ao número de trabalhos publicados, que depende de vários fatores, no entanto, tais implicações não foram o foco de discussão deste trabalho. A seguir, é apresentada a Tabela, contendo um resumo das publicações apresentadas.

Tabela 5 - Número de publicações encontradas no período de 2014 a 2018 em revistas *Qualis* A1 a B2 de acordo com os critérios estabelecidos na pesquisa.

	<i>Qualis</i> A1	<i>Qualis</i> A2	<i>Qualis</i> B1	<i>Qualis</i> B2	<i>Total</i>
Escola	10	20	20	11	61
Estudos Teóricos	07	03	02	09	21

Fonte: Pesquisadora, 2018.

Na maioria dos artigos analisados surgiram reflexões quanto ao critério “Estudos Teóricos” de pesquisas sobre corpo, gênero, diversidade, combate à violência homofóbica e de estereótipos, abuso sexual, contribuição ao estudo de DSTs, o comportamento sexual de risco na adolescência, as relações familiares, os grupos de amigos, escolhas e possibilidades preventivas. Quanto ao critério “Escola” foram encontrados trabalhos que apresentaram possibilidades metodológicas e recursos didáticos para ensinar a temática Sexualidade em sala de aula, bem como discussões referentes ao papel e responsabilidade da escola no preparo de jovens que saibam cuidar melhor de seus corpos, que saibam respeitar à orientação sexual das pessoas, que tomem decisões conscientes quanto ao seu comportamento sexual entre tantas questões relacionadas à Sexualidade.

2.8 Ensino e Aprendizagem: do cotidiano ao conhecimento

Um dos grandes questionamentos que Pozo (1997) apresenta é porque os alunos têm dificuldade de aprender Ciências? Dentro dessa problemática é possível perceber que a resposta está nas estatísticas presentes nas escolas brasileiras em que a cada ano escolar há menos interesse pelos conteúdos e esse desinteresse reflete nas pesquisas científicas e tem sido atribuído às velhas e também as novas reformas educativas. Muitos discentes encontram dificuldades na resolução de pequenos problemas científicos, até mesmo, para elaborar pequenas observações do conteúdo discorrido em sala de aula. É conclusivo que, às vezes, parecem estar entendendo o que o professor está relatando, mas não conseguem explicá-las nem aplicá-las em situações diferentes, principalmente

na sua vida cotidiana. Do ponto de vista de Pozo (1997), o problema é, justamente, que o currículo de Ciências, praticamente, não mudou, enquanto a sociedade e as demandas formativas dos alunos mudaram. O desajuste entre a Ciência que é ensinada (em seus formatos, conteúdos, metas, etc.) e os próprios alunos é cada vez maior, refletindo uma autêntica crise na cultura educacional que requer adotar não apenas novos métodos, mas, sobretudo, novas metas, uma nova cultura educacional que, de forma vaga e imprecisa, podemos vincular ao chamado construtivismo. Não vamos analisar aqui as diversas formas de conceber a construção do conhecimento, o que elas têm em comum e o que as diferencia, dado que há fontes recentes nas quais essa análise é feita de maneira detalhada (CARRETERO, 1993; COLL, 1996; MONEREO, 1995; POZO, 1996b; RODRIGO e ARNAY, 1997).

Neste contexto, para Carvalho (1997) o ensino somente se realiza e merece este nome se for eficaz, ou seja, se o aluno aprende. O trabalho do professor deve ser todo direcionado para a aprendizagem de seus alunos, não exigindo um trabalho de ensino se os alunos não aprendem. Precisamos estar conscientes de que a ação do professor, durante o ensino, é a responsável pela ação dos alunos, na classe, realizando sua aprendizagem. O ensino deve potencializar a aprendizagem. A unidade ensino/aprendizagem precisa ser entendida como dois lados de uma mesma moeda, duas faces de uma mesma aula (CARVALHO, 1997). Dessa forma, o educador deve ser encorajado a olhar em seu planejamento pedagógico e refletir sobre assuntos pertinentes e interessantes que envolvam o adolescente, como sua Sexualidade, por exemplo, tendo como função ajudar na reflexão, possibilitando o desenvolvimento de sua imaginação e sua capacidade de estabelecer coerências, aproximando de sua realidade, contribuindo para a aprendizagem de seus alunos.

Para Sacristán (1998) toda a aprendizagem surge da interação do novo com o existente, por isso é preciso levar em conta a vida pregressa e as necessidades individuais dos alunos. Ao contrário do que expunham os planos altamente estruturados, que buscavam um modelo universal válido para todos os educandos, os professores devem entender o ensino como um processo singular.

O professor tem como primeiro desafio em seu trabalho, ou seja, conseguir que o ambiente de aula funcione que o faça com fluidez, com atritos interpessoais mínimos, que os alunos se envolvam neste funcionamento e, na medida do possível, conseguir que os currículos, por meio de práticas concretas de ensino-aprendizagem, sejam internalizados

com alguma eficácia por parte dos alunos. Nesse caso, é importante que o professor saiba traduzir para a prática concreta a diretriz e seleção prévias de conteúdo, tomar decisões, considerar alternativas e resolver problemas (SACRISTÁN, 1998).

Conforme Anastasiou e Alves (2004), o professor deve ser um verdadeiro “estrategista”, ou seja, deverá estudar selecionar, organizar e propor diferentes recursos didáticos que auxiliem os estudantes se apropriarem do conhecimento. Segundo Sacristán (1998), os recursos que o professor dispõe, não apenas os livros-texto, e sua capacidade para aproveitar e buscar materiais fora das salas de aula, auxiliam-no a escolher as atividades que melhor se enquadram ao que pretende. A própria experiência que o educador possui o fará buscar materiais apropriados, mais variados e atrativos para os alunos. Ainda segundo Sacristán (1998), o tratamento do currículo, na contemporaneidade, pressupõe que se observe sua problemática a partir da reflexão sobre: que objetivo se pretende atingir, o que ensinar, por que ensinar, para quem são os objetivos, quem possui o melhor acesso às formas legítimas de conhecimento, que processos incidem e modificam as decisões até que se chegue à prática, como se transmite a cultura escolar, como os conteúdos podem ser inter-relacionados, com quais recursos/materiais metodológicos, como organizar os grupos de trabalho, o tempo e o espaço, como saber o sucesso ou não e as consequências sobre esse sucesso na avaliação dominante e de que maneira é possível modificar a prática escolar relacionada aos temas. Nesse sentido, Pozo (1996a) afirma:

A ideia básica do chamado enfoque construtivista é que aprender e ensinar, longe de serem meros processos de repetição e acumulação de conhecimentos, implica transformar a mente de quem aprende que deve reconstruir em nível pessoal os produtos e processos culturais com o fim de se apropriar deles. Essa ideia não é, evidentemente, nova, uma vez que, de fato, tem uma longa história cultural e filosófica (Pozo, 1996a).

Ainda, no processo de ensinar e aprender a família ocupa um papel importante, contribuindo no processo, assumindo responsabilidades e atuando em parceria com a escola, ressaltando que cada uma das partes deve preservar suas características próprias. Essa ação conjunta facilitará a adaptação do educando no espaço escolar e sua relação com a aprendizagem, possibilitando uma educação satisfatória. Pode-se perceber que a escola e a família devem buscar parcerias, de forma que os educandos tenham oportunidades de construir conhecimento.

Jardim e Bretas (2006) também ressaltam a importância da escola na construção da aprendizagem em Educação Sexual:

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade (JARDIM e BRETAS, 2006, p. 158).

Também é necessário que haja a inserção de mais programas de ensino voltados à Educação Sexual, principalmente, no âmbito do espaço escolar, pois é na escola que o adolescente adquire conhecimentos, instrução, experiência e formação que leva para sua vida. O ideal seria que a Educação Sexual fosse um tema mais debatido na estrutura curricular de todas as instâncias do ensino, porém para isto necessita-se de mais capacitação e estímulos à formação continuada de professores.

2.9 A Unidade Didática como foco no ensino e na aprendizagem

O ensino por Unidade Didática também conhecida como “*Plano Morrison*³” ou como Plano de Unidades Didática expressa uma proposta de organização e desenvolvimento do ensino pelo professor e da aprendizagem pelo aluno (DAMIS, 2006). Esse plano de ensino partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca no material a ser ensinado que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. Constituem essa concepção de unidade dois elementos essenciais para o ensino: a unidade, que expressa a organização da matéria de ensino em questão de aspectos importantes; da vida, da Ciência, do mundo artístico, da personalidade do estudante, todos os fatores que influenciam nos resultados do processo de aprendizagem. Ainda, segundo a autora os estudos por unidades têm a função de possuir um conteúdo coerente, promover adaptações de aprendizagens, desenvolver experiências e estudos de uma forma em que isso atue na vida do aluno (DAMIS, 2006).

O estudo de unidades consiste em uma sequência de cinco momentos que articulam a organização do ensino e da aprendizagem; exploração, apresentação, assimilação, organização, exposição ou culminância. No ensino por Unidades Didáticas, a organização da aula está fundamentada na concepção global e ativa de percepção da realidade pelo aluno e supõe uma atitude do professor diante da classe para desenvolver

³ Morrison, um educador americano com experiências na Universidade de Chicago e em escolas de Portsmouth e New-Hampshire, partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca material a ser ensinado que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. O plano prevê três tempos para consolidar a aprendizagem: (1) estimulação; (2) assimilação; (3) reação.

o ensino e a aprendizagem. O professor acolhe os interesses dos alunos e propicia que se comprometam com seu desenvolvimento pessoal, que revisem a aprendizagem, que exercitem a autoavaliação e o aperfeiçoamento constante (DAMIS, 2006, p.123).

Ainda, conforme Damis (2006), nessa proposta de Unidade Didática, identifica-se a articulação de três dimensões: a dimensão psicológica, no sentido de estar adequada ao nível sincrético da percepção do aluno, sujeito que aprende; a dimensão lógica, voltada para a estrutura conceitual de um todo em que o conteúdo de ensino se situa; a dimensão contextual, que considera a realidade em que o aluno está inserido. Constituem-se em bases e direcionam os estudos, orientam a seleção e a organização dos conteúdos, a sequência das atividades de ensino e aprendizagem e a avaliação. A definição da organização intrínseca dos conteúdos está fundamentada nas experiências e no contexto sociocultural do aluno. Os conteúdos são traduzidos em atividades individuais e coletivas que propiciam aprendizagens significativas e permitem aos alunos vivenciar experiências, como por exemplo: tomar decisões; desempenhar papel ativo para investigar, expor, observar, entrevistar, em lugar de escutar e silenciar; entrar em contato direto com a realidade e com situações novas que exijam diferentes interesses e níveis de capacidades. Essas atividades visam à aquisição e produção de conhecimentos e possuam um caráter de investigação e de acompanhamento da aprendizagem do aluno (DAMIS, 2006).

Neste contexto, compreendendo que os processos de ensino e aprendizagem são fundamentais, no âmbito escolar, e que a temática Sexualidade é também responsabilidade da escola, desenvolveu-se uma Unidade Didática a fim de investigar como este tema tem sido trabalhado em uma escola rural e quais as concepções dos alunos do ensino fundamental sobre sexualidade, uma vez que este assunto ainda segue envolto em muitos mitos e tabus.

A Educação Sexual ainda tem se limitado a ser trabalhada apenas pelos professores de Ciências e Biologia através de conceitos biológicos e doenças que acometem os seres humanos. No entanto, é sabido que, para o desenvolvimento integral dos sujeitos, são necessárias discussões mais abrangentes que envolvam a compreensão da construção da sexualidade (conceitos e comportamentos) de cada indivíduo. Uma vez que consideramos que o desenvolvimento da sexualidade perpassa todo o desenvolvimento humano, há de se pensar além do conceito de Sexualidade o conceito de Educação Sexual, que se caracteriza como “um processo amplo, exercido ao

longo de todo o processo de desenvolvimento humano, abrangendo aspectos biológicos, psicológicos, culturais e éticos” (TUCKMANTEL, 2011, p. 40).

As informações adquiridas na família e na escola, em relação ao tema Sexualidade, vão se modificando com o tempo de acordo como o amadurecimento dos jovens e, como isso, seus comportamentos. No caso da escola, essa assume o papel de promover a interação e o diálogo entre os educandos, proporcionando-lhes a capacidade de troca de experiências e de interpretação dessas informações, tornando-se um ambiente que possibilita as relações sociais entre os estudantes e auxiliar na sua formação.

Para Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2011, p. 12), “os professores são profissionais essenciais na construção da nova escola”, porque são eles que auxiliam na mediação dos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes. Afirmam, ainda, que, atualmente, os papéis da escola e do professor vão além da formação intelectual dos estudantes, tendo novas demandas na área social e humana, sendo um desafio “educar as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo”.

A temática Sexualidade ainda gera polêmicas e conflitos entre docentes e pais de alunos quando trabalhada em sala de aula. Embora não seja inserida como uma disciplina curricular e entendendo o desenvolvimento humano em uma perspectiva histórico-cultural, uma aprendizagem significativa acerca desta não deve restringir-se aos processos biológicos, mas sim considerar que a Sexualidade abrange as dimensões culturais, psicológicas e históricas do indivíduo (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, a valorização da interação entre alunos e professor é extremamente importante para que os estudantes tenham vontade de compartilhar suas angústias e suas dúvidas, para motivar e catalisar o interesse e a aprendizagem dos conceitos propostos em sala de aula. Como consequência, isso, possivelmente, permitirá que os alunos tenham novos olhares para interpretar e agir sobre o mundo. A partir dessa ideia, aponta-se a importância dos professores entenderem que os estudantes são diferentes e que cada um tem sua história de vida. Nesse sentido, é necessário respeitar suas individualidades e conhecimentos e, com base em sua história, traçar atividades de ensino que possam estabelecer novos e maiores significados e nexos conceituais sobre a realidade, portanto, sendo a Sexualidade uma construção humana. A escola é o lugar

propício para o exercício desses discursos mentais e sociais. O professor, ao incentivar que os estudantes exponham suas ideias permite o desenvolvimento do processo de “intersubjetividade do coletivo, cujo aprimoramento fundamenta o conhecimento objetivo. O processo de objetivação do conhecimento, por ser uma necessidade social, deve ser um eixo central da prática educativa” (GIORDAN, 2008, p. 189).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A abordagem metodológica que será utilizada nesta pesquisa é qualitativa. Segundo Lüdke e André, (1986) esse tipo de abordagem utiliza o ambiente natural como sua fonte direta de dados sendo o pesquisador seu principal instrumento; os dados coletados são principalmente descritivos; há mais preocupação com o processo do que com o produto; o “significado” que os sujeitos dão aos fatos e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; a análise de dados tende a seguir um processo indutivo. Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica que expressa outra maneira de construir o conhecimento, outra concepção da relação sujeito-objeto na produção do conhecimento. Ainda segundo as autoras, o estudo qualitativo é “rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LUDKE e ANDRÉ 1986, p.16).

A metodologia da pesquisa será pesquisa participante. A importância da pesquisa participante está no fato dos objetos estudados serem sujeitos e não "sujeitos de pesquisa", no sentido passivo de fornecedores de dados, mas sujeitos de conhecimento. Para Brandão (1984), trata-se de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Segundo Gil (1999), “a pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação caracterizam-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

3.1 Sujeitos da Pesquisa e o Contexto da Escola

Os sujeitos da pesquisa foram alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins, localizada na colônia do Açoita Cavalos interior do

município de Morro Redondo /RS, onde a pesquisadora atua como professora de Ciências. Os alunos que frequentam a escola, objeto de pesquisa, são, predominantemente, filhos de pequenos agricultores, que auxiliam seus pais nas atividades do campo, no turno inverso da escola. A grande maioria dos alunos gosta da vida no campo, mas a falta de infraestrutura e de atrativos para se manter com as atividades no campo, faz com que estes estudantes sonhem em migrar para a cidade.

Conforme dados de 2010⁴ o nome do município tem sua origem em um morro situado na zona urbana da cidade cujo aspecto apresenta-se arredondado. Morro Redondo possui aspectos predominantes das colonizações alemã e portuguesa, caracterizada pela arquitetura própria da região rural do sul do Estado. O município conquistou sua emancipação política em 1988, deixando de ser o 8º distrito do Município de Pelotas. A população, segundo dados do IBGE/2010 é de 6.231 habitantes, em uma área de 245 Km², sendo sua atividade econômica voltada para a agricultura e o comércio local. A Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins (Figura 01), fundada em vinte e sete de setembro de 1943, tem sua filosofia baseado no seu Projeto Pedagógico como sendo:

A função básica da escola é organizar-se de forma que o educando se torne sujeito e autor de seu aprendizado, que ele tenha acesso ao conhecimento historicamente construído a fim de produzir sua condição de cidadão atuante e em interação com os outros e seu meio, sendo capaz de compreender o mundo e resolver as questões que este lhe coloca (PP 2013, p.4).



Figura 1- Foto da E.M.E.F. José Pinto Martins.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.2018.

⁴ Fonte: Site oficial da Prefeitura do Morro Redondo <<http://www.pmmorroredondo.com.br>>

A escola que hoje possui 76 anos foi inaugurada com o nome de Souza Lobo e as atividades de 1º a 4º ano iniciaram em um prédio alugado, pertencente à Ana Schantz. Devido à demanda de atendimento do ensino fundamental completo a comunidade se organizou em um mutirão e deu-se início a construção de um novo prédio com terreno doado por Trajano Demari. Atualmente, a escola atende o ensino fundamental, contando com 14 professores e 4 funcionários para atender 160 estudantes da pré-escola ao 9º ano, apresentando 12 turmas, sendo seis no período da manhã e seis no período da tarde. Em 2018, quando ocorreu a coleta de dados da pesquisa, as turmas de 7º ano apresentavam um total de 25 estudantes, 09 meninas e 16 meninos, a de 8º ano 14 alunos, 06 meninas e 08 meninos e a de 9º ano 09 alunos, 03 meninos e 06 meninas. Possuíam faixa etária entre 12 á 18 anos, sendo, a maioria, residentes da localidade do Açoita Cavallo. Eram alunos que possuíam uma relação de amizade e confiança e tinham bom relacionamento com a professora pesquisadora e com os demais professores. De modo geral, eram participativos, mas não tinham o hábito de estudar, no entanto, a professora pesquisadora há dois anos desenvolve projetos voltados à Educação Sexual que mobilizam muito todas as turmas de Ciências da escola por se tratar de um assunto de interesse dos adolescentes e por representar o único espaço de discussão sobre o tema. Para a realização deste trabalho foi elaborado um termo de consentimento (Apêndice F) que foi assinado pelos responsáveis dos estudantes já que os mesmos são menores de idade e uma autorização institucional (Apêndice G), assinada pela Secretaria de Educação do município.

Foram utilizados, sempre que necessário, os excertos dos alunos e estes foram destacados no texto em formato itálico entre aspas. Para a análise dos dados e visando preservar a identidade dos alunos foi utilizada a identificação, conforme Tabela 6 apresentada abaixo. Além da identificação das turmas, cada aluno recebeu um número para reconhecimento. Ex: 3T¹ - aluno número 3 da Turma de 7º ano.

Tabela 6- Identificação das turmas.

Turmas	Participantes	Identificação
7º ano	25	T ¹
8º ano	14	T ²
9º ano	9	T ³

Fonte: Pesquisadora, 2018.

3.2 Coleta de Dados

Para registro dos dados da pesquisa foram utilizados como instrumentos de coleta de dados os documentos da escola (Projeto Pedagógico e Regimento Escolar), questionário de avaliação dos conhecimentos dos alunos (Apêndice B), diário de bordo para anotações pertinentes da pesquisadora (Apêndice A), questionário semiestruturado de avaliação e registro dos alunos a cada nova aula da Unidade Didática (Apêndice C).

A U.D. teve as aulas registradas em diário de campo e gravadas em áudio pela professora pesquisadora de modo a possibilitar a união de dados para análise dos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes. A escrita de diário de bordo é evidenciada, por diversos autores, como uma importante ferramenta na formação docente. Para Alves (2001), por exemplo:

O diário pode ser considerado como um registro de experiências pessoais e observações passadas em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar de si mesmo (ALVES, 2001. p. 224).

Ainda, segundo Porlán e Martín (1997), o diário de bordo é um recurso metodológico nucleador de todo o processo. Sua utilização diária permite refletir o ponto de vista do autor sobre os processos mais significativos da dinâmica que está imerso. É um guia para a reflexão sobre sua prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência, favorecendo o estabelecimento de conexões significativas entre o conhecimento prático e o conhecimento disciplinar, que lhe permite uma tomada de decisão mais fundamentada. Através do diário de bordo é possível realizar uma segmentação sucessiva do problema abordado sem perder as referências do contexto. Por último, propicia também o desenvolvimento dos níveis descritivos, analítico-explicativos e valoriza o processo de investigação e reflexão do professor (PORLÁN; MARTÍN, 1997).

O questionário semiestruturado teve como intuito investigar as concepções dos alunos sobre diversos temas, entre eles, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, IST, namoro, homossexualidade, mudanças e cuidados com o corpo. Segundo Miras (2003); Gil (2007) trata-se de um recurso útil para explorar os conhecimentos prévios dos alunos. Também, questionários permitem conservar as

respostas iniciais dos alunos por escrito, podendo ser utilizado para a tomada de consciência, num determinado momento, do caminho percorrido pelos sujeitos (apud BASTOS, 2015, p.47).

Além disso, contou também com o desenvolvimento de um questionário final (Apêndice D) em que os alunos opinaram sobre a realização da Unidade Didática, bem como sobre o desempenho da professora e responderam algumas questões sobre o assunto para que fosse possível averiguar a compreensão dos alunos sobre Sexualidade.

Este estudo gerou um produto final de pesquisa, contendo uma proposta de ensino construída a partir de uma Unidade Didática elaborada e desenvolvida para trabalhar a Educação Sexual no ensino fundamental a partir de diferentes estratégias didáticas.

3.3. Descrição da Unidade Didática

A U.D. como técnica para organização do ensino e da aprendizagem aborda relações de independência entre elementos básicos que integram o ato de ensinar: os objetivos, o conteúdo, a metodologia, os recursos e a avaliação. Por meio dessa técnica, é possível programar o trabalho e decidir sobre os objetivos pretendidos, as atividades para enriquecer as experiências e os estudos dos alunos e a avaliação que acompanha todo o processo. Planejar uma unidade significativa, fundamentalmente, promove a integração das experiências dos alunos num todo de conteúdo significativo e seleciona experiências de aprendizagem em um campo unitário (DAMIS, 2006).

3.4. Proposta de Ensino: Unidade Didática “Falando de Sexo”

A organização da proposta de ensino passou por uma etapa inicial de planejamento, considerando os objetivos do Ensino de Ciências no ensino fundamental. O tema surgiu do interesse dos estudantes pelo assunto e pela importância que possui na desmitificação de mitos e tabus, como contribuição para o conhecimento biológico do corpo, para as discussões e transformações biopsicossociais decorrentes da adolescência, bem como para o estabelecimento de relações entre os conceitos estudados em Ciências e o mundo social em que os estudantes estão inseridos.

Esta U.D. primou por atividades dinâmicas, nas quais os alunos pudessem se sentir estimulados a pensar e a discutir sobre os conceitos trabalhados. O uso de imagens

e vídeos e a produção de recursos didáticos procuraram diversificar a forma como o tema Sexualidade foi trabalhado em sala de aula. Vale ressaltar que esta proposta de ensino apresenta flexibilidade para ser adaptada a outras realidades e contextos.

O ensino através de U.D, segundo Morrison (1931), expressa uma proposta de organização e desenvolvimento do ensino pelo professor e da aprendizagem pelo aluno. Morrison partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca a ser ensinada que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. Essa concepção de unidade expressa a organização do ensino através de aspectos importantes da vida, da Ciência, do mundo artístico, da personalidade do estudante, fatores que influenciam nos resultados do processo de aprendizagem.

3.5. Desenvolvimento da proposta de ensino

A proposta de U.D. foi planejada em um total de 08 aulas (descritas em detalhes a seguir) e desenvolvida com 3 turmas das séries finais do ensino fundamental, identificadas na pesquisa como T¹, T² e T³. Esta proposta foi realizada nas aulas de Ciências ministradas pela professora pesquisadora no III trimestre de 2018, perfazendo um total de 10 semanas. Tais atividades foram realizadas em dias alternados para que o conteúdo correspondente à matriz curricular de cada ano, também fosse desenvolvida.

3.5.1 Aula 1 – História da Sexualidade no Brasil

Objetivo: Espera-se com essa aula que o aluno seja capaz de compreender a construção da sexualidade, no Brasil, ao longo dos séculos formados pela miscigenação de índios, escravos e colonizadores, percebendo suas culturas e costumes.

Duração aproximada: 3 horas/aula.

Estrutura: Dividida em 3 momentos. Trabalhada individualmente em cada turma. No primeiro momento, realizar uma problematização, com a seguinte pergunta: Que imagem vocês têm dos povos que habitaram o Brasil no período de sua descoberta e durante o Brasil colônia?

Após debater com os alunos sobre suas diferentes ideias a respeito dos hábitos e costumes dos índios e negros, foram descritas as primeiras impressões dos colonizadores portugueses com a relação à forma como os índios encaravam a nudez e o conhecimento

do sexo que já possuíam desde sua infância. Esse conhecimento provém por não existir intimidade no momento da relação sexual pela estrutura das habitações que além de pequenas, eram coletivas, pela observação das atitudes dos adultos e por informações fornecidas por outros jovens ou pelos idosos. Outro ponto também debatido foi como os negros escravos eram tratados ao chegar ao Brasil.

No segundo momento foi realizada uma intervenção, utilizando as imagens retiradas do livro “História da Sexualidade Brasileira” de autoria de Fabio Ramos Martins de Siqueira (2008). As imagens foram impressas para manuseio e também para discussão entre os alunos que, divididos em grupos, deveriam escolher aquela que mais lhe chamou a atenção. Abaixo as figuras usadas na Aula 1.

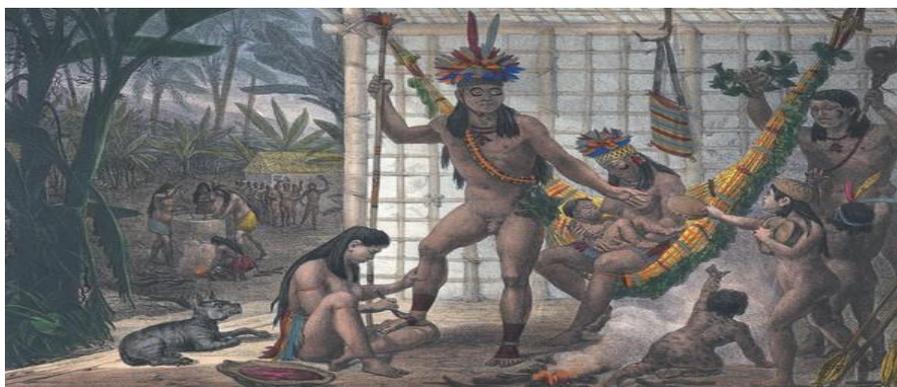


Figura 2- Família de um chefe Camacã preparando-se para uma festa (Jean Baptiste Debret).
Fonte: Siqueira (2008).

A Figura 2 retrata uma família indígena, a Família Camacã, preparando-se para uma festa. A posição central do índio retrata a figura do chefe de família, cercado pelos filhos e mulheres; destaca o papel privilegiado do homem. Uma mulher amamenta o filho, outra pinta o seu pé e outras ao fundo preparam a mandioca, o que indica o papel de subordinação que elas exerciam, assim como retrata a estrutura de uma poligamia. Apresenta, também, a forma de habitação coletiva, em que a relação sexual não era realizada na intimidade e as crianças já tinham conhecimento do sexo através da observação dos adultos.



Figura 3 - Aldeia de caboclos em Catagalo (Jean Baptiste Debret)
Fonte: Siqueira (2008)

A cena (Figura 3) representa a chegada de dois viajantes europeus, introduzidos numa aldeia por um caçador que oferece uma garrafa de aguardente a fim de facilitar a recepção. As mulheres exprimem movimento de pudor que lhes é natural em semelhantes circunstâncias. Alertadas pelo latido dos cães, uma esconde o busto cobrindo-o com seus longos cabelos negros puxados para frente, enquanto a outra se esforça, para aproximar o pé da parte que deseja subtrair ao olhar dos estranhos; a mãe que amamenta fica imóvel. O chefe da aldeia, no fundo do primeiro plano, está sentado no chão e cercado de jovens assustados e aguarda a aproximação dos visitantes.



Figura 4- Soldados índios da província de Curitiba escoltando selvagens (Jean Baptiste Debret)
Fonte: Siqueira (2008)

A Figura 4 mostra soldados índios de Curitiba escoltando duas mulheres selvagens algemadas carregando cinco crianças que estão chorando de fome e mais dois soldados que estão acompanhando.

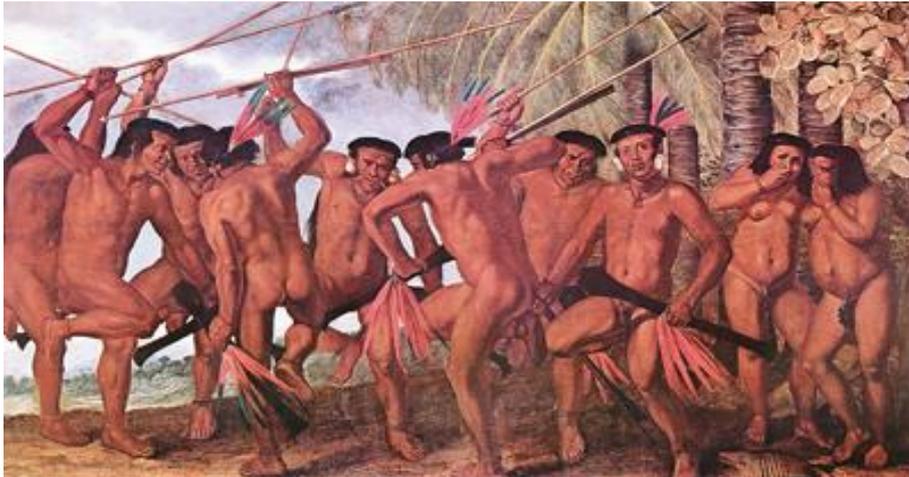


Figura 5- Dança dos Tapuias (Albert Eckhout)
Fonte: Siqueira(2008)

A imagem da Figura 5 destaca o registro de um ato cerimonial, a dança Tapuia, que representa a preparação para o confronto com o inimigo. A cena é composta por oito índios e duas índias além de um animal específico, um tatu, representando a zoologia do lugar.

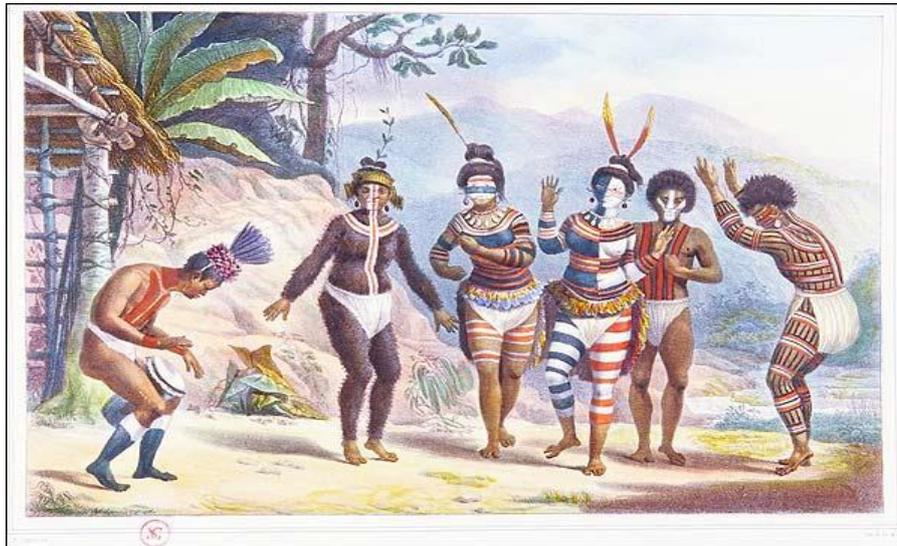


Figura 6 - Dança de Selvagens da missão de São José (Jean Baptiste Debre).
Fonte: Siqueira (2008)

A Figura 6 representa a cultura dos índios aos seus deuses, mesmo os colonizadores tentando deteriorar suas identidades e costumes (tentativa de vesti-los) e acirrando preconceitos que repercutiram na formação da sexualidade brasileira.

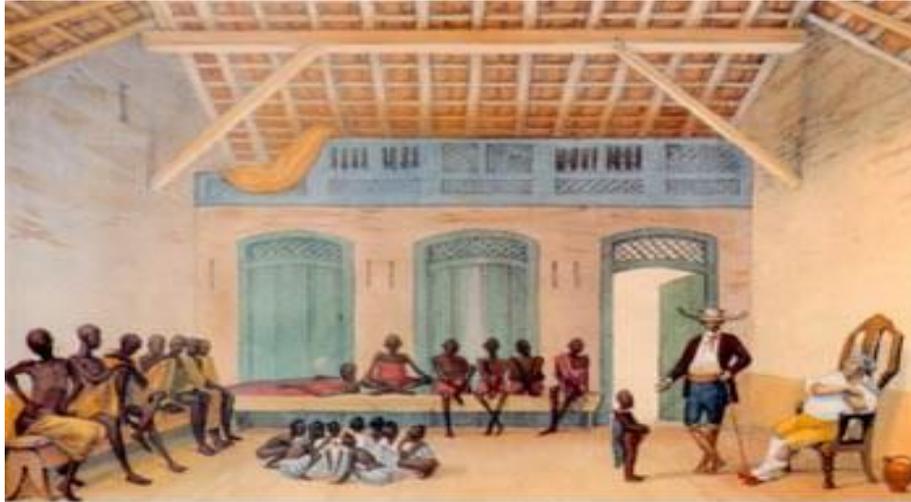


Figura 7- Mercado da Rua do Valongo (Jean Baptiste Debret).
Fonte: Siqueira (2008)

A Figura 7 retrata a comercialização de escravos, que, após negociação, se tornavam propriedade do seu senhor e além do trabalho na lavoura também serviam de objeto sexual.



Figura 8- Negros novos (Johann Moritz Rugendas).
Fonte: Siqueira (2008)

A imagem da Figura 8 retrata as práticas homoeróticas entre jovens adultos que usavam vestimentas e adornos de outro gênero e dedicavam-se às tarefas praticadas, usualmente, pelo sexo oposto.

Já, no terceiro momento da aula foi proposta, como atividade, que os alunos realizassem uma releitura da imagem escolhida através do desenvolvimento de um

desenho, escolhendo, inclusive, o título de sua arte. Atrás da folha deveriam descrever as características da(s) pessoa(s) ali retratada(s), situação onde ela(s) se encontrava(m), o que a(s) levou/ram estar(em) ali. Após, os desenhos foram recolhidos e analisados. O objetivo dessa atividade foi trabalhar com os alunos suas construções sociais dos povos indígenas, negros e colonizadores através de desenho.

3.5.2 Aula 2 – Sexualidade e adolescência

Objetivos: Pretende-se, com esta aula, que os alunos sejam capazes de:

- Conhecer melhor seu corpo;
- Compreender que o sistema reprodutor é tão importante quanto os demais sistemas do corpo humano, entendendo que é de total responsabilidade de cada pessoa os cuidados e o respeito com o mesmo;
- Compreender que a sexualidade, além de seu funcionamento biológico, envolve sentimentos e emoções nos seres humanos.

Duração Aproximada: 6 horas/aula

Estrutura: Dividida em dois momentos. Trabalhados individualmente em cada turma. No primeiro momento da aula foi apresentado os seguintes temas: i) As mudanças do corpo na adolescência; ii) O sistema genital masculino e feminino; iii) As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Métodos Contraceptivos.

No segundo momento foram utilizados vídeos instrutivos como: “Anos Turbulentos da adolescência” – baseado no texto de Jaime Kemp de 07min:31seg de duração, “O que é adolescência” com duração de 17min:24 seg, de autoria dos alunos do ensino médio de uma escola pública chamada Pietro Petri na cidade de Mairiporã/SP.

3.5.3 Aulas 3 e 4 - “Eu me amo, eu me cuido”

Objetivo: - Promover o esclarecimento dos mitos e tabus sobre o namoro, a relação sexual, a pedofilia e os cuidados com o corpo.

- Despertar a consciência sexual como algo intrínseco à existência humana.
- Permitir que os alunos falem sobre o tema.

Duração Aproximada: 2 h/aulas

Estrutura: Realizar uma roda de conversa intitulada “Eu me amo eu me cuido” cujo

objetivo consiste em trabalhar as questões relacionadas a temas como namoro, relações sexuais, pedofilia e cuidados com o corpo, com o intuito de promover discussões que viabilizem o esclarecimento, diminuindo mitos e tabus inerentes ao tema Sexualidade.

3.5.4 Aula 5 – Jogos didáticos

Objetivos: - Construir conhecimento sobre o tema Sexualidade de forma lúdica;

- Aprender a trabalhar em equipe;
- Aprender a realizar pesquisa;

Duração Aproximada: 6 h/aulas

Estrutura: Dividida em três momentos: i) foi realizada a retomada de conceitos trabalhados e discutidos nas aulas anteriores, além de respondida as perguntas depositadas na caixa de dúvidas. ii) foram distribuídos jogos pedagógicos sobre assuntos diversos, e proposto que se reunissem em grupo para jogar, salientando que prestassem atenção nas regras dos jogos e como foram confeccionados para que estes pudessem ser fonte criativa para confecção dos seus próprios jogos. iii) os alunos, divididos em grupos, confeccionaram um jogo pedagógico, sendo de sua livre escolha os membros do grupo, o tipo de jogo, o material utilizado e o assunto desenvolvido. Vale ressaltar que a escolha do assunto ocorreu entre aqueles já debatidos nas aulas sobre Educação Sexual. Para a qualidade da atividade, em uma escola pública, por exemplo é importante que a escola consiga fornecer o material básico para os alunos como: folhas de ofício, papéis diversos (pardo, cartolina, E.V.A, etc), lápis de cor, canetões, computador e impressão. A consulta bibliográfica foi realizada através do livro didático e da internet.

3.5.5 Aulas 6 e 7 – Ficção ou realidade?

Objetivos: - Discutir sobre a gravidez na adolescência e os cuidados necessários para preveni-la;

- Compreender os impactos que a gravidez traz para a vida estudantil, familiar, financeira e pessoal dos adolescentes;
- Aprender a trabalhar em equipe;
- Despertar o prazer por aprender a partir de uma metodologia diferenciada;
- Valorizar o trabalho e esforço dos alunos;

- Transversalizar a discussão sobre a educação sexual;

Duração Aproximada: 9 h/aulas

Estrutura: Dividida em 3 momentos. i) os alunos assistiram a um documentário denominado “Meninas” de autoria de Sandra Werneck com duração de 1h e 10 minutos. Esse material aborda os principais problemas que envolvem a gravidez na adolescência, o despreparo dos jovens com a vida sexual e os cuidados que se deve ter para evitar uma gravidez indesejada. ii) após, se organizaram para montar o roteiro do filme. No caso das turmas pesquisadas foi proposto que organizassem um grupo no *whatsapp*, envolvendo as três turmas para trocas de ideias sobre o roteiro. iii) após a organização dos roteiros, em uma reunião com todos os participantes foram escolhidos os personagens que cada um iria representar. Após os ensaios, foi filmado e editado o necessário, para depois iniciarem as apresentações. A utilização do filme como recurso didático possibilitou que os adolescentes encontrassem uma nova maneira de pensar e refletir sobre os principais problemas que envolvessem sua família, escola, amigos e namorados, auxiliando a sanar suas angústias, compreendendo que muitas são passageiras, outras poderão acompanhá-los pelo resto de sua vida. Quanto à utilização de filme na escola, Santos (2011, p.35) afirma que propicia discussões e questionamentos que perpassam conteúdos de disciplinas escolares e podem abordar questões éticas, morais e sociais, além de temas polêmicos da atualidade, pois são:

Fontes de informação sobre a ocasião em que foram produzidos, refletindo a realidade política e social daquele momento. E, é assim que, ao utilizarmos filmes em sala de aula, estamos proporcionando aos alunos a oportunidade de refletir sobre questões sociais, políticas, culturais ou históricas, com diversidade e originalidade. Dessa forma, o cinema propicia a ampliação de mundo e o conhecimento de outras realidades (SANTOS, 2011, p.35).

Para finalizar esta atividade da pesquisa foi solicitado que os alunos respondessem a um questionário de observação. A encenação foi uma opção interessante e motivadora, que deixou de ser, meramente, ilustrativa e dialogada e passou a ser algo possível de vivenciar e mais próximo da realidade, das histórias da comunidade escolar, tornando um momento crítico e reflexivo de aprofundamento do assunto aliado ao prazer lúdico que a arte de dramatizar provoca no processo de aprendizagem.

3.5.6 Aula 8 – Cartilha do adolescente

Objetivos: - Sanar dúvidas remanescentes sobre os assuntos discutidos;

- Organizar os conhecimentos com construtos teóricos sobre os temas trabalhados;
- Promover a informação e disseminar o conhecimento;

Duração Aproximada: 6h/aulas

Estrutura: Para finalizar as discussões sobre a temática Sexualidade e para encerramento da U.D. uma opção foi trabalhar com a produção da cartilha do estudante (Apêndice I). Nesta pesquisa, este material foi confeccionado pela professora pesquisadora e foi entregue aos estudantes. Este material contém informações sobre os principais temas discutidas na U.D., bem como informações úteis sobre as mudanças (corpo e comportamento) ocorridas com a chegada da adolescência.

Para o fechamento da U.D. um questionário (Apêndice D) foi aplicado com o intuito de promover a reflexão do professor sobre o que era necessário melhorar, pois o trabalho com Educação Sexual deve ser constante e renovado de acordo com as necessidades de cada turma e do momento em que a sociedade se apresenta para que este cumpra seu papel na desmitificação de tabus e mitos, na orientação de cuidados com o corpo e na compreensão de que a Sexualidade vai além somente do ato sexual.

3.6 Análise dos dados da pesquisa

A análise de dados foi descritiva. Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Para Triviños (1987, p. 110), “o estudo descritivo pretende discorrer “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”, cuja intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises do processo de ensino, referentes à proposta de Unidade Didática desenvolvida, a partir das ações da professora pesquisadora na disciplina de Ciências, da análise dos documentos oficiais da escola, bem como dos registros escritos e das atividades desenvolvidas pelos alunos.

Quanto aos documentos oficiais (Regimento Escolar e Projeto Pedagógico) foi possível observar que o Regimento Escolar, em vigor na escola desde 2014, passou por uma adaptação na gestão de 2018, sem consulta aos professores e aprovação do Conselho Municipal de Educação. Neste documento não há menção à Educação Sexual, mas somente ao regramento padrão (normas e condutas) necessário à administração de uma Instituição de Ensino. Assim como, o Regimento Escolar, o Projeto Pedagógico da escola não apresenta nenhuma menção de como a escola se organiza para trabalhar o tema Educação Sexual com seus alunos, além disso, o PP se encontra desatualizado, sendo sua última modificação realizada em 2013. Nesse sentido, Moizés e Bueno (2010 p. 206), chamam atenção ao afirmar que “é responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral da criança e do adolescente e, portanto, discutir a Sexualidade com vista a promoção da Educação Sexual”. A professora pesquisadora ciente de que a escola não apresentava nenhuma ação voltada ao assunto e por observar um número crescente de adolescentes grávidas na escola foi que, desde 2016, tem trabalhado nos 3º trimestres do ano letivo com um projeto de Educação Sexual na disciplina de Ciências com todas as turmas (6º a 9º anos do ensino fundamental), em dias intercalados com os conteúdos referentes à matriz curricular obrigatória. Vale salientar, que esta ação não conta com a participação dos demais professores da escola. De acordo com Fiorini e Luz (2013), o tema Sexualidade acaba sempre ficando sob a responsabilidade do professor de Ciências e Biologia, alegando os demais docentes, entre outras justificativas, despreparo para trabalhar o assunto ou sob a responsabilidade de algum palestrante que, geralmente, apresenta discurso pronto e fora do contexto dos adolescentes. Esse comportamento, no ambiente escolar, dificulta a transversalidade do assunto, amplamente, incentivada na década de 90 e no início dos anos 2000 através dos Parâmetros Curriculares Nacionais / Temas Transversais (Brasil, 1997) que orientavam o trabalho de Educação Sexual a partir de uma visão holística.

Com relação ao questionário para levantamento dos conhecimentos dos alunos sobre sexualidade (Apêndice B), este foi aplicado aos 48 alunos participantes, somando-se os estudantes dos 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental. Foi possível perceber que a média de idade variou entre 12 e 18 anos, havendo uma grande distorção idade/série com percentuais em T¹ de 25%, T², 45% e T³, 50%. Essa distorção, nesta escola, está ligada a situação socioeconômica dos alunos, bem como a evasão e o abandono escolar. Muitos abandonam a escola com a intenção de trabalhar, pois necessitam de recursos imediatos para sua sobrevivência, justificando que o estudo é um investimento a longo prazo e a necessidade da família é imediata. Outro problema é quando o aluno deixa de ter uma única professora e entra no processo multisseriado. Neste momento, há uma explosão na repetência, ocasionando o abandono. Outros fatores sociais, como migração dos pais, gravidez na adolescência e a pouca valorização que a família atribui aos estudos e às atividades escolares são também causadores da repetência e do abandono da sala de aula.

Quando é perguntado aos alunos o que significa Sexualidade, 46% dos alunos não souberam o que significa, os outros 50%, relacionaram o termo apenas a sexo como prática sexual. Apesar dos avanços da atualidade, com relação ao assunto, ainda existem muitos tabus e mitos associados. Para, além disso, as diferentes mídias ainda tratam do assunto, associando Sexualidade unicamente ao sexo, corroborando com os dados apresentados nesta pesquisa. Segundo Moizés e Bueno (2010, p. 206):

Quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. É preciso compreender que a sexualidade é parte integrante e indissociável da pessoa não implicando, necessariamente, em seu aspecto reprodutivo e que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra (MOISES E BUENO, 2010, p.206).

No entanto, quando se modifica a pergunta (pergunta 04) e os alunos são questionados se sexo e Sexualidade apresentam o mesmo significado, 23% dos estudantes afirmaram compreender os termos como diferentes. Entre as justificativas mencionaram as seguintes afirmações: “*Sexualidade é o que a pessoa sente, e sexo é só o ato sexual*”; (5T³) “*Sexualidade é o que faz o sexo ficar bom*”. (8T²)

O fenômeno puberdade/adolescência não pode ser estudado isoladamente. Segundo Osório (1989) e Chipkevitch (1995), a puberdade corresponde às modificações biológicas e a adolescência, às transformações biopsicossociais. A puberdade inicia por

volta dos 9-10 anos de idade. Conforme Tiba (1994), é nesse período que a criança perde o modo infantil e sente as primeiras modificações corporais. Quando perguntado aos alunos se eles faziam ideia se em seu corpo estavam ocorrendo mudanças, em uma análise geral de todas as turmas participantes foi constatado que 75% dos alunos afirmaram que não sabiam. Esse alto percentual talvez se justifique porque os alunos podem não ter compreendido a questão corretamente ou porque até o momento não haviam observado modificações ou porque tais mudanças ainda trazem muitas confusões que não permitem a adequada compreensão. Neste viés, de acordo com Fiorini e Luz (2013 p. 05),

A ocorrência dessas mudanças, além de serem normais, são confusas para o adolescente, pois envolvem o todo, inclusive a convivência diária com seus pais. Os pais esperam que o adolescente se comporte como um adulto, mas geralmente ainda o tratam como criança, gerando conflitos. Estes conflitos podem ser gerados por vários fatores, sendo um deles a transformação do corpo bem como todo o conjunto que forma a sexualidade (FIORINI e LUZ, 2013 p.05).

Já, os demais (25%) afirmaram que observam mudanças no seu corpo. Nos diálogos informais realizados com a professora e registrados no diário de bordo foi possível observar algumas de suas angústias: *“professora tô mais alto(a) que a senhora”*(9T²) *meu corpo tá cheio de pelos e espinhas*”(7T²), *“Cada dia que vou botar uma roupa ela tá mais curta e apertada”* (3T¹); *“Essa turma só tem baixinhos”*(6T¹), *“Odeio ficar menstruada é só para deixar a gente com cólicas e toda inchada”*(5T³).

Além disso, 79% dos estudantes mencionaram que falar sobre a Sexualidade é algo muito importante, pois além de obter informações sobre o assunto, auxiliará quando forem adultos. Interessante observar a fala do aluno 7T² quando, em uma roda de discussão, a professora pesquisadora usou a palavra pênis para descrever a forma correta de lavar o órgão genital, o aluno espantado perguntou: *“Professora o que é pênis?”* no mesmo instante foram muitas risadas e uma chuva de nomes para identificar o órgão em questão. Então, o indaguei: *“Como é o nome do órgão que tu fazes xixi?”* O menino com um sorriso envergonhado respondeu: *“ahhh é isso..., achei que a senhora não podia estar falando disso na aula”* (7T²). A sociedade discute sobre a idade correta para se apropriar do assunto como se esse conhecimento fosse importante apenas na vida adulta. Na verdade, essa compreensão de Sexualidade é reflexo do discurso de muitos pais, professores e dos meios de comunicação. Neste contexto, para Bonfim (2012, p.114):

As pessoas hoje têm acesso fácil às informações sobre sexo, mas continuam mantendo visões limitadas e distorcidas sobre a sexualidade, como já dissemos em outro momento; há uma grande diferença entre informar e formar, educar e conscientizar (BONFIM, 2012, p.114).

Ainda, segundo a autora,

Os meios de comunicação criam símbolos sexuais e significações que influenciam profundamente o comportamento social, especialmente de crianças e adolescentes que ainda não possuem discernimento para refletir acerca desses “modelos” estrategicamente idealizados para favorecer a venda de produtos ou de comportamentos ditos “modernos” (BONFIM, 2012, p.114).

Na questão 05 quando questionados sobre suas opiniões acerca da gravidez na adolescência, 37,5% dos estudantes afirmaram que ocorre por falta de informação, 35,4% mencionaram que isso impede os adolescentes de “aproveitarem a vida”⁵ e 27% dos jovens consideraram que uma gravidez muito precoce é sinônimo de “erro”. Corroborando com esses dados, Dias (2000), discute que:

A gravidez na adolescência, desejada ou não, provoca um conjunto de impasses comunicativos no âmbito social, familiar e pessoal. No âmbito social, lamentam-se as falhas dos programas de educação sexual que, aparentemente, mostravam de modo claro e convincente como iniciar e usufruir com segurança a experiência da sexualidade. No âmbito familiar, a gravidez na adolescência parece indicar dificuldades nas relações entre pais e filhas e nas condições contextuais para o desenvolvimento psicológico da filha. No âmbito individual, a jovem gestante se questiona “por que isso aconteceu comigo?” e “que será agora de minha vida?”. Em outras palavras, a gravidez na adolescência traz sérios problemas para programas de saúde pública, para projetos educacionais, para a vida familiar, e para o desenvolvimento pessoal, social e profissional da jovem gestante como vem sendo reconhecido pela literatura (DIAS, 2000).

No caso da escola pesquisada, as adolescentes, quando engravidam, abandonam os laços de amizade e não retornam mais para a escola depois da maternidade. No ano de 2017, durante o andamento da pesquisa, uma aluna de 13 anos, vinda de outra localidade, começou a frequentar a escola no meio do ano e foi matriculada na turma do 7º ano. Ninguém sabia que estava grávida, quando percebi a gestação perguntei e ela que me confirmou. Disse que não precisava ter vergonha e que iria ajudá-la no que estivesse a meu alcance. Informei à direção e aos demais colegas e solicitei que trabalhassem de forma diferenciada de forma a mantê-la na escola, pois sua gestação se encerraria antes do término do ano letivo. No entanto, a aluna em 2018 não regressou,

⁵ Aproveitar a vida para alguns jovens é poder sair, fazer festa, ficar, namorar, transar sem compromissos emocionais e financeiros.

pois foi morar com o pai da criança, em outra cidade, mesmo seus pais não apoiando sua mudança.

Com relação ao conhecimento e utilização de métodos contraceptivos, os jovens mencionaram a camisinha (52%) e o anticoncepcional (48%) como os mais conhecidos. Esses resultados estão relacionados aos conhecimentos e hábitos dos brasileiros quando se fala em prevenção. Segundo, informações do site das Nações Unidas/Brasil⁶, em pesquisa realizada em 2015 no Brasil, os métodos mais utilizados foram a ligadura das tubas uterinas, o anticoncepcional, a camisinha e a vasectomia. Além disso, quando os estudantes foram indagados quanto à utilização de algum método contraceptivo, alguns relataram que fazem uso frequentemente. Entre as meninas foi possível constatar que aquelas que têm ou já tiveram namorados usam anticoncepcional regularmente por indicação de amigas sem ter acompanhamento médico.

Ainda, as dúvidas e questionamentos sobre Sexualidade, outra questão do instrumento investigativo, segundo os adolescentes, são retiradas com os pais (48%), amigos (42%), internet (8,3%) e com a professora de Ciências (2%). Em pesquisa semelhante com alunos do 9º ano de uma escola pública do Paraná, Grisante e Maistro (2014) encontraram uma realidade diversa da pesquisa realizada com alunos de Morro Redondo. As autoras constataram que a maioria dos alunos adquiriu esse conhecimento com amigos e internet, não mencionaram pai ou mãe, revelando que pouco se discute sobre essa temática no ambiente familiar. Apesar dos pais apresentarem um protagonismo na Educação Sexual dos jovens de Morro Redondo, ainda muitos alunos recorrem aos amigos para tirar suas dúvidas. Para Egypto (2003), cabe à família, em primeiro lugar, a função de educar os filhos para a Sexualidade. Mas nem sempre é isso o que acontece, seja por questões religiosas, culturais ou falta de preparo, deixando os adolescentes à mercê das informações e estímulos que permeiam o cotidiano destes. Neste contexto, também, quando perguntado aos 48 alunos se, em consulta médica, já haviam perguntado sobre métodos contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez entre outros assuntos, 96% dos adolescentes afirmaram que “não”; apenas os 4% restantes relataram ter perguntado sobre o uso de anticoncepcional.

Quando perguntado de que forma os alunos gostariam de aprender e se informar mais sobre o assunto, 48% afirmaram através de vídeos educativos, 27% através de

⁶ <https://nacoesunidas.org/cerca-de-79-das-brasileiras-usaram-metodos-contraceptivos-em-2015-informa-onu/>

palestras, 21% a partir de diálogo com o professor em sala de aula e 4,1% através da utilização da internet. Segundo Grisante e Maistro (2014 p. 14), “os vídeos podem ser grandes aliados nos processos de ensino e aprendizagem da Sexualidade, pois quando estudamos de maneira prazerosa, tornamos a informação mais significativa”. Quanto ao diálogo com os alunos (isso se estende à utilização de palestras como estratégias de ensino) a Educação Sexual, como esclarece Figueiró (2006, p. 07).

“[...] não pode limitar-se à aula expositiva, embora, em vários momentos, ela pode fazer-se necessária, pois há conteúdos básicos que requerem explanação teórica por parte do professor”. Mesmo assim, é preciso cuidado para que não seja um monólogo, onde apenas ele exponha, mas, pelo contrário, que consiga desenvolver uma aula expositivo-dialogada (FIGUEIRÓ, 2006 p. 07).

Muitos professores usam o livro didático como único recurso em sala de aula e estes materiais, geralmente, apresentam apenas as informações biológicas, prevalecendo os aspectos médico-higienistas, sem haver discussão sobre os aspectos culturais. Segundo Souza e Coan (2013, p.10), ao realizarem uma pesquisa com livros didáticos de Biologia, também evidenciaram a biologicidade de suas abordagens.

Não se pode negar que os conceitos e definições são abordados com correção científica, no entanto as interações humanas, a afetividade, respeito por si e pelo outro, as representações socioculturais da sexualidade são relegadas a segundo plano e não aparecem nos livros investigados, transparecendo a ideia de que o sexo permite a perpetuação da espécie humana (Souza e Coan, 2013, p.10, APUD VIERA, 2017, p 56).

Independente da estratégia de ensino utilizada é necessário que os professores descontraíam seus alunos para que estes se sintam mais confiantes para dialogarem com o professor sobre Sexualidade, dessa forma, retirando suas dúvidas sobre o assunto. Segundo Figueiró (2006), um dos princípios para trabalhar com Educação Sexual consiste em o docente apresentar uma postura que estimule a espontaneidade dos estudantes e, antes de iniciar, ou mesmo aprofundar um assunto dar todas as respostas, começar com as dúvidas que o grupo tem e com o que já sabe sobre o assunto.

As respostas deste questionário foram fundamentais como diagnóstico para análise, reflexão e ponto de partida para a elaboração da Unidade Didática descrita, nesta pesquisa, que contou como premissa principal o contexto dos jovens que estudam na escola. Ainda, a Tabela 7, apresentada abaixo, resume os resultados encontrados antes e

depois do desenvolvimento da proposta de ensino. O trabalho realizado apresentou indicativos de que auxiliou na reflexão dos jovens a respeito da Sexualidade.

Tabela 7 – Análise da coleta de dados.

PERGUNTAS	ANTES DA PESQUISA	DEPOIS DA PESQUISA
Sexo = ou # sexualidade	23% como diferentes	95,8% é diferente
Se entendiam as mudanças do corpo	75% não entendiam	92% entenderam
Importância de falar sobre sexualidade	79% acham importante	97,9% acharam importante
Gravidez na adolescência	37,5% falta de informação	93.75% acham ruim
Métodos contraceptivos	52% conheciam	79,1% nunca usaram
Dúvidas esclarecidas	48% com pais	60,9% professor
Já perguntado a alguém sobre métodos e IST	96% nunca perguntaram	58% já perguntaram
Como queriam as aulas	Vídeos	Mais vídeos
Interesse pelas aulas de Educação Sexual	82% gostariam	100% gostaram

Fonte: Pesquisadora, 2018.

4.1- Unidade Didática: constatações encontradas

4.1.1 Aula 1 – História da Sexualidade Brasileira

Nesta aula foi possível perceber o interesse dos alunos pela História da Sexualidade Brasileira e pelas curiosidades sobre a forma de vida e os costumes sexuais dos indígenas e dos negros escravizados, durante a explicação de alguns pontos importantes retirados do livro “História da Sexualidade Brasileira” de autoria de Fábio Ramos Martins de Siqueira (2008). Surgiram vários questionamentos em relação ao modo

de vida dos indígenas e como eles se comportavam e se comportam em relação a sua nudez, tratada por estes com naturalidade. Ainda, foi discutido sobre as relações sexuais dos indígenas pautadas na reprodução, realizadas emocas sem muita privacidade e encaradas pelas crianças de forma natural. Após, foi realizado um comparativo com os dias atuais. Alguns pontos chamaram a atenção, entre eles, o fato de muitos alunos nunca ter refletido sobre a nudez dos índios e a naturalidade em que esta é tratada por estes povos; em relação aos casamentos arranjados, segundo os alunos, a poligamia deveria ser aceita em nosso país. Após discussão, foram apresentadas algumas imagens, retratando cenas históricas do Brasil colônia e os alunos deveriam escolher aquela que mais chamou sua atenção, fazendo uma releitura da obra.



Figura 9 - Releitura da obra de Debret realizada pela aluna 5T¹.

Através do desenho (Figura 9) da aluna identificada como 5T¹, foi possível observar como a estudante retratou a nudez da índia, escondendo seu órgão genital com uma folha de bananeira. Na obra de Debret a representação das mulheres não apresenta a preocupação de cobrir suas partes íntimas. Ainda é importante destacar que alguns alunos solicitaram que gostariam de finalizar o desenho em casa. Esta aluna (5T¹) quando entregou o trabalho na aula seguinte revelou um diálogo importante que teve com seu pai: *“Professora eu tava pintando o meu desenho e o meu pai me perguntou o que era aquilo? eu respondi que era uma índia pelada e ele me perguntou se era isso que eu ia aprender na escola?”* Naquele momento, questionei se ela havia explicado do que se tratava ao seu

pai e a aluna respondeu: “claro professora, eu disse que era um trabalho de Ciências sobre História da Sexualidade no Brasil e como os índios viviam aqui antes, que era normal eles viverem pelados e depois que os portugueses vieram pra cá que inventaram de colocar roupas neles. Coitados nem podiam viver como queriam” (5T¹). Novamente a indaguei a respeito da resposta de seu pai e ela afirmou que ele compreendeu, no entanto, havia levado um “susto”, pensando que o desenho retratava um desejo da filha. Perguntei a ela se gostaria de viver em uma sociedade em que teria a possibilidade de andar sem roupas e ela respondeu que não gostaria, pois morreria de vergonha. Neste contexto, Figueiró (2006, p. 02) discute:

Alguns pais se preocupam (*discussão sobre sexualidade em sala de aula*), justamente, por temer que os professores passem para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento (FIGUEIRÓ, 2006, p.02).

Segundo Moizés e Bueno (2010), o tema Sexualidade, foi velado ao longo dos tempos, resultando em concepções de Sexualidade relacionadas à obscenidade, a algo sujo, pecaminoso e proibido; negou-se à Educação Sexual aos jovens, dificultando a orientação necessária. No entanto, em pleno século XXI, após grandes avanços na democracia no Brasil, um projeto de lei (7.180/14) denominado “Escola sem Partido”, ameaça a conquista das discussões realizadas no campo da Sexualidade, retomando a concepção de que a Educação Sexual não deve ser realizada pela escola, mas somente pela família.

Minha percepção, enquanto pesquisadora, quanto a releitura da obra pela aluna 5T¹, é que o comportamento social ainda estabelece uma forte relação com as concepções de cunho religioso e estas definem, fortemente, o comportamento da sociedade brasileira. A nudez ainda é encarada como algo proibido e vergonhoso e isso se reflete, obviamente, na compreensão dos alunos, pois os mesmos estão imersos nesta cultura e o comportamento cultural não é algo que se modifica facilmente. De acordo com Meira e Santana (2014 p. 162):

[...] o processo de construção da sexualidade acontece desde o nascimento do ser humano, o qual se encontra rodeado de conhecimentos e informações que lhe são transmitidos ao longo de toda sua vida. Essas informações e conhecimentos se modificam de acordo com os diversos contextos, culturas e fatos históricos e a interpretação, inferência e compreensão que o indivíduo tem desses

conhecimentos adquiridos é que vão modificar sua consciência e comportamento” (MEIRA e SANTANA, 2014 p. 162).

Em decorrência do fato ocorrido entre o pai e a aluna 5T¹, relembrei novamente, os alunos da importância de falarem aos seus pais sobre as atividades de Educação Sexual nas aulas de Ciências. Várias respostas surgiram imediatamente, como: “*Minha mãe sabe!* (1T¹); *a minha não dá bola!* (6T¹); *quem tem que saber sou eu!* (3T¹); *eles não falam nada sobre isso!* (8T¹.); *minha mãe sabe menos que eu!*” (7T¹). Depois disso, surgiram muitas risadas e aproveitei para alertá-los da importância dos estudantes tirarem suas dúvidas e compartilharem as informações corretas com seus familiares e amigos que não sabem, evitando erros e equívocos com relação a sua Sexualidade. Após, essa explanação o aluno 6T¹ respondeu: “*também professora depois dessas aulas, só faz besteira quem quer!*” e 1T¹ complementa: “*a professora Luciana (professora pesquisadora) vive distribuindo camisinha e no postinho dão também e tem gente que ainda não usa!*”. A sala silenciou-se e aproveitei os comentários para discutir sobre a importância de usar o preservativo e a problemática envolvida em uma gravidez indesejada. Vale ressaltar, que os alunos de todas as turmas se sentiram, durante todo o desenvolvimento da Unidade Didática, muito à vontade para debaterem os assuntos propostos e esclarecerem suas dúvidas.

Uma “caixa de dúvidas” foi confeccionada e disponibilizada para àqueles alunos que ficassem constrangidos de exporem suas dúvidas perante os demais colegas, no entanto, poucos alunos fizeram uso da mesma, pois espontaneamente, discutiram sobre Sexualidade em sala de aula ou, até mesmo, nos corredores da escola.

Em relação a fala dos alunos observei indicativos de apropriação dos conhecimentos científicos e como estes podem ajudar na sua vida futura. Percebi que esta aula de Educação Sexual teve sua finalidade alcançada de levar informação e conhecimento sobre tudo o que diz respeito ao corpo, sua Sexualidade e as relações que a envolve, diminuindo mitos e tabus, contribuindo na formação de adultos mais seguros sobre sua Sexualidade.

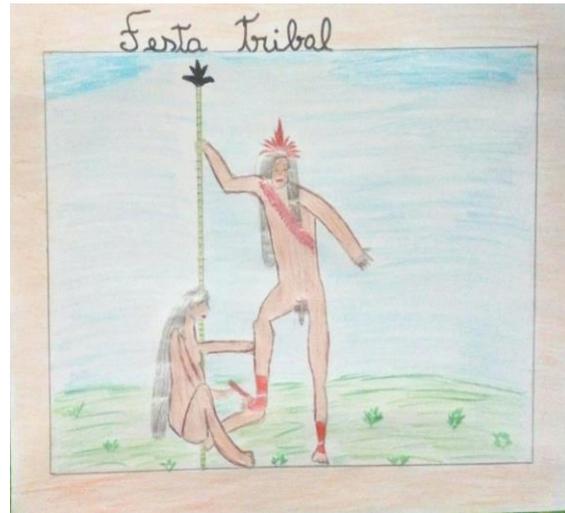
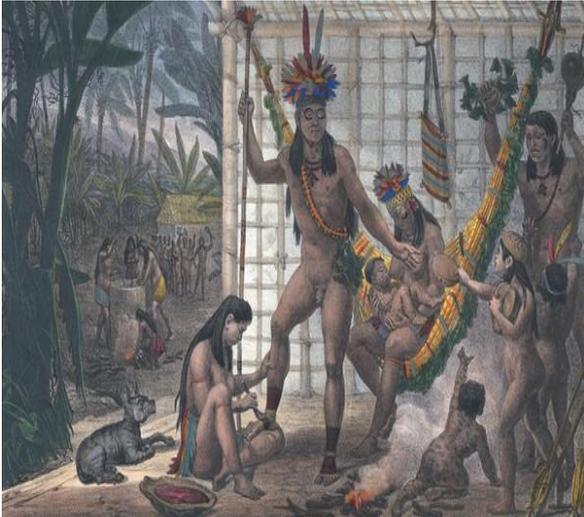


Figura 10: Releitura da obra de Debret realizada pelo aluno 1T².

Na turma de 8º ano percebi, na representação da obra realizada pelo aluno 1T², que ele retratou o órgão sexual do índio (Figura 10) sem constrangimento, no entanto, na descrição da imagem o denomina de “coisas”, conforme a fala a seguir: “os índios andavam com as coisas de fora e as índias também, elas cuidavam os maridos fazendo comida e pintando eles para as festas”. Isso, talvez possa ser reflexo da forma como a família se refere aos órgãos sexuais, por vergonha e/ou hábito entre amigos, evitando utilizar o nome correto e científico das palavras. Esse é um ponto que ainda preciso trabalhar, mais eloquentemente, em minhas aulas.

Nesse sentido, a psicóloga e sexóloga Eliane Maio em seu livro “O Nome da Coisa” (Maio, 2011) registra os mais diversos nomes atribuídos aos órgãos sexuais. Segundo a autora, por este motivo e inúmeros outros que a Educação Sexual apresenta grande importância e precisa ser trabalhada no espaço da escola, pois o processo de repressão sexual no processo de construção social, histórica, política e cultural da sociedade contribuíram, fortemente, para que os apelidos das genitálias masculina e feminina surgissem.

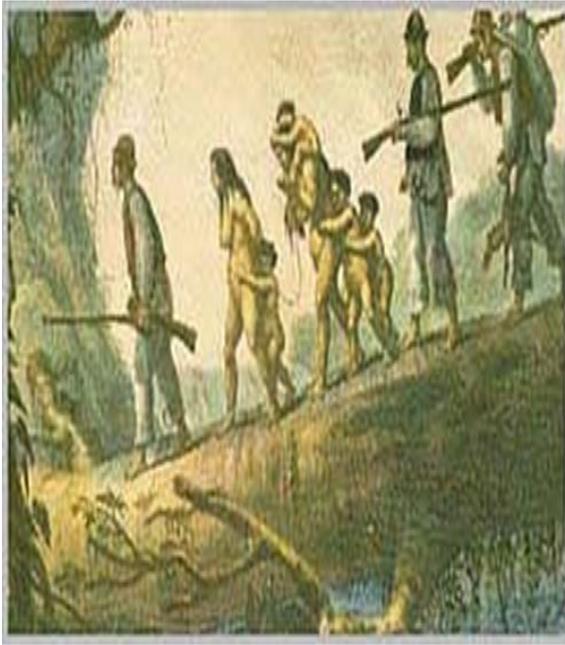


Figura 11: Releitura da obra de Debret realizada pela aluna 5T³.

Ainda, quanto à nudez, observei no desenho da aluna 5T³ do 9º ano (Figura 11), que umas das crianças foi representada com roupa, mostrando preocupação com o nu infantil. Na descrição da imagem a aluna não comenta a respeito da nudez, apenas dos maus tratos que os caçadores realizavam na captura dos índios, destacando que quem mais sofria eram as crianças. No Tema Transversal - Orientação Sexual – dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), orientava-se às escolas a trabalharem, nas diferentes disciplinas, a construção da visão do corpo por meio da explicitação da dimensão da Sexualidade. Por exemplo, na disciplina de história a Sexualidade poderia ser trabalhada a partir das concepções que as diferentes culturas e momentos históricos deram e dão ao vestuário, aos cuidados pessoais, às regras e à valorização do comportamento (o hábito presente em algumas culturas das mulheres tomarem banho vestidas, a nudez e a liberdade entre as crianças indígenas etc.), permitindo aos alunos compreenderem que apesar de “tão natural” o corpo e os modos de usá-lo, representá-lo e valorizá-lo apresenta determinações de ordem social, política, econômica e cultural.

Perceptível à intenção da aluna em colocar roupa na criança a fim de diminuir seu sofrimento, como se a nudez representasse humilhação como relata no trecho a seguir: “Os caçadores de índios iam pelo mato para caçar os índios e no caminho maltratavam eles, deixando passar fome e as crianças eram as que mais sofriam e tinham que ficar sem roupas”. Diante dessa concepção da aluna cabe ao professor discutir que os povos

indígenas apresentam costumes diferentes dos nossos apesar de morarmos em um mesmo país. O que para nossa cultura / sociedade pode não ser aceito para outras culturas pode ser um hábito estabelecido, tratado com naturalidade. Essa discussão pode ser ampliada para as diferenças culturais existentes no contexto da escola; para a aceitação daqueles que se diferenciam de nós, para o exercício da tolerância e o respeito. Neste contexto, Moreira e Candau (2003, p. 161) indicam que os jovens devem aprender a trabalhar com a pluralidade. Segundo os autores:

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (MOREIRA e CANDAU, 2003 p. 161).

Logo, o espaço da escola é um importante espaço para a compreensão e discussão dos diferentes eventos históricos, de confronto de diferentes pontos de vista, das diferentes manifestações culturais de modo a formarmos pessoas mais tolerantes que saibam respeitar as diferentes culturas.

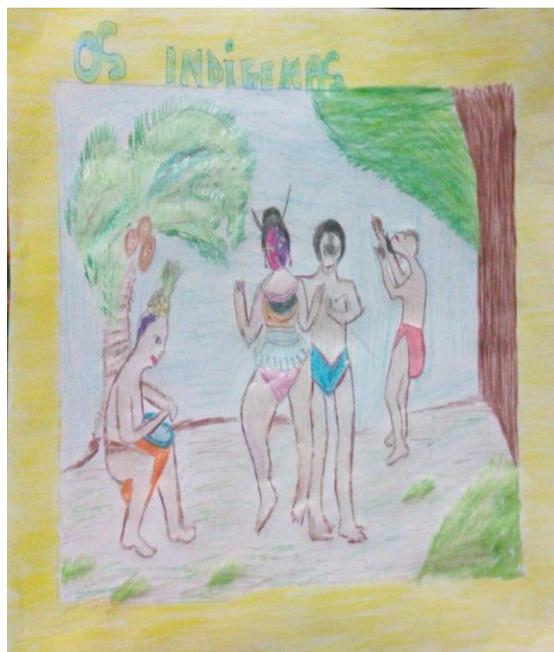
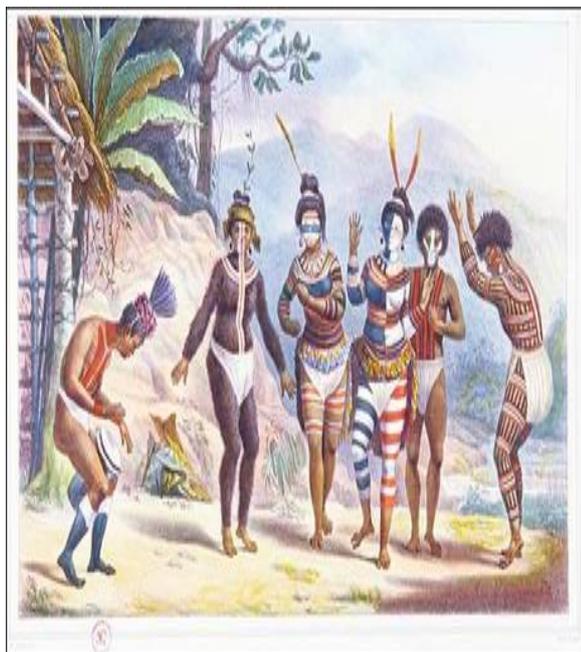


Figura 12: Releitura da obra de Debret realizada pelo aluno 6T³.

Já, o aluno 6T³ também do 9º ano, trouxe a discussão sobre a representação do corpo e do nu através da Figura 12 que retrata uma dança característica do povo indígena com os corpos pintados e vestimentas cobrindo seus órgãos sexuais. Segundo a interpretação do aluno: *“os índios com o passar dos anos foram obrigados a usar roupas”*. Não descreveu a razão da obrigação pelos colonizadores.

O que chama atenção, no desenho deste aluno e na descrição de sua representação, é o destaque que dá à nudez. Quando as imagens foram mostradas, vários assuntos foram debatidos entre eles escravidão, hábitos dos índios, colonizadores e negros, o trabalho da mulher dentro da família, a responsabilidade do chefe de família, no entanto, o olhar dos estudantes se voltou ao nu, possivelmente porque essa palavra é carregada de preconceitos e valores. Segundo Priore (2011), a imposição da Igreja Católica em relação às diversas manifestações sexuais (homossexualidade, nudez, masturbação etc.) data desde a colonização do Brasil. O combate da igreja a tais manifestações originou a associação destas ao pecado e à luxúria. Logo, é necessária a correta mediação em sala de aula para que os estudantes desvinculem a concepção religiosa de pecado das manifestações sexuais pertencentes ao desenvolvimento sexual dos indivíduos.

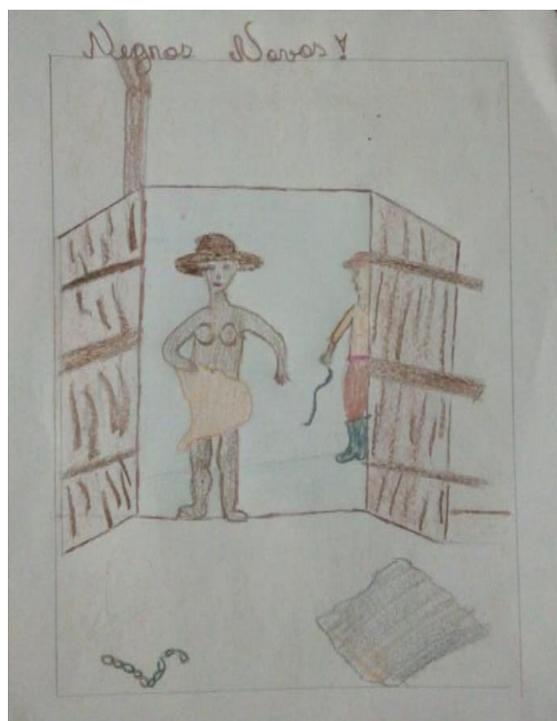
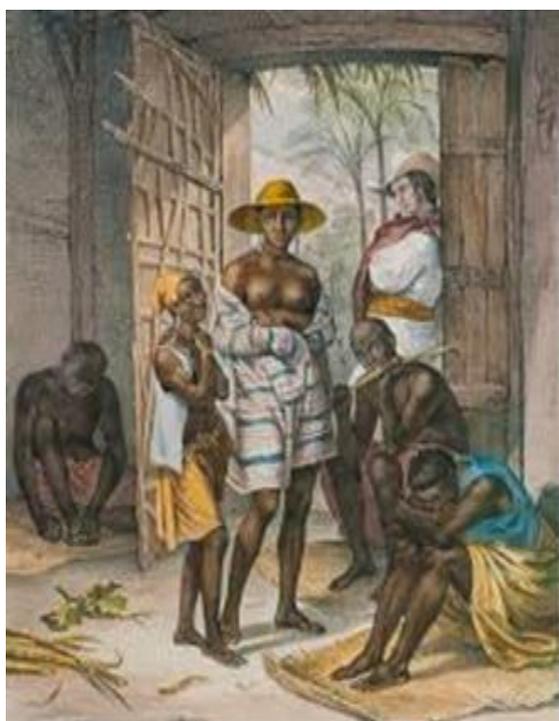


Figura 13: Releitura da obra Rugendas (imagem 8) realizada pelo aluno 8T³.

Nessa releitura o aluno 8T³, também do 9º ano, conseguiu perceber as características femininas dos jovens negros, mas percebeu a forma tranquila que vivem com os demais negros. Essa imagem proporcionou uma grande discussão sobre a homofobia e os fatores que levam ao preconceito. Alguns alunos defenderam a orientação sexual, a forma livre de se vestir, mas também ocorreram algumas discussões bem acirradas sobre a dificuldade de aceitar os transgêneros e homossexuais. Discutiu-se, também, a forma como as famílias estão se organizando, que muitos casais homoafetivos adotam crianças e tem uma relação muito segura e feliz independente de sua orientação de gênero e de sexo.

Como pesquisadora percebi ao longo da “aula 1 – História da Sexualidade” que os alunos mostraram grande interesse pela aula e pela releitura das obras de arte. Definitivamente, a nudez, representada nas obras, foi o que mais provocou discussão, seguida de questionamentos sobre o modo de vida dos índios e a importância dos negros na construção histórica do Brasil. Percebi que eles já tinham conhecimento sobre tais assuntos, possivelmente, trabalhados nas aulas de história. Além disso, os alunos manifestaram muito interesse pela vida sexual dos indígenas e como lidam com a Sexualidade em sua cultura. A partir dessa discussão, apareceram alguns posicionamentos feministas, assim como outros machistas carregados de tabus e mitos quando tratados sobre assuntos como virgindade, casamento e namoro. Logo, segundo Figueiró (2006), cabe ao professor criar oportunidades de reflexão sobre Sexualidade em sala de aula, permitindo aos alunos acesso a informações claras e científicas sobre o assunto, com o objetivo de auxiliar na formação de opinião dos discentes.

Além disso, as discussões com a turma do 7º ano foram ótimas, pois eram muitos falantes e pouco inibidos diante dos diferentes assuntos trabalhados, sendo um espaço muito enriquecedor. Já, a turma do 8º ano era constituída de alunos mais velhos, então as discussões tiveram que ser muito bem mediadas para chamar a atenção dos estudantes. No 9º ano, foi possível trabalhar os conhecimentos científicos melhor do que com as demais turmas. Acredito que por ser uma turma que participou dessas atividades há mais tempo, apresentava mais maturidade, além de conhecimentos científicos mais estruturados e organizados para a elaboração de respostas e atividades mais complexas, estabelecendo maior conexão com os conceitos trabalhados.

4.1.2 Aula 2 - Sexualidade e Adolescência

Esta aula foi trabalhada em dois momentos com as turmas: i) foram trabalhados os slides (Apêndice E) sobre o funcionamento biológico e as mudanças no corpo; ii) foram apresentados vídeos, propagandas e filmes dentre os quais “ Anos Turbulentos da Adolescência” - um vídeo de animação, baseado no texto de Jaime Kemp (<https://www.youtube.com/watch?v=2JxRAtzaQGE>) com duração de 07min:31s. Também, “Vida Adolescente, o Filme” (https://www.youtube.com/watch?v=kE_yvDCFOkI) filmado por alunos do ensino médio de uma escola de Mairiporã / São Paulo, com duração de 17min:24s.

Em relação às percepções da aula, utilizando os slides percebi que os alunos gostaram muito das imagens apresentadas, pois esta estratégia de ensino aproximou-os de sua realidade, podendo, assim, estabelecer conexões com o conteúdo e levando-os a refletir sobre seus comportamentos. Segundo Coscarelli (2002):

Os recursos audiovisuais estimulam os estudantes a desenvolverem habilidades intelectuais e de cooperação, pois há um maior interesse em aprender e em buscar informação sobre um determinado assunto. Para o docente, esses dispositivos possibilitam acesso rápido às informações variadas, maior interação com os alunos e com a pesquisa (COSCARELLI, 2002).

Durante a apresentação das imagens, às 3 turmas, abri espaço para a discussão dos alunos. Notei que algumas imagens provocaram muitos debates, como por exemplo, os slides 3 e 4 em que a aluna 3T¹ do 7º ano, após meu questionamento sobre se eles teriam ideia porque alguns alunos, como o colega 7T¹, cresceu tão rápido (aluno se destaca por ter 12 anos e medir 1m e 75cm de altura) fez a seguinte pergunta: *“por que os meninos crescem tão rápido o corpo, mas a cabeça fica para trás”?* A partir desse questionamento, fiz uma revisão mais detalhada sobre os hormônios do crescimento, afirmando que o desenvolvimento não é igual para todos, pois cada um tem seu índice hormonal e em muitos adolescentes que chegam à puberdade o “estirão puberal”⁷ acontece no início da adolescência, já em outros, só no final.

Ainda, o slide contendo as imagens dos órgãos sexuais foi motivo de muitas risadas e constrangimentos. A maioria riu, outros baixaram a cabeça, fingindo escrever no

⁷ Estirão puberal acontece na puberdade e dura cerca de 3 a 4 anos e representa um ganho de, aproximadamente, 20% da estatura e 50% do seu peso total adulto. (CASTILHO e FILHO,2000).

caderno, enquanto alguns fizeram piadas. Segundo Figueiró (2009, p. 06), em pesquisa semelhante realizada sobre o assunto afirma:

Risos podem acontecer durante este exercício, ou mesmo em outros, e é natural que aconteçam. O professor não deve inibir a espontaneidade do riso, mas propiciar que se manifeste, pois é uma forma de extravasar o constrangimento que, comumente, acompanha o falar sobre o assunto. Se permitidos, aos poucos, os risos esvanecem significativamente (FIGUEIRÓ, 2006, p. 06).

Percebo que esse comportamento, ao longo desses 3 anos que trabalho com o projeto sobre Sexualidade, se repete, pois entendo que esteja atrelado à forma como ocorreu a construção da sexualidade humana, começando pela família, mas também como a sociedade compreende o significado da Educação Sexual. Nesse sentido, Gagliotto e Lembeck, 2011 APUD Gagliotto, Santos e Manarin, 2017) nos faz refletir sobre o papel da Educação Sexual na escola:

A educação sexual nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais (GAGLIOTTO e LEMBECK, 2011 APUD GAGLIOTTO, SANTOS e MANARIN, 2017).

Além disso, ao ler o questionário investigativo de acompanhamento dos alunos (Apêndice C) realizado ao final de cada aula, pude observar os conhecimentos que foram significativos, as aprendizagens e suas impressões sobre a aula. Destaco alguns trechos das escritas dos alunos das três turmas participantes da pesquisa: *“Hoje aprendi que o corpo das crianças muda muito até virar mulher e a do homem também. (9T³); Eu entendi que nós temos que gostar do nosso corpo e de nós mesmos para depois gostar de alguém e tem que se cuidar na adolescência porque nosso corpo vai ser sempre nosso”. (6T³); “Eu posso ser feio, mas gosto de mim e isso que importa”. (9T¹)*. Nestes trechos, percebo que além de trabalhar os conceitos científicos e biológicos sobre anatomia, fisiologia e doenças relacionadas ao sistema reprodutor (também importantes) e cuidados com o corpo, também foi muito significativo para os alunos discutir a questão da autoestima, qualidade esta que deve ser valorizada quando se trata da Sexualidade. No entanto, tudo o que já foi conquistado no campo da Educação Sexual corre o risco de retroceder, a partir de 2020, com a implantação das mudanças que ocorrerão nos Temas Transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para os Temas Contemporâneos Transversais (BRASIL, 2019) como nova proposta da Base

Nacional Comum Curricular em que a Sexualidade é omitida.

O retrocesso atual que a sociedade brasileira enfrenta com o discurso da ideologia de gênero constituído por movimentos da igreja evangélica e grupos como o Pró-Vida⁸ tem tido uma adesão muito forte pelas famílias e podem interromper o que já se tinha conquistado no campo da Educação Sexual. Destaco a escrita de um aluno do 8º ano que vai ao encontro desta perspectiva. Segundo 4T²: *“os jovens são incentivados muito cedo a pensar em sexo por causa da televisão, por isso eu acredito em Deus e que não pode falar em sexo”*. Nesse sentido, Gagliotto et al (2017, p. 01-02) entendem que:

É importante salientar que os estudos de gênero no campo da Educação Sexual, realizada por pesquisadores dessa área de conhecimento são de extrema importância para que se reconheça a diversidade sexual como direito humano, e isso é o que defendemos para que a escola seja mais humanista. Já, a igreja defende, unicamente, o exercício da sexualidade heterossexual, de base biológico-reprodutiva negando a condição ontológica da sexualidade e as suas mais diversas formas de manifestação. Para a igreja só é possível a união sexual entre homem e mulher com fins reprodutivos para efeito de manutenção e garantia da família patriarcal (GAGLIOTTO, SANTOS e MANARIM, 2017, p. 01-02).

A partir da frase de uma aluna do 6º ano - 7T¹ - quer seja, *“acho importante falar em casa, para não fazer sexo obrigada”* percebo como é importante falarmos sobre Sexualidade e sexo na escola, pois, muitas vezes, representa o único espaço que o adolescente tem para acessar as informações científicas e corretas sobre o assunto. No entanto, concordo com Gagliotto et al (2017 p.08) quando afirmam que os pais também devem conversar sobre o assunto com seus filhos.

É importante que pais e professores explorem e aproveitem as oportunidades que surgem no momento em que a criança ou o adolescente apresenta uma dúvida ou algum tipo de curiosidade referente à sexualidade. Por outro lado, ambos os pais e professores, devem criar ocasiões oportunas para ensinar sobre sexualidade (GAGLIOTTO, SANTOS e MANARIM, 2017, p. 01-02).

Preocupada com o que li sobre “fazer sexo obrigada”, me senti na responsabilidade de na aula seguinte iniciar falando sobre abuso sexual, como proceder caso isso aconteça e os direitos sobre nosso corpo e sobre dizer não. Inclusive, me coloquei à disposição caso algum aluno quisesse falar, particularmente, comigo e em sigilo. De acordo com o Estatuto da Criança e da Adolescência (Brasil, 1990) em seu artigo 13 que sofre alteração

⁸ A Associação Nacional Pró-Vida é uma organização cujo principal objetivo é divulgar e defender os valores éticos e morais da inviolabilidade da vida humana desde sua concepção e dos direitos da família.

e se baseia na Lei nº 13.010 de 2014:

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão, obrigatoriamente, comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, concordo com Figueiró (2013 p. 130) quando fala sobre o papel da Educação Sexual, desmistificando a ideia da obrigação e da proibição.

É preciso resgatar o erótico, ou seja, resgatar a visão do sexo como algo bonito e bom na vida das pessoas, assim como a importância do prazer e da vivência da sexualidade, tanto para o homem, como para a mulher, com igualdade. Então, reconstruir relações de gênero, visando a igualdade é uma parte significativa do que seja educação sexual (FIGUEIRÓ, 2013, p. 130).

No segundo momento da aula, após a apresentação dos filmes percebi o interesse dos alunos em construir um roteiro produzido por eles, baseado, principalmente, em “Vida Adolescente, o Filme” por ser um vídeo feito por alunos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Mairiporã / SP a respeito das angústias e das dúvidas vividas pelos adolescentes quanto a vários assuntos, dentre eles, a Sexualidade. Quanto ao uso de filme como recurso didático, Santos (2011, p.20) declara que:

O professor pode recorrer a um recurso não tão recente, como o cinema [...], para discutir e relacionar os conteúdos, tornando-os mais próximos e acessíveis aos educandos. A utilização dessa ferramenta no ensino torna a aula mais motivadora, instigando os alunos na compreensão do conteúdo e contribuindo no processo de aprendizagem. “A prática pedagógica mediada por essa mídia pode possibilitar o desenvolvimento de aspectos cognitivos, emocionais, sensitivos nos alunos” (SANTOS, 2011, p.20).

Ainda, foi possível observar no questionário investigativo de acompanhamento dos alunos (Apêndice C) o quanto se identificaram com os personagens do filme, descrevendo situações semelhantes às vivenciadas por eles nas festas; suas angústias e dúvidas sobre namoro, relações sexuais sem prevenção e nas diversas consequências que isso pode causar. Apesar disso, todos concordaram sobre a necessidade de usar preservativos e/ou outros métodos contraceptivos e descreveram as consequências (gravidez e Infecção Sexualmente Transmissíveis) causadas na vida de amigos que não se preveniram.

A minha impressão, enquanto pesquisadora, sobre a aula 2 “Sexualidade e Adolescência” foi que a partir do planejamento bem estruturado e organizado, baseado

em conhecimentos científicos, pude auxiliar os alunos a realizarem algumas reflexões interessantes, além de ajudá-los no esclarecimento de dúvidas. Nesse sentido, Gagliotto et al (2017), apontam que as informações da vivência social precisam ser discutidas em aula e declaram que “as discussões em sala de aula, deveriam ir de encontro ao vazio criado pelos padrões morais rígidos e às pressões sociais de dominação, tendo o professor a incumbência de apoiar os relacionamentos com autonomia e responsabilidade [...]” (GAGLIOTTO, SANTOS e MANARIM, 2017, p. 10). Além disso, a partir das discussões percebi como as famílias tratam do tema com seus filhos; de forma geral, não falam sobre Sexualidade em casa e são muito conservadores. A partir dessa constatação, não foi de se estranhar porque meus alunos apresentaram tanta necessidade de falar sobre o assunto nas aulas de Ciências.

Apesar de meu trabalho ter sido baseado na premissa do respeito à diversidade e do combate ao preconceito, ainda assim, entendo que não foi suficiente para que os estudantes abandonassem muitos tabus e mitos. Conforme Figueiró (2006, p.14), “os alunos precisam ter várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo”. Ainda, assim, acredito que os objetivos, desta aula, foram alcançados e por solicitação dos alunos das três turmas criamos juntos um roteiro de um filme sobre Educação Sexual que deu origem às aulas 6 e 7, da Unidade Didática, intituladas “Ficção ou Realidade?”

4.1.3 Aula 3 e 4 – Eu me amo, eu me cuido

Nesta aula ocorreu uma roda de conversa que teve como objetivo trabalhar as questões relacionadas a temas como namoro, relações sexuais, pedofilia e cuidados com o corpo, com o intuito de promover discussões que viabilizassem o esclarecimento, diminuindo mitos e tabus sobre a Sexualidade.

Para começar, usei uma brincadeira para descontrair e “quebrar o gelo”, chamada formando parceiros. Na atividade cada aluno deveria retirar uma frase de dentro de um envelope, contendo frases aos pares, como por exemplo: “sou a azeitona de sua empada” e “sou a empada de sua azeitona”. Após ler a sua frase, o estudante deveria identificar seu parceiro; depois de todas as duplas formadas na próxima etapa deveriam retirar, de outro envelope, palavras que atribuíam características, por exemplo “sou baladeiro”, “sou muito ciumenta” etc. Após, todos retirarem adjetivos do envelope, aos pares, deveriam

dialogar com o colega e juntos chegarem a conclusão se, pelas características de personalidade retiradas, aleatoriamente, seria possível um relacionamento saudável entre os parceiros. Meu papel foi de mediadora e no sentido de levantar a discussão a partir de alguns questionamentos, como por exemplo, o que seria necessário para que o relacionamento se mantivesse entre duas pessoas com características muito distintas? Dessa forma a discussão fluiu naturalmente e outros assuntos surgiram.

Diante disso, entendo a importância que atividades de debate, focadas no contexto dos alunos, apresentam no despertar da consciência sexual, na desmistificação de mitos e tabus, bem como na possibilidade de superar as barreiras do preconceito. Nesse viés, vários autores como Alencar et al., 2008; Borges e Trindade, 2009; Costa et al., 2001, pesquisadores sobre o tema, afirmam que as práticas de Educação Sexual podem promover o diálogo, a troca de experiências e informações, maior autonomia quanto ao exercício da Sexualidade, como podem contribuir, positivamente, com a saúde integral dos adolescentes e favorecer a redução de possíveis consequências indesejáveis advindas das vivências sexuais. Ainda, Figueiró (2006, p. 08) destaca o debate como uma boa estratégia para trabalhar a Educação Sexual em sala de aula e afirma:

[...] importante estratégia para ser usada em Educação Sexual é o chamado debate aberto, já reconhecido como eficaz nas experiências pioneiras no Brasil, na década de 1970. Consiste em dispor os educandos, na classe como um todo, para debater e trocar ideias com seus colegas sobre o tema em estudo. É isto que possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e separar para tomar decisões próprias (FIGUEIRÓ, 2006, p. 08).

Quando foi proposta a atividade de roda de conversa grande parte dos alunos se mostrou interessados, tanto pelo assunto como a forma de se posicionar em círculos para uma conversa informal, solicitando que ficassem sempre dentro de meu campo de visão e enfatizando que a conversa era olho no olho. Percebi que muitos fizeram um exercício de reflexão sobre os problemas que lhes eram expostos através de questionamentos mostrando-se bastante interessados no tema, com opiniões consistentes, porém alguns se mostraram muito tímidos e até imaturos em relação ao assunto. A evolução de alguns alunos, durante a roda de conversa, foi visível. No início da atividade, muitos se mostravam envergonhados com o assunto e no decorrer da conversa acabaram se interessando e participando. O posicionamento dos alunos indicou que o assunto ainda é um tabu, para a maioria, mas no decorrer da conversa, ora com momentos descontraídos, ora tratado de forma séria, foi possível desmistificar um pouco o tema, sem que, para

isso, fossem utilizados moralismos e/ou restrições. Esse resultado ressalta a importância da roda de conversa, pois proporciona um debate saudável sem distinções.

Além disso, a partir do questionário investigativo de acompanhamento dos alunos (Apêndice C), percebi que os alunos de duas das três turmas, no caso os 8º e 9º anos, já tinham algum embasamento sobre o tema, pois em anos anteriores já haviam participado de meu projeto sobre Sexualidade, diferente dos estudantes do 7º ano que estavam discutindo os assuntos pela primeira vez. Dos assuntos trabalhados (ISTs, gravidez, namoro, mudanças no corpo, ciclo menstrual, morfologia dos órgãos genitais entre outros), nesta aula, a maioria dos alunos (66,6%) afirmou que o assunto mais significativo foi a discussão sobre namoro e sexo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) nos apontam que, para além da fisiologia e morfologia do corpo humano, é necessário que sejam trabalhados os sentimentos, os pensamentos e as emoções que se produzem a partir do corpo.

A continuidade do trabalho se dá pela retomada desses conteúdos de forma ampliada e aprofundada. A ampliação é feita com a inclusão do estudo sobre as transformações globais da puberdade, vistas no plano corporal e no aspecto relacional/social (BRASIL, 1998, p. 319).

A minha impressão, sobre as aulas 3 e 4 “Eu me amo, eu me cuido” foi a de que a aula atingiu seu propósito de descontrair e ao mesmo tempo esclarecer dúvidas, baseado em conhecimentos científicos, sendo possível auxiliar os alunos a realizarem algumas reflexões interessantes sobre os cuidados com seu corpo e do companheiro, diminuindo mitos e tabus sobre o tema. Nesse sentido, cabe destacar que a Educação Sexual não deve partir da premissa prescritiva de práticas sexuais certas ou erradas (FIGUEIRÓ, 2006; PAIVA, 2000). Ainda, para Paiva (2000), a grande contribuição da escola e das equipes formadoras é produzir um espaço de reflexão sobre as diversas formas de viver a Sexualidade, baseada no respeito às diferenças, aos outros e a si mesmo. A Educação Sexual nas escolas pretende trazer a questão da Sexualidade à tona, produzindo espaços de interação entre alunos e professores, podendo estabelecer uma construção conjunta do conhecimento respeitando os valores considerados importantes na sociedade atual, mas trazer novas informações, contribuindo a sua compreensão da sexualidade e das futuras tomadas de decisão. O objetivo não é dar respostas, mas sim, facilitar e estimular o diálogo sobre o tema (PAIVA, 2000).

4.1.4. Aula 5 – Jogos didáticos

Nesta aula foram retomados os conceitos trabalhados e discutidos nas aulas anteriores. Também foram respondidas as perguntas depositadas na caixa de dúvidas. Foram poucas dúvidas colocadas na caixa, mas uma chamou mais a atenção que era a seguinte: “*Posso pintar os pelos pubianos?*” Para responder essa e outras perguntas, retomei alguns pontos como a higiene íntima, lembrando que os órgãos sexuais são regiões delicadas e que devem ser tomados cuidados especiais com a depilação, uso de absorventes, papel higiênico, lenços umedecidos, calcinhas, roupas apertadas, duchas íntimas, cremes e pinturas. Informar aos adolescentes sobre os cuidados necessários com o corpo é muito importante, sempre os deixando sensíveis às informações e conscientes de que todos esses cuidados afetam, diretamente, o seu bem-estar, sendo fundamental para seu desenvolvimento integral. Segundo Moizés e Bueno (2010), toda ação com adolescentes deve começar com as dúvidas e temáticas que surgem a partir delas, considerando, além das informações, o debate sobre as atitudes dos sujeitos diante da Sexualidade.

Após, os alunos foram divididos em grupos para jogar alguns jogos educativos relacionados com o tema, entre eles: jogo da memória, roletando, trilha da sexualidade, trilha da vida, jogo anti-roubadas, jogo da verdade, bingo sim ou não, jogo de qualidades e defeitos e jogo do copo de água como forma de possibilitar o surgimento de ideias para a confecção dos seus próprios jogos. Segundo Kishimoto (2011), diferentes jogos apresentam suas especificidades, no entanto, apresentam características em comum como:

Liberdade de ação do jogador ou caráter voluntário, de motivação interna e episódica da ação lúdica; prazer (ou desprazer), futilidade, o “não sério” ou efeito positivo; Regras (implícitas ou explícitas); Relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados; Não literalidade, reflexão de segundo grau, representação da realidade, imaginação; Contextualização no tempo e no espaço (KISHIMOTO, 2011, p. 30-31).

Também é importante destacar que os jogos, devido ao seu caráter lúdico, podem auxiliar na construção do conhecimento pelos alunos. Para Rocha (2015 p.27), a utilização de jogos em sala de aula “possibilitam uma variação na rotina educativa, favorecendo a integração entre os pares, possibilitando realizar reflexão sobre situações práticas da vida, facilitando as tomadas de decisões e uma aprendizagem mais significativa por meio de objetos lúdicos”.

A atividade de criação dos jogos foi realizada nas 3 turmas. Para a construção dos jogos a escola disponibilizou papel pardo, folhas de ofício, E.V.A, cartona, cartolina cola e tesouras. Os alunos usaram o livro didático e a internet para tirar suas dúvidas e, principalmente, usaram de sua criatividade para construir e montar a atividade. Dentre os jogos criados, destacaram-se o jogo da “Roda Roleta” e o “Jogo da Memória” (Figura 15) construído por um grupo de alunos das turmas T² e T³ (Figura 14), cujo os assuntos escolhidos foram os métodos contraceptivos para o jogo da memória e Sexualidade, para o jogo “Roda a Roleta”.



Figura 14 – Alunos da T¹ jogando e da T² confeccionando os jogos
 Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2018.



Figura 15- Jogos confeccionados pelas turmas T¹ e T², respectivamente.
 Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

Os jogos contribuíram para a construção do conhecimento dos alunos sobre os diversos assuntos trabalhados, além de reforçar os conceitos trabalhados, bem como

sanar dúvidas remanescentes que ainda existiam. Acredito que os adolescentes tendem a aprender mais e ter mais interesse pelo tema quando se tornam sujeitos ativos e a utilização dos jogos didáticos proporcionou espaço para que reformulassem seus conceitos e realizassem reflexões importantes, os quais tendem a colaborar para a construção de um sujeito crítico e consciente do seu papel na sociedade. Por essa razão, podemos afirmar que o “jogo didático” é aquele feito e adaptado ao educando, de modo a oferecer condições que aumentem o seu interesse, permitindo-lhe, através das várias formas de representação, fazer associações, julgamentos, bem como estabelecer conceitos importantes para seu desenvolvimento sexual (CARNEIRO 1990).

Enquanto pesquisadora observei que os alunos apresentam concepções errôneas sobre diversos assuntos que envolvem sua Sexualidade, inserida, cada vez mais, precocemente em suas vidas e sem o conhecimento científico necessário. Sendo assim justifica-se a importância de trabalhar a Educação Sexual com dedicação e análise do contexto de vida dos jovens, auxiliando na integração do tema em seus cotidianos.

Analisando os resultados dos jogos pude notar que grande parte dos alunos tinha conhecimento dos assuntos e conseguia acertar as respostas; quando não conseguiam me pediam ajuda e, imediatamente, era feita uma reflexão sobre o assunto com a intenção de torná-lo significativo. Logo, concordo com Rocha (2015, p. 27) quando diz que “acredita na importância do jogo, como prática lúdica capaz de motivar os adolescentes e fazê-los interagir de forma reflexiva sobre os aspectos que envolvem sua sexualidade”.

4.1.5 Aula 6 e 7 – Ficção ou realidade?

Nestas aulas os alunos, das três turmas, assistiram o documentário “Meninas” de Sandra Werneck que retrata a gravidez na adolescência, os cuidados que se deve ter para evitá-la e o despreparo dos jovens para a vida sexual. Após, fazer algumas reflexões sobre o tema abordado, levantei um questionamento sobre o quanto era importante estarem preparados para uma gravidez e o que fariam se acontecessem com eles? Uma das respostas que mais me chamou a atenção foi a do aluno 8T² que disse o seguinte: “- *Olha professora isso não vai acontecer comigo, porque eu não sou bobo, uso camisinha sempre e se quiserem ficar comigo é assim que funciona, não tem frescura é sexo direto, mas com cobertura*”. Muitas risadas surgiram com a resposta do colega e o parabeneizei pela atitude correta em relação ao uso do preservativo, lembrando-o da importância de

ser gentil com sua parceira, sem forçar uma relação. E ele me respondeu: “A *senhora acha que preciso forçar alguma coisa, eu sei agradecer e fazer direitinho*”. Novamente parabeneizei o menino. Lembrei do que Werebe (1981) afirma sobre a Educação Sexual informal, que equivale à “extraprogramação”, isto é, aproveitar, de forma espontânea, um fato, uma pergunta, uma situação ocorrida e ensinar a partir dela.

Na sequência foi proposta a organização do roteiro de um filme em que o tema abordado deveria tratar das problemáticas da adolescência quanto à Sexualidade. Para isso, foram convidadas as professoras de Artes e de Português para participarem das atividades, ajudarem nos ensaios e na organização. Para a atividade os alunos, das diferentes turmas, foram reunidos em uma mesma sala durante dois períodos, com as professoras e para, otimizar a comunicação, foi criado um grupo no *Whatsapp*.

Foram criados vários roteiros e após a leitura de todos, os alunos escolheram àquele (Apêndice H) que mais gostaram e que representou as angústias e as dúvidas dos adolescentes sobre sua Sexualidade. Neste sentido, concordo com Coelho e Viana (2011) quando discutem as potencialidades dos filmes como recurso didático quando afirmam:

São inúmeras e desconhecidas todas as possíveis formas de uso de filmes em sala de aula. Cabe ao professor encontrar neles alguma forma de explorar o conteúdo que será estudado. É importante não ficar atrelado à disciplina em si, e tentar criar formas de lidar melhor com seus alunos, via esta que pode ser possibilitada pelos filmes, já que numa sala de aula não se ensina apenas conhecimentos científicos, mas valores sociais muito importantes que serão levados para fora da escola (COELHO e VIANA, 2011, p. 93).

A história escolhida retratou o cotidiano de uma família tradicional que reside na zona urbana. Danilo, o pai, trabalha muito e não dá atenção para a família, já Andreia, a mãe, é uma dona de casa dedicada ao lar e aos filhos. Eles têm dois filhos, Pietro, o caçula que não gosta de estudar e que não se dá bem com os pais e Rebecca que, diferente de seu irmão, é dedicada aos estudos e projeta seu futuro profissional, além de ser a preferida dos pais. A trama apresenta a história de Pietro que se envolve na escola com alguns amigos “barra pesada” Ricky, malandro e piadista, e Edgar, viciado em drogas, e vive uma terrível experiência. Além disso, durante a trama aparecem outros personagens como Carina, amiga de Pietro que é esnobe e pedante porque tem um pai que trabalha como policial; Daniel, colega estudioso e “certinho” que sempre busca ajudar os amigos, Sarah, colega introvertida que, geralmente, está de mau humor; Camila que

está sempre de bom humor e tenta auxiliar os amigos, Capitão Nascimento, pai de Carina e os traficantes Marcelo e Carlinhos que vendem droga para Edgar.

Os ensaios, divisão de personagens e gravação (Figura 16) chegaram a iniciar e o intuito era realizar uma apresentação para todos os alunos e professores da escola, mas por uma fatalidade que ocorreu na escola com a morte inesperada da professora de Educação Física, antiga diretora e muito querida por toda a comunidade escolar, a escola entrou em luto, não sendo possível continuar as atividades extraclases.



Figura 16- Organização e ensaio da filmagem.
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

Enquanto pesquisadora e educadora reafirmo a importância de práticas pedagógicas voltadas à realidade dos alunos em que seja possível a construção de uma aprendizagem significativa para formar cidadãos críticos e preparados para a constante evolução da sociedade. Para Santos (2015), a mídia cinematográfica é uma importante tecnologia de informação e comunicação e o trabalho com ela pode desencadear profícuas discussões e promover uma melhor compreensão de conteúdos científicos e de conhecimentos biológicos.

Na construção do roteiro do filme foi possível perceber algumas realidades vivenciadas pelos alunos, principalmente, com relação a um dos protagonistas que foi escrito e pensado a partir da história de vida do aluno 8T² que era um jovem usuário de drogas. Sua escolha, para atuação na trama, foi unânime, uma vez que facilitaria a construção do personagem.

O uso da dramatização em sala de aula consiste em uma boa alternativa para tratar de um assunto tão importante quanto a Sexualidade. A encenação pode ser um

ponto de partida para abordar o conteúdo mais próximo à realidade dos alunos e, assim, permitir aos professores trabalharem a partir do contexto dos alunos. Neste viés, Figueiró (2005), afirma que os professores podem contar com muitas estratégias, como por exemplo: dramatização, debate sobre filmes, dinâmicas de grupo e leitura (acompanhada de discussões com os colegas, em sala). Ainda, a autora salienta que: “[...] a educação sexual é muito mais que aulas sobre a Biologia e a Fisiologia da Sexualidade; refere-se a propiciar oportunidades para discussões, reflexões, debates em grupo, com os colegas, coordenado por um educador” (FIGUEIRÓ, 2007, p.28). Neste processo é muito importante a criação de um espaço disponibilizado para trabalhar, sentimentos emoções, atitudes, angústias e valores que são trazidos à tona e que de forma tradicional o aluno não traria para a sala de aula.

4.1.6 Aula 8 – Confecção da Cartilha

A Confecção da cartilha (Apêndice I) teve a participação dos alunos do 9º ano, enquanto as outras turmas estavam construindo o roteiro do filme essa turma auxiliava na seleção dos conteúdos e imagens. Após, a construção da cartilha, pela pesquisadora, esta foi distribuída para as demais turmas dos anos finais do ensino fundamental da escola e também para os professores no ano seguinte, devido ao falecimento da ex-diretora da escola e pela aproximação do final do ano letivo.

Com a confecção do material pude perceber que os alunos, ao chegarem no 9º ano, depois de passarem por 3 anos de projeto sobre Educação Sexual comigo, apresentam conhecimentos mais maduros e qualificados. Ao auxiliarem na elaboração da cartilha apresentaram opiniões interessantes e, inclusive, escolheram os assuntos que julgaram mais pertinentes para o melhor entendimento dos colegas dos outros anos. Uma das observações que os alunos da turma T³ fizeram foi que o material não tivesse muito texto e mais imagens e que não deveria ser muito extenso. Entre os assuntos sugeridos foram às fases da adolescência, mudanças no corpo, problemas emocionais dos adolescentes, métodos contraceptivos e direitos e deveres dos adolescentes.

Para o fechamento do trabalho foi aplicado um questionário de pesquisa final (Apêndice D) com o intuito de analisar a opinião dos alunos (das três turmas participantes) sobre a realização da Unidade Didática, bem como o desempenho da professora e, se possível, averiguar alguns indícios de compreensão sobre o tema

Sexualidade. A partir das respostas pude perceber que ao final da U.D. a maioria dos alunos (96%) afirmaram já saber diferenciar sexo de Sexualidade. Vale salientar que o resumo com a opinião dos alunos sobre o tema e o desempenho da professora antes e depois do desenvolvimento da proposta de ensino se encontra na Tabela 7 desta dissertação. Entre as justificativas mencionadas para a diferença entre os termos está: “*Sexualidade é o que a pessoa sente e sexo é só o ato sexual (5T³)*”; “*Sexualidade é o que faz o sexo ficar bom*” (8T²).

Ainda, os dois assuntos que mais gostaram de discutir, dentre os elencados: Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), relação sexual, métodos contraceptivos, namoro, gravidez, sistema reprodutor, abuso sexual, casamento e cuidados com o corpo foram os referentes aos métodos contraceptivos (46%) e relação sexual (31%). Esses dados nos indicaram que os adolescentes, participantes desta pesquisa, naquele momento de vida estavam se tornando sexualmente ativos e seus anseios eram referentes às formas de prevenção de doenças, de gravidez indesejada, bem como sobre as dúvidas e/ou curiosidades sobre a prática /relação sexual. Muitas dessas dúvidas foram esclarecidas ao longo das atividades, principalmente, na roda de conversa, onde eles esclareceram suas dúvidas e angústias. Entre as atividades que mais gostaram percebi que foram os vídeos e os jogos pedagógicos, pois descontraíram ao mesmo tempo que trouxeram informações importantes. Em estudo semelhante, Rique et al (2017), relatam, em sua pesquisa, que os alunos se sentiram mais confiantes, falaram sobre suas experiências com a sexualidade e tiraram suas dúvidas quando os assuntos abordados foram gravidez na adolescência, DSTs e métodos contraceptivos.

Em relatório produzido, em 2013, pelo Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), destacou-se que dos 7,3 milhões de nascimentos registrados, 2 milhões são de meninas com 14 anos de idade ou mais jovens que, muitas vezes, sofrem graves consequências sociais e de saúde a longo prazo. Ainda, estima que 70 mil adolescentes morrem, todos os anos, em países em desenvolvimento (o que inclui o Brasil) de complicações durante a gravidez e no parto (ONU, 2013). Esses dados nos indicaram a importância de se trabalhar Educação Sexual na escola, em um país nas condições do nosso. E o quanto a omissão do assunto no documento - Temas Contemporâneos Transversais (TCT) - que será implantado, juntamente com a BNCC a partir de 2020, poderá causar o aumento nos índices de gravidez indesejada na adolescência, situação que tem acarretado sérios transtornos

sociais, afetivos, de autoestima para as adolescentes e suas famílias, mas também para o sistema de saúde pública.

Ainda, destaco como relevante, os recursos que os alunos consideraram importantes para auxiliar na abordagem da Sexualidade em sala de aula, entre eles diálogo com o (a) professor (a) (52%), vídeos educativos (31%), curso/minicurso (12%) e palestras (9%). Percebi, a partir desses resultados, o quanto a mediação que realizei foi significativa para estes alunos, além da diversificado de materiais didáticos utilizados. Vários pesquisadores sobre o tema, Real (2001), Salvalaggio (2006), Moizés e Bueno (2010), Gagliotto et al (2017), entre outros, afirmam que o diálogo é uma ferramenta importante no processo de educar sexualmente e que deve ser realizado tanto na escola quanto com a família.

Vale destacar, também, que os estudantes classificaram minhas aulas sobre Educação Sexual como esclarecedoras, objetivas, com aporte teórico suficiente para auxiliá-los, que os vídeos utilizados foram boas ferramentas pedagógicas e, inclusive, solicitaram que estas aulas tenham continuidade nos próximos anos. No entanto, quando perguntado se ainda apresentavam dúvidas, 37% dos alunos mencionaram que ficaram com dificuldades na compreensão das Infecções Sexualmente Transmissíveis. Talvez, isso possa ter ocorrido, porque são vários os organismos (vírus, bactérias e fungos) causadores de diversas doenças e esses conceitos científicos podem ter confundido os alunos ou, porventura, porque não fui clara o suficiente durante minha exposição e mediação, mas essa avaliação serviu como reflexão para os próximos anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de pesquisa, que resultou nesta dissertação de mestrado, foi possível tecer várias reflexões acerca do tema Educação Sexual. É importante destacar que as ideias apresentadas aqui são impregnadas das minhas impressões e vivências, enquanto professora, sendo possível perceber minhas afinidades e escolhas ao longo da dissertação.

Esta pesquisa levou em consideração a realidade do ensino público e das aulas de Ciências. Desta forma, a Unidade Didática (U.D.) construída pretendeu favorecer a compreensão e o diálogo sobre a Sexualidade com o intuito de desmistificar mitos e tabus, de se aproximar dos jovens, de suas dúvidas e angústias através do diálogo e de

auxiliar os estudantes na apropriação dos conhecimentos científicos a partir de diferentes estratégias didáticas.

O papel do professor pesquisador também consiste em um fator importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois ele aponta os caminhos para a tomada de consciência dos adolescentes, para os cuidados com seu corpo, para o processo de autoconhecimento, auxilia no combate ao preconceito, rompendo com algumas visões e posicionamentos atuais de que a Sexualidade não deve ser discutida no espaço da escola.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a realidade encontrada em uma escola rural de um município da Região Sul do Rio Grande do Sul sobre o tema Sexualidade, bem como as concepções dos alunos de 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental sobre o assunto a partir do desenvolvimento de uma Unidade Didática.

Nesta dissertação, a partir da U.D. dividida em 8 aulas, procurei trabalhar diversos temas relacionados à Educação Sexual, desde como era retratada a Sexualidade em obras de arte, representando o convívio entre colonizadores (portugueses), negros e índios, passando pelos conceitos biológicos (métodos contraceptivos, morfologia e fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino, Infecções Sexualmente Transmissíveis) até as discussões sobre as dúvidas e as angústias sobre o namoro, a autoestima e os casos de abuso sexual, ou seja, contribuindo para as transformações biopsicossociais decorrentes da puberdade.

Na realização dos estudos sobre Sexualidade utilizei informações acerca das histórias de vida dos alunos e das problemáticas vivenciadas na escola para planejar e desenvolver minha prática pedagógica e escolher os assuntos a serem abordados na U.D. O desenvolvimento da pesquisa mudou a lógica das aulas de Ciências das turmas de 7º, 8º e 9º anos, pois, alternadamente, eram trabalhados os assuntos condizentes a etapa do ensino fundamental em uma semana e na outra, as atividades sobre Educação Sexual. Vale destacar, que a turma de 7º ano estava vendo as interações ecológicas, bem como o estudo da diversidade de plantas e animais, a de 8º ano, o corpo humano desde sua unidade básica de formação, a célula, até a constituição do corpo a partir dos diferentes sistemas reprodutor, urinário, digestório, etc e as turmas de 9º ano, os conceitos de Química e Física.

Durante o processo de ensino, observou-se indicativos de que a U.D. envolveu os estudantes, respondendo a problemática da pesquisa. Constatei que é possível promover

o autoconhecimento dos jovens quanto a importância de cuidados com seu corpo, bem como sua higiene, as formas de prevenção de ISTs, o respeito às relações afetivas e sexuais, o respeito à diversidade, amenizando os problemas sociais na escola e fora dela. Com a pesquisa, percebi que a realidade dos alunos investigados é muito próxima dos estudantes que estudam em escolas da zona urbana, ou seja, seus pais não dialogam com eles sobre Sexualidade, por sua vez os jovens estão despertando e/ou iniciando sua vida sexual com muitas dúvidas e ansiosos por informações. Muitas vezes, procuram por respostas em fontes não confiáveis ou através da ajuda dos amigos, que por sua vez, também apresentam muitas dúvidas. Essa desinformação encorpa, por exemplo, os índices de gravidez indesejada na adolescência da qual, a cada ano, aumenta os casos de alunas que abandonam a escola pesquisada porque precisam cuidar de seus filhos. E o que é pior, não retornam mais aos estudos. Ainda, a desinformação, também, coloca muitos estudantes em situações de risco através da aquisição de infecções causadas por relação sexual sem proteção, o envolvimento em relações afetivas violentas e abusivas, o envolvimento com o consumo de drogas, entre outras situações.

A abordagem da Educação Sexual, próxima do contexto dos alunos, proporcionou uma experiência de ensino que oportunizou várias discussões sobre cuidados com o corpo e higiene, conflitos comuns na adolescência, à Sexualidade hoje e na época da colonização do Brasil, mitos e tabus mais frequentes sobre diversos temas, entre eles menstruação, masturbação, crescimento de pelos, o desenvolvimento de diferentes habilidades cognitivas a partir da confecção de jogos, de roteiro de filme, de dinâmicas “quebra gelo”, da releitura de obras de arte, além de muitos aprendizados e reflexões para minha prática pedagógica.

Diante disso, percebi uma nova perspectiva na qual meu papel foi mediar e auxiliar os estudantes a descobrir as respostas para suas angústias, dúvidas e curiosidades, nem sempre fornecendo as respostas prontas, pois muitas nem apresentavam uma única resposta. Logo, a partir da criação do roteiro do filme pelos estudantes, por exemplo, foi possível vislumbrar o protagonismo assumido por eles na construção do próprio conhecimento, cabendo a mim o verdadeiro papel de um educador, ou seja, a mediação do conhecimento. Vale destacar, que nem todos os alunos conseguiram esse protagonismo na constituição de opiniões sobre alguns assuntos, sendo, nestes casos, minha orientação ainda mais importante.

Logo, é preciso destacar que as evidências apresentadas demonstram uma possibilidade para o ensino de Educação Sexual no ensino fundamental, mas convém indicar que existem outras formas que os professores podem desenvolver para trabalhar a temática no ambiente escolar.

Finalizando a realização, desta dissertação de mestrado, observei ganhos em minha prática pedagógica, conseguindo teorizar o trabalho realizado há algum tempo nesta escola, revendo minhas estratégias e metodologias e contribuindo para minimizar as barreiras, as dificuldades e os preconceitos relacionados à Educação Sexual, bem como auxiliar na formação de jovens críticos e sujeitos de sua própria Sexualidade. A partir da organização do produto, fruto desta pesquisa, e disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/ppgecm/dissertacoes-e-produtos/> espera-se que sirva de material de orientação e modelo de inspiração para que mais professores da educação básica trabalhem a Educação Sexual nas escolas.

6. REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. A.; Silva, L.; Silva, F. A.; Diniz, R. E. S. **Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes.** Ciência e Educação, Bauru: UNESP, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.
- ALTMANN, H. **Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente.** Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, n. 13, p. 69-82, abr. 2013.
- ALVES, F. C. **Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas.** Instituto politécnico de Viseu. Disponível em www.ipv.pt/millenum/millenum29/30. Acesso em 25 de abril de 2013
- ALVES, R. F. (Org). **Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa [online].** Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- ALMEIDA, I.S.; RODRIGUES, D.;SIMÕES,S.M.F.O **adolescer...um vir a ser.** Rev.Adolescência & Saúde, V.4, n.3, p.24-28.2007.
- ANASTÁCIO, Z. F. C. **Educação sexual no 1º CEB: concepções, obstáculos e argumentos dos professores para a sua (não) consecução.** 2007. 681p. Tese (Doutorado em Estudos da Criança e Saúde Infantil) – Universidade do Minho, Braga, 2007.
- AURELIO, B. H. F. **Dicionário de Língua Portuguesa.** 5º edição, 2014.
- AQUINO, J. G. (Org). **Sexualidade na Escola.** 3ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- BALLONE, G.J.- **Sexo nos Idosos** - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br.
- BECK, C. **Ensino por unidades: plano Morrison.** Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/ensino-por-unidades-plano-morrison>, 2016.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1997.
- BORGES, A. L.V.; Trindade, R. F. C. **Gravidez na adolescência. E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica.** Barueri: Manole, 2009. p. 334-347.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum do Ensino Básico** [internet]. 2015b: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Orientação sexual / Secretaria de educação.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 2.ed. Brasília, 2000. v. 10, p. 112-128.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais** – Brasília: MEC/CEB, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e adolescente**, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm#art2 <acessado em 28 de abril de 2018>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de educação. – Brasília: MEC/SEF, 2018.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BOA SAÚDE. <http://www.boasaude.com.br> <acessado em 10 de março de 2018>

BONFIM, C. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papiros, 2012.

CASTILHO, S. D e FILHO A. A. B, **Crescimento Pós-Menarca, Departamento de Pediatria**, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2000.

CASTRO, M. G.; ABRAMOWAY, M.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

CARIDADE, M. C. M. **O papel da escola e da educação em ciências na educação sexual dos adolescentes: concepções de professores de ciências da natureza-naturais e de encarregados de educação da Escola EB 2 e 3 de Cabeceiras de Basto**. 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2008

CARNEIRO, M. A. B. **Jogando, descobrindo, aprendendo (depoimentos de professores e alunos do terceiro grau)**. São Paulo: Esc. Comunic. Artes USP. (Tese dout.), 1990.

CAMARGO, E.A.I and FERRARI, R.A.P. **Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção**. *Ciênc. saúde coletiva*[online]. 2009.

CÉSAR, M.R,A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

CÉSAR, M.R,A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia"**. *Educ. rev.* [online], n.35, p.37-51, 2009.

- CHAUI, M. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COELHO, R. M. F. de; VIANA, M.C.V. da. A Utilização de Filmes em Sala de Aula: um breve estudo no Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP. **Revista da Educação Matemática da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 1, 2011.
- CONEDU- Conselho Nacional de Educação- <http://www.conedu.com.br>/**EDUCAÇÃO SEXUAL E PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA**, IV CONEDU, 2017.
- COSCARELLI, C. V. **A informática na escola**. Revista Viva Voz. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2002.
- COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.
- COSTA, M. C. O.; Lopes, C. P. A.; Souza, R. P.; Patel, B. N. **Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, n. 77 (supl. 2), p. 217-224, 2001.
- COSTA, J. F. Prefácio. In: CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade ontem e hoje**. (tradução Michèle Íris Koralck). São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões da nossa época; v40), p.7.
- CORDEIRO, M. (2003). **Sexualidade. Algumas questões**. In SÁ, E. (Coord.) (2003). *Quero-te! Psicologia da Sexualidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- DANIELS, H. **Vygotsky e a pesquisa**. São Paulo: Loyola, 2011.
- DAMIS, O.T. **Unidade didática: uma técnica para a organização do ensino e da aprendizagem**. In: VEIGA, I.P.A.(ORG.). **Técnicas de Ensino: novos tempos, novas configurações**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo:Atlas, 1985.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2011.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Martha Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. *Paideia*, v.20, n.45, p.123-131.2010. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acessado em: 01/07/2017.

DINIS, N.; LUZ, ASINELLI-LUZ. A. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educ. rev. [online], nº 30, p. 77-87, 2007.

EGYPTO, A.C. et al. **Papéis sexuais**. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**: como discutir a sexualidade em casa e na escola. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRA, A.B.H. **Aurélio Junior: dicionário escolar da língua portuguesa- 2ed**. Curitiba: Positivo, 2011.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira**. Semina: Ci. Sociais/Humanas, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação Sexual: como ensinar no espaço escolar**. Revista Linhas, v.7, nº 1, 2006.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Repensando a Educação Sexual Enquanto Tema Transversal**. Cadernos de Educação, UFPel, 2014

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 3ª Ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. v. 3

FREUD, S. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**. Florianópolis: CEPEC, 1998.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FURLANI, J. **Educação sexual: possibilidades didáticas**. In: Louro, G. L.; Neckel, J. F.; Vilodre, S. (Orgs.). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 66-81

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. **Sexualidade e Adolescência: educação sexual numa perspectiva emancipatória**. Educere Et Educare – Revista de Educação / Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Cascavel. Colegiado Curso de

Pedagogia. Programa de Mestrado em Educação – Área de Concentração: “Sociedade, Estado e Educação” – v.1. n.1 (2011) Cascavel: EDUNIOESTE.

GAGLIOTTO, G. M.; SANTOS, J.C. dos; MARARIN, T. **Educação Sexual, Adolescência, Psicanálise e Formação de Professores.** V SEMINÁRIO INTERNACIONAL “ENLAÇANDO SEXUALIDADES” V. 01, 2017.

GAUDERER, C. **A vida sem receitas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

GARCIA, L. J. V. **O processo de educação sexual na escola: um estudo de caso sobre a conceituação, significação e representação compreensiva de professores da rede municipal de ensino de Camboriú/SC sobre educação sexual.** 2005. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIORDAN, M. **Computadores e linguagens nas aulas de ciências: uma perspectiva sociocultural para compreender a construção de significados.** Ijuí: Unijuí, 2008.

GOLDBERG, M.A.A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GOMES, R. S. **Educação em sexualidade na escola: entre a normalização e a perspectiva dos direitos humanos.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis, 2013.

GRISANTE, A. G.; MAISTRO, V. I. de A. **Discutindo sexualidade: possibilidades e desafios no ambiente escolar.** 2016.

GUARÁ, I.M.F.R. **Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola.** Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

Guia de orientação sexual: **diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, 1994, 112 págs. Lançado no Brasil em 1994.

GUIRADO, M. **Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola.** In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

Indagações sobre currículo : diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes] ; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** (5ª ed.). São Paulo: Cortez, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4^oed. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, H.M.M, <http://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/3745/-1/educacao-sexual-x-orientacao-sexual.html> <acessado em 28 de abril de 2018>

LOPES, A. R. C; **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa, Dalmazo . **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAIA, A. C. B. et al. **Orientação sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil**. Mimesis, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107- 123, 2006.

MAIO, E. R. **O nome da coisa**. Maringá: Editora Uni Corpore, 2011.

MALDANER, O.L; ZANON, L.B. **Situação de estudo: uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em ciências**. Revista Espaço da Escola, Ijuí: Ed. Unijuí, n. 41, p. 44, 2001.

MALDANER, O.L. **A pesquisa como perspectiva de formação continuada do professor de química**. Química Nova, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 289-292.

MALTA, S.C.L. **UMA ABORDAGEM SOBRE CURRÍCULO E TEORIAS AFINS VISANDO À COMPREENSÃO E MUDANÇA**. ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.6, n.2, p.340-354, Maio a Agosto de 2013 ISSN 1983-1579 http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec_340

MAGALHÃES, R. **Gravidez recorrente na adolescência: o caso de uma maternidade pública**. Rev. Adolescência & Saúde. v. 4, n.1, p. 23-32, 2007.

MARQUES, V.B. **A Medicalização da Raça. Médicos, educadores e discurso eugênico**. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, L.; Santos, G.S.; EL-HANI, C.N. As abordagens de saúde em um livro didático de biologia largamente usado no ensino médio brasileiro. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre.V17(1), pp. 249-283, 2012 Abri. 2012. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/215/149>

MASTROROCCO, D. **Homotoxicologia e Climatério** (2002). Monografia (pósgraduação e Homotoxicologia). Instituto Brasileiro de Ensino Homeopático (São Paulo-SP).

MATOS, A. A. de; OLIVEIRA, S.F.de. **Contribuição da sexologia sobre o trabalho de orientação sexual na escola: uma revisão bibliográfica**, 2011. Portal da Prefeitura de Lambari D'oeste – MG (2011).

MEIRA, M. E. M. et al. **Psicologia escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais**. Revista Ciência em

Extensão, São Paulo: UNESP, v. 2, n. 2, 21p., 2006.

MINAYO, M. C. S. de. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MIRAS, M. **Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios**. In: COLL, C.; MARTIN, H.; MAURI, T.; MIRAS, M. ONRUBIA, J. SOLÉ, I.; ZABALA, A. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Átila, p. 57-77, 1999.

MOISES, J. S.; BUENO, S. M. V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista Escola de Enfermagem USP, São Paulo, v. 44, n. 1, 2010.

MORAES, Roque. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. p. 127 - 141 In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina do Rozário (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

MOREIRA, A F B, CANDAU V M, **Construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação Escolar e Cultura. 2003, p. 61.

MORRISON, H. C. **The practice of teaching in the secondary school**. Chicago: The University of Chicago Press, 1931.

MOURA, D G. e BARBOSA, E F. **Trabalhando com projetos: planejamento e gestão de projetos educacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997, p. 20.

Organização das Nações unidas (ONU). **Novo relatório do UNFPA sobre população mundial destaca gravidez na adolescência como prioridade**. 2013. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/31289nova-relatorio-do-unfpa-sobre-populacaomundial-destaca-gravidez-naadolescencia-como-prioridade>.

PAIVA, V. **Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempo de Aids**. São Paulo: Summus, 2000.

PARANÁ. Secretaria Estadual da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Ciências. Curitiba, 2008.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahax, 1970.

PORLÁN R. ; MARTÍN J. **El del professor: um recurso para investigación em el aula**. Diada: Sevilla, 1997.

PRIORE M.D. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. SÃO PAULO: PLANETA, 2011. 254 p.

QUIRINO, G. S.; Rocha, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente**. Educar em Revista, Curitiba: UFPR, n. 43, p. 204-225, 2012.

REAL, F. M. **Amor e sexo inquietam a escola**. Pelotas: Seiva Publicações, 2001.

REIS, E. M.; LINHARES, M. P. **Ensino de Ciências com Tecnologias: um caminho metodológico no PROEJA**. [S.l.], Educação e realidade. 2010.

REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA Volume 4 - Número 1 - Janeiro a Junho de 1993 Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH

RIBEIRO, P R M. **A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos**. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). Sexualidade e infância. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17-32.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009.

ROCHA, A.K.L. **O jogo pedagógico como instrumento para a educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material "em seu lugar"**. Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, 166f, Araraquara/SP, 2015.

SABROZA, A.R. LEAL M.C.; GAMA, S.G. N.; COSTA, J.V. **Perfil sociodemográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil- 1999-2001**. Cadernos de Saúde Pública. n.1, p.111-120. 2004.

SACRISTÁN, G. **Os professores como Planejadores**. IN: SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. **Compreender e transformar o ensino**. 4º ed. São Paulo: Artmed, 1998. p. 271-293.

SALVALAGGIO, V. F. **Educação sexual**. Curitiba: IESDE, 2006.

SANTOS, M.A. **Orientação Sexual no 1º e 2º ciclos de ensino fundamental: uma realidade distante?** Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

SANTOS, D.B.C, ARAÚJO; D.C. **Sexualidade e Gêneros: questões introdutórias**. In: Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. 16ª Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED – PR. p. 13 – 28, 2009.

SANTOS, E.G. **A História da Ciência no cinema: contribuições para a problematização da concepção de natureza da ciência**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Mestrado Profissional em Ensino Científico e Tecnológico, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões- Uri, Santo Ângelo, 2011.

SANTOS, E.G. **Reflexões sobre o uso da mídia cinematográfica no Ensino de Ciências e Biologia nos ENEBIO**. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC Águas de Lindóia, SP, 2015

SCHMITZ, E. **Fundamentos da didática**. 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.

SFAIR, S.C; BITTAR. M.; LOPES R.E. **Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais**. Saude soc. [online]. vol.24, n.2, 2015.

SIQUEIRA, F. R.M. **História da Sexualidade Brasileira**-São Paulo: Leitura Médica, 2008.

SILVA, R.C. **Operacionalização da política de atenção ao parto humanizado em adolescentes**. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2011.

SOUZA, C. P. (org.) **História da Educação. Processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 2002.

SPITZNER, R. H.L. **Sexualidade e Adolescência: Reflexões acerca da Educação Sexual na escola**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

VIEIRA, A.S. **Educação sexual: jogo educativo para aprendizagem de alunos com deficiência intelectual**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) - Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Duque de Caxias, 2017.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. 18. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

TRIVIÑOS et. al. **A formação do educador como pesquisador no Mercosul/Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCKMANTEL. M. M. **A sexualidade vai à escola: da informação biológico-reprodutiva à formação do sujeito ético**. Revista Trilhas Pedagógicas, Pirassununga, v. 1, n. 1, p. 38-62, ago. 2011

VIEIRA, A.S. **Educação sexual: jogo educativo para aprendizagem de alunos com deficiência intelectual**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) - Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Duque de Caxias, 2017.

VIEIRA, L.C. **Gênero e sexualidades no Livro Didático de Ciências: Da análise aos sentidos atribuídos por discentes do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado profissional em Ciências e Tecnologias na Educação). Instituto Federal Sul-rio-grandense,

Campus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós, 2017.

VIGOTSKI, L.S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores.** Obras EscogidasIII (p. 11-340). Madri: Visor/ Ministerio de Educación y Ciência. 1995.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VITIELLO, N. (Org.). **Manual de dinâmicas de grupo.** São Paulo: Iglu, 1997.

ZABALZA, M. A.. Diários de aula. **Contributo para o estudo dos dilemaspráticos dos professores.** Porto: Porto Editora. 1994.

WEREBE, M J G. **Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.36, p.99-110, fev. 1981.

YIN,R.K.**Estudo de Caso-Planejamento e Métodos-5ª Ed.**Porto Alegre:Bookman, 2015.

Apêndices

Apêndice B - Questionário de investigação das concepções

QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Não é preciso colocar seu nome.

1. Identificação:

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino

2. O que é sexualidade para você?

3. Você faz ideia do que está ocorrendo no seu corpo fazendo você se sentir diferente?

4. Você considera importante falar sobre sexualidade? Por quê?

5. Para você sexo e sexualidade são a mesma coisa? Explique:

6. Qual a sua opinião a respeito da gravidez na adolescência?

7. Você conhece algum método contraceptivo? Já fez uso de algum? Qual?

8. Alguma vez você perguntou a algum médico sobre gravidez, métodos contraceptivos e IST?

9. Quando tem alguma dúvida em relação à sexualidade você pergunta para quem?

() pais () amigos () professores () internet () outros, quem? _____

10. Como você acha que o tema “sexualidade” deve ser abordado nas escolas. Enumere de 1 a 5, lembrando que 1 representa a forma mais importante e 5, a forma menos importante:

() palestras () conversa com o professor na sala de aula () vídeos educativos

() curso ou minicurso () leituras de textos () outros, qual? _____

Apêndice C - Questionário aplicado após cada aula da Unidade Didática

QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO DE ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS

1- Quais dos assuntos trabalhados em aula você já conhecia?

2- A exposição dos assuntos foi:

() Clara e objetiva entendi tudo () Ainda fiquei com dúvidas () Não entendi

3- Caso não tenha entendido, algum assunto anote aqui suas dúvidas?

4- Dos assuntos trabalhados em aula, qual você mais gostou e como ele pode ajudar em suas relações (sexual e amorosa)?

5- Escreva o que você aprendeu na aula de hoje.

Muito obrigada!

Apêndice D - Questionário Final entregue aos Alunos

QUESTIONÁRIO FINAL

* Idade: ()11 ()12 ()13 ()14 ()15 ()16 ()17 ()18 () mais de 18 anos

* Sexo: () masculino () feminino

*** De acordo com sua aprendizagem nas aulas de Educação Sexual assinale a resposta mais adequada para você.**

1. O que é sexualidade para você? () mesmo que sexo () diferente de sexo

2. Você considera importante falar sobre sexualidade? () sim () não

3. Qual a sua opinião a respeito da gravidez na adolescência? () bom () ruim () normal

4. Você já usou algum método contraceptivo? () sim () não

5. Você já perguntou a alguém sobre gravidez, métodos contraceptivos e IST? () sim () não

6. Quando tem alguma dúvida em relação à sexualidade você pergunta para quem?
() pais () amigos () professores () internet () outros, quem? _____

7. Como você acha que deve ser abordado o assunto sexualidade nas escolas, enumere de 1 a 5 lembrando que 1 representa a forma mais importante e 5, a menos importante :
() palestras () conversa com o professor na sala de aula () vídeos educativos
() curso ou minicurso () leituras de textos () outros, qual? _____

8. Quais dos assuntos trabalhados em aula você mais gostou?
() sexualidade () métodos contraceptivos () relação sexual () gravidez () ISTs
() namoro () casamento () abuso Sexual () Sistema reprodutor () cuidados com o corpo () outros, qual? _____

9. A exposição dos assuntos sobre Educação Sexual foi:
() Clara e objetiva, entendi tudo () Ainda fiquei com dúvidas () Não entendi

10. Caso não tenha entendido, qual o assunto que ficou com dúvidas?
() sexualidade () métodos contraceptivos () relação sexual () gravidez () ISTs
() namoro () casamento () abuso Sexual () Sistema reprodutor () cuidados com o corpo () outros, qual? _____

11. Você gostaria de continuar com as aulas de Educação sexual? () sim () Não

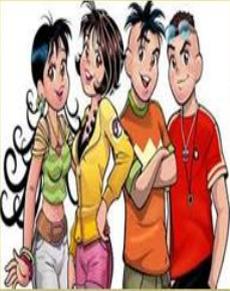
12. Em relação ao entendimento da professora sobre o assunto?
() tem entendimento () não tem entendimento () tem razoável entendimento

13. Como foi a forma de se expressar da professora? () formal e objetiva
() descontraída e clara () não sabe se expressar

Apêndice E - SLIDES AULA– “Sexualidade e Adolescência”

1-

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
JOSÉ PINTO MARTINS
MORRO REDONDO-AÇOITA CAVALO



“FALANDO DE SEXO”

2-

As mudanças do corpo



3-

Porque o corpo muda?

- As mudanças acontecem por causa dos hormônios, substâncias que temos em nosso corpo, que são "mensageiros químicos" que determinam onde e como nosso corpo vai se modificar e/ou crescer.
- Assim, os hormônios de crescimento, são tão importantes quando os hormônios sexuais, o estrógeno e a progesterona produzidos pelo ovário da mulher, e a testosterona, produzido no testículo, do homem.

4-

- A hipófise é outra glândula que produz hormônios, que estão envolvidos com essa transformação, localizada no cérebro;
- Esses hormônios enviam mensagens para os ovários na mulher e para os testículos no homem para que eles comecem a produzir os hormônios sexuais e assim amadurecer os óvulos na mulher e a produzir espermatozoides no homem.

5

Órgãos Internos

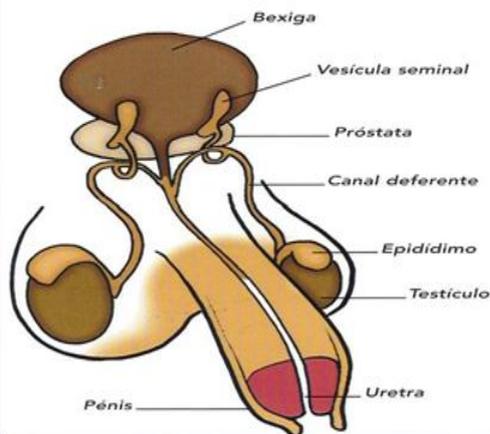
- Testículos: Local onde são produzidos os espermatozoides;
- Epidídimo: Dois tubos localizados atrás dos testículos, onde os espermatozoides são armazenados;
- Ducto deferente: Canais que leva os espermatozoides dos testículos até uretra.

6

- Uretra: Ducto comum ao sistema urinário e ao sistema genital. Percorre o interior do pênis, levando urina ou os espermatozoides.
- Enquanto a uretra está conduzindo os espermatozoides, a musculatura em torno dela se contrai e impede a passagem da urina vinda da uretra.

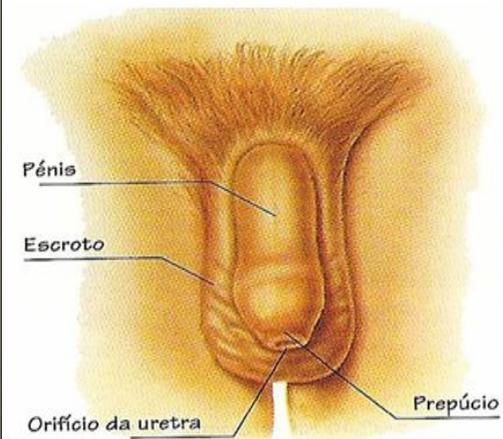
7-

Órgãos Internos



8-

Órgãos Externos



9-

SISTEMA GENITAL FEMININO

- Externamente -vulva., onde se localiza o clitóris além de duas aberturas:
a uretra - por onde sai a urina e a vagina.
- Internamente - são os ovários, as tubas uterinas, útero e vagina.

10-

Órgãos externos

- O Monte de Vênus ou monte púbico é uma elevação de tecido adiposo, recoberto por pelos que protege a superfície ósseo-cartilaginosa.
- Os Grandes Lábios são tecidos adiposos, coberto por pelos pubianos.
- Os pequenos lábios são tecidos sem gordura.
- O clitóris é uma massa de tecido erétil de aproximadamente 2 cm de comprimento que tem a função exclusiva de proporcionar prazer sexual nas mulheres.

11-

- O clitóris é uma massa de tecido erétil de aproximadamente 2 cm de comprimento que tem a função exclusiva de proporcionar prazer sexual nas mulheres.
- O hímen é uma membrana fina altamente vascularizada que fica entre os pequenos lábios ao redor da abertura da vagina.

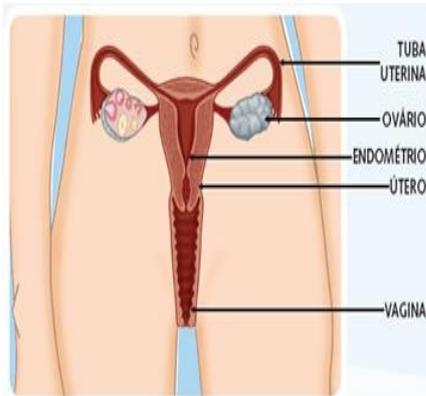
12-

Órgãos internos

- Ovários: Locais onde são produzidos os hormônios sexuais femininos e os óvulos.
- Tubas uterinas: Caminho percorrido pelo óvulo do momento em que sai do ovário até atingir o útero;
- Útero: Órgão muscular oco, no qual, ocorre o desenvolvimento do bebê;
- Vagina: Canal muscular que liga a vulva

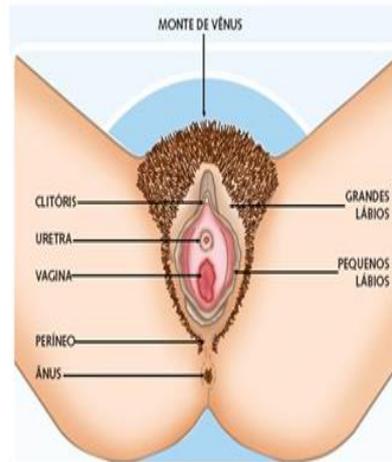
13-

Órgãos Internos



14-

Órgãos Externos

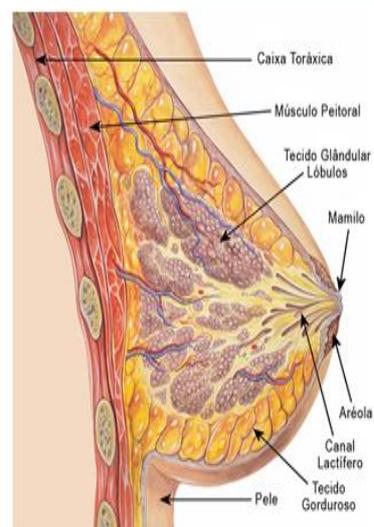


15-

Mamas e glândulas mamárias

- As glândulas mamárias produzem o leite que servira de alimento para o recém nascido.
- Também estão presentes nos homens, porém não produzem leite.
- São formadas externamente pelo mamilo e aréola.
- É na puberdade, sob a ação dos hormônios que elas começam se desenvolver.

16-



17-

Saída da Infância

Meninas:

Menstruação



Meninos:

Primeira ejaculação

Emoções despertadas:

- Angústia e culpa;
- Experiências desejadas e, portanto, motivo de orgulho.

18-

O que é a puberdade?

- Cada indivíduo tem o seu próprio ritmo, o qual deve ser respeitado. Contudo, sabemos que a puberdade começa geralmente entre os **8 e os 12 anos** e está completa quando termina o processo de desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários (masculinos e femininos); normalmente, este processo caracteriza-se pela aquisição da capacidade reprodutiva.



19-

PUBERDADE

Conheça os sinais

NO MENINO	NA MENINA
Mudança na voz, aparecimento de pelos no rosto e primeira ejaculação	Aparecimento dos brotos mamários (começa a crescer o seio)
Corpo tende a ficar com formas mais masculinas, com ombro mais largo	Crescimento do esqueleto
Crescimento do esqueleto	Desenvolvimento das características sexuais, como pelos pubianos
Desenvolvimento das características sexuais, como pelos pubianos	A menarca (primeira menstruação) é o último sinal
Crescimento de pés, mãos e músculos de forma mais rápida	Corpo tende a ficar com formas femininas mais acentuadas, com quadril maior e definição da cintura
Aumento dos testículos	Crescimento de pés, mãos e músculos de forma mais rápida

O IDADE MÉDIA*

10,9

anos, para os meninos

9,7

anos, para as meninas

(*) Pode variar

© GRAFFO

20-

Adolescência

é a fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Caracteriza-se por alterações em diversos níveis - físico, mental e social - e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto.

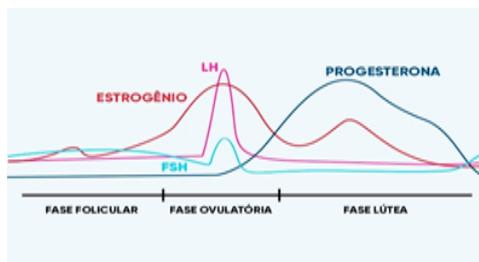
Masturbação

- é o ato da estimulação dos órgãos genitais, manualmente ou por meio de objetos, para obter prazer sexual, seguido ou não de orgasmo. É uma prática sexual não penetrativa, que pode ser praticada pelo próprio ou por outra pessoa.

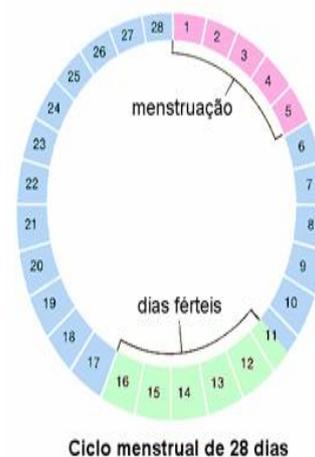
Menstruação

- Menstruação é a descamação das paredes internas do útero quando não há fecundação. Essa descamação faz parte do ciclo reprodutivo da mulher e acontece todo mês. O corpo feminino se prepara para a gravidez, e quando esta não ocorre, o endométrio (membrana interna do útero) se desprende. A primeira menstruação (menarca) ocorre por volta dos dozes anos;

Ciclo Menstrual



O ciclo menstrual normal dura, em média, 28 dias, tendo início no primeiro dia de menstruação e terminando quando a menstruação do mês seguinte se inicia.



Ciclo menstrual de 28 dias

25-

Características da Sexualidade

- Por volta dos 11 - 12 anos, o adolescente está mais voltado para si mesmo, para o seu corpo;

- O despertar da masturbação: essa prática proporciona um conhecimento do corpo;



- Mitos sobre a masturbação;

- A masturbação faz parte do desenvolvimento normal;

26-

A **sexualidade** de um indivíduo define-se como sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, num determinado período da sua existência.



27-



- Entrar em contato com o corpo modificado é algo que, quase sempre, causa desconforto e estranheza;

- Com a intensa excitação, característica da adolescência, sintomas como medos e fobias podem aparecer;

- A relação de amizade com os amigos do mesmo sexo é uma forma de proteger-se do contato com o sexo oposto, que é muito desejado, mas muito temido também;

- O adolescente pode ter fantasias ou contato com pessoas do mesmo sexo;

28-

Relação Sexual

Relação sexual, coito ou cópula são termos que se referem principalmente à inserção e fricção do pênis, geralmente ereto, na vagina, com a finalidade de estimulação sexual ou reprodução, o que também se denomina sexo vaginal, com o propósito de prazer físico ou emocional, contribuindo para o fortalecimento de laços afetivos.

Entre as outras formas de sexo estão:

- sexo anal - penetração do ânus pelo pênis;
- sexo oral - penetração da boca pelo pênis ou penetração oral dos genitais femininos

Para um relacionamento sexual satisfatório, particularmente as mulheres, necessitam um envolvimento amoroso e ter energia sem estar fadigada, além de um perfeito equilíbrio hormonal que permita emoções prazerosas e um bom nível de relaxamento com um bom desejo sexual.

sexo




O

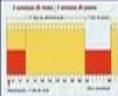


- Já os homens, precisam principalmente, de uma boa circulação sanguínea para criar a ereção peniana, vitalidade física e uma boa função hormonal.

ISTs

- Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas. As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos.
- São transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de preservativos por uma pessoa que esteja infectada. A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação.

Métodos Contraceptivos

Muito Seguros				
Seguros				
Relativamente Seguros				
Pouco Seguros				
				

Apêndice F – Termo de Consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO



Pelo presente termo, autorizo Luciana Henzel dos Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da UFPEL, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Francele de Abreu Carlan, a utilizar as falas, respostas e opiniões referentes a gravações, questionários e entrevistas ou outros meios que evidenciem a aprendizagem dos estudantes dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins com o propósito da produção e publicação de textos relativos ao trabalho científico que culminará com sua dissertação de mestrado, intitulada *Educação Sexual no Ensino Fundamental: construindo uma unidade didática*.

Esta autorização se refere apenas ao uso do conteúdo das falas, escritas, fotos e desenhos produzidas pelo aluno devendo ser preservada a identidade dos estudantes. A qualquer momento da pesquisa o Senhor(a) tem o direito de retirar seu consentimento, bastando comunicar a sua decisão. Caso desejem aceitar este convite e fazer parte do estudo, por gentileza assinem as duas vias ao final deste documento.

Agradeço desde já a colaboração, fico à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Telefone: (53)984040848. Endereço eletrônico: luhenzel@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL) – Pelotas/ RS.

Morro Redondo, maio de 2018.

Eu, _____, RG: _____ responsável pelo(a) aluno(a) acima referido declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa e autorizo sua participação na mesma.

(assinatura do pai/mãe ou responsável)

Apêndice G- Termo de Autorização Institucional



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Titulo da Pesquisa: EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: construindo uma unidade didática.

Esta pesquisa será realizada pela Prof^a Luciana Henzel dos Santos da disciplina de Ciências da EMEF José Pinto Martins, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, pela Universidade Federal de Pelotas, sobre a orientação da Prof^a. Dra. Francele de Abreu Carlan.

O objetivo desse levantamento de dados será investigar como as escolas do Município de Morro Redondo vêm trabalhando o tema "Orientação Sexual" como forma de compreender se o tema tem promovido e contribuído na aprendizagem dos alunos.

Eu, _____, em nome da Secretária de Educação do Município de Morro Redondo, declaro que fui orientada e esclarecida quanto aos objetivos deste estudo e concordo em participar da pesquisa e autorizar a publicação dos dados levantados.

Data: ____/____/____

Assinatura

Apêndice H – Roteiro de filme criado pelos alunos do ensino fundamental

ROTEIRO do FILME

Título: “Família da cidade que vive uma terrível experiência”

Créditos: alunos das turmas de 7º e 8º anos do ensino fundamental, docentes das disciplinas de Ciências, Artes e Português da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins. Morro Redondo/RS

Ano: 2018

Tempo de duração: --

Classificação: Drama

Resumo: Retrata o cotidiano de uma família tradicional que reside na zona urbana. Danilo, o pai, trabalha muito e não dá atenção para a família, já Andreia, a mãe, é uma dona de casa dedicada ao lar e aos filhos. Eles têm dois filhos, Pietro, o caçula que não gosta de estudar e que não se dá bem com os pais e Rebecca que, diferente de seu irmão, é dedicada aos estudos e projeta seu futuro profissional, além de ser a preferida dos pais. A trama apresenta a história de Pietro que se envolve na escola com alguns amigos “barra pesada” Ricky, malandro e piadista, e Edgar, viciado em drogas, e vive uma terrível experiência. Além disso, durante a trama aparecem outros personagens como Carina, amiga de Pietro que é esnobe e pedante porque tem um pai que trabalha de policial; Daniel, colega estudioso e “certinho” que sempre busca ajudar os amigos, Sarah, colega introvertida que, geralmente, está de mau humor; Camila que está sempre de bom humor e tenta auxiliar os amigos, Capitão Nascimento, pai de Carina e os traficantes Marcelo e Carlinhos que vendem droga para Edgar.

Era um dia normal como qualquer outro para a família de Danilo e Andreia. Danilo foi trabalhar, como sempre, Andreia foi fazer a lida de casa e os filhos foram para a escola.

Ao chegar na escola Pietro e Rebeca foram para os seus devidos grupinhos de amigos. Mais tarde no recreio...

Pietro: Oh Daniel, depois tu me *passa* a matéria, sabe como é que é né? Não *tô* com a cabeça *pra* copiar hoje.

Daniel: Ok... eu te empresto, mas sabe que não é bom isso que você *tá* fazendo, né?

Pietro: Sabia que você ia me ajudar, você é o melhor.

Rick: Você fala isso *pra* qualquer coisa que aparece na sua frente.

Todos começam a rir, menos Daniel.

Edgar: É sério, o *bagulho* é dos *bão* mesmo, quando formos embora eu passo um pouco *pra* vocês.

Enquanto isso no grupinho da Rebeca...

Rebeca: Nós temos que ter essa redação até terça, temos que pensar em alguma coisa.

Carina: Calminha aí, oh "*inteligentona*", eu é que vou pensar em como vai ser a redação, minhas ideias são sempre as melhores.

Camila: Eu posso ajudar, também tenho muitas ideias.

Carina: Eu não preciso de ajuda.

Rebeca: *Peraí*, não fale assim com ela.

Carina: E porque eu devia dar ouvidos a você.

Sarah: Gente, relaxa! ainda temos muito tempo para fazer isso, recém é quinta-feira.

Rebeca: Ela *tá* certa, não podemos ficar brigando.

Camila: Também concordo, vamos fazer as pazes, gente!

Elas fizeram as pazes e algumas horas depois no grupo dos meninos...

Edgar: Então, se decidiram?

Daniel: Certamente! nunca vou usar uma coisa dessas.

Ricky: Não!! Vai estragar minha "mente piadista"

Pietro: Vou experimentar.

Daniel: Como é que é? Cara eu não sou dono da sua vida, mas essas *coisas* não fazem bem, nunca fizeram.

Rick: Oh "*nerdão*"! Tá certo! Não é bom mesmo.

Pietro: Gente! Pelo amor de Deus! É só para ver como é que é, me passa aí os *negócios*.

Edgar entrega a droga para o Pietro e então cada um vai para a sua casa. Na saída da escola, Rebeca e suas amigas vão conversando no ônibus.

Carina: Não acredito que você *tá* afim daquele "*zé droguinha*".

Rebeca: Eu sei que ele é drogado agora, mas antes ele era meu melhor amigo. Me apaixonei por ele e além disso, ele já fez muita coisa por mim e agora eu estou disposta a ajudá-lo.

Camila: Nossa! Lindas palavras! O que você acha disso, Sarah?

Sarah: Por mim tanto faz, mas eu vou apoiá-la, independente, da escolha.

Carina: Rebeca! Você sabe que eu posso mandar o meu pai prendê-lo.

Rebeca: Sou capaz de fazer minhas próprias decisões. Ficar com ele estava nos planos do meu futuro e o fato de ele ter se tornado um drogado não vai estragar tudo.

E a conversa encerra com um clima de tensão. Quando os irmãos chegam em casa:

Rebeca: Oi, mãe!

Andreia: Oi, querida!

Rebeca dá um abraço na mãe.

Andreia: Oi, filho!

Pietro: Oi, mãe!

Andreia: Que cara é essa meu filho?

Pietro: Nada não, me chama quando o almoço estiver pronto.

Andreia: Tá...

Rebeca: Quer ajuda *pra colocar as coisas* na mesa?

Andreia: Sim, filha!

Danilo: Cheguei!

Rebeca: Oi, pai!

Danilo: Oi, querida

Andreia: Oi amor, como foi seu dia?

Danilo: O mesmo de sempre.

Rebeca: Pai, pode me fazer um favor?

Danilo: Diga!

Rebeca: Vai ter uma festa sábado a noite e eu queria saber se...

Danilo: Eu podia levar você. Desculpe, mas estou cheio de trabalho.

Rebeca: Tá bem

Danilo: E o imprestável do Pietro?

Andreia: Não chame ele assim. Ele é o seu filho.

Danilo: Tá ... *cadê* o Pietro?

Andreia: Está no quarto dele.

Em seu quarto Pietro tira a droga de sua mochila e, nesse momento, seu pai entra.

Danilo: Mas o que é isso?

Pietro: Pai! Eu posso explicar...

Danilo: Já não bastava você ser um imprestável, agora você está usando drogas!

Depois de uma longa discussão com seus pais Danilo o expulsa de casa e Andreia e Rebeca choram por Pietro.

Alguns dias se passaram e chegou o dia da festa. Rebeca, foi porque sabia que Edgar estava lá, mas o que ele não sabia é que seu irmão também estaria.

Rebeca: Oi!

Edgar: Rebeca! Quanto tempo!

Rebeca: Pois é...

Os dois começaram a conversar e um "clima" surge entre eles, até que se beijam. No entanto, nesse momento, chega na festa Pietro, bêbado e muito "chapado".

Pietro: Vamos *anima* essa festa meu povo!

Rebeca: O que você está fazendo?

Pietro: Calma! Maninha! Se depender de mim essa festa está só começando.

Rebecca: Você *tá* bêbado?

Pietro: Talvez um pouco e também usei um pouquinho da droga que o que.....o.....

Pietro desmaia antes de falar que Edgar havia entregue a droga para ele.

Edgar: Calma Rebeca! Daqui a pouco ele acorda. Tem um lugar maneiro que eu quero te mostrar.

Rebeca aceita e os dois vão para uma sala afastada de onde acontecia a festa. O "clima" entre os dois começa a aumentar e aumentar até que eles se beijaram novamente e o resto é história.

Alguns meses se passaram. Pietro arrumou uma casa para ficar. Rebeca e seus pais descobrem que ela está grávida de Edgar. Então, ela foi até a casa dele para dizer que eles tinham um filho a espera.

Rebeca: Edgar!

Edgar: O que você está fazendo aqui.

Rebeca: Eu sei que você me dispensou depois do que aconteceu lá naquela maldita festa, mas tem uma coisa que eu preciso te falar.

Edgar olha para a barriga de Rebeca e entende tudo.

Edgar: Você não acha que eu vou assumir ele, né?

Rebeca: Como assim! É nosso filho que está na minha barriga

Edgar: Eu te disse que eu não estava apaixonado por você. Que aquilo era só diversão, mas você não me escutou, além disso eu também tenho uma coisa *pra* te contar.

Rebeca: Eu sei que você me dispensou depois do que aconteceu lá.

Rebeca pergunta o que seria, chorando.

Rebeca: O que é?

Edgar: Fui eu que passei a droga *pro* seu irmão. Eu arrumei a vida dele.

Rebeca: O que? Como pode!

Rebeca dá um tapa em Edgar.

Edgar: Ok! Saiba que isso que você fez vai custar caro.

Edgar sai de cena e Rebeca fica ali, chorando.

Uma semana se passou e Edgar foi falar com os traficantes, chamados Marcelo e Carlinhos, que vendiam as drogas para ele.

Marcelo: Olha quem vem aí! O grande Edgar!

Carlinhos: Vai querer a mesma de sempre!

Edgar: Não vim aqui *pra* comprar nada.

Marcelo: Então, o que traz um dos meus melhores clientes, até aqui?

Edgar: Há algum tempo atrás eu passei uma de suas mercadorias a um amigo e, digamos, que ele quer mais, porém de graça, pois ele ameaçou chamar a polícia se não o fizesse.

Carlinhos: O que faremos, Marcelo?

Marcelo: Você se importa com ele, Edgar?

Edgar: Não! Quero mais que ele se ferre!

Marcelo: Então já que você não se importa com ele e ele quer fazer gracinha com a gente vamos dar "*cabo*" dele.

Carlinhos: Onde ele mora?

Edgar: Sabem aquela casa abandonada? O cara foi expulso de casa pelo pai e aí foi morar nela, já que ninguém se importa com aquela casa.

Marcelo e Carlinhos saem de cena

Edgar: Agora ela me paga!

Edgar havia mentido. Pietro nunca tinha ameaçado os traficantes, Ele mentiu porque sabia que eles iriam matar Prieto e essa seria a maneira perfeita de estragar a vida de Rebeca.

Na casa abandonada ...

Rebeca: Oi, Pietro!

Pietro: Oi, maninha!

Rebeca: Por que você *tá* fazendo isso? Se lamentando por algo que aconteceu há meses atrás?

Pietro: Meu pai não vai me aceitar de volta

Rebeca: Claro que vai! Eu sei que ele é muito explosivo e que você “pisou feio na bola”, mas isso não muda o fato de vocês serem, pai e filho.

Pietro: *Vamo* muda de assunto, por favor?

Rebeca: *Tá!*

Pietro: Como *tá*, o meninão?

Rebeca passa a mão em sua barriga.

Rebeca: Até agora muito bem.

Pietro: Falastes com ele?

Rebeca: Sim! Mas ele não quis assumir a responsabilidade.

Pietro: Desgraçado! Ele mudou muito depois que começou a usar drogas, passou de um garoto parceiro e calmo para um “cara” muito agressivo.

Rebeca: O que vai ser do meu filho agora! Sem a atenção do...

É ouvido um barulho de tiro. Rebeca fica paralisada, por alguns segundos, e então cai nos braços do irmão, morta.

Pietro: Rebeeeeeeeeca!!!

Pietro começa a se encher de lágrimas pela morte da irmã.

Carlinhos: Droga! Não sabia que tinha outra pessoa com ele.

Marcelo: Eu disse *pra* você que não era bom chegar, atirando.

Sirenes de polícia são ouvidas. Um carro da polícia chega no local e dele sai o capitão Nascimento e três ajudantes.

Capitão Nascimento: Ponham as mãos na cabeça!

Os traficantes são presos em flagrante. Depois disso, Pietro volta para casa junto com o capitão que disse ter recebido uma chamada anônima, avisando a localização dos

traficantes da região. Também, falou que, quando chegou ao local, Rebeca já estava morta nos braços do irmão.

Alguns anos se passaram e Pietro voltou para a casa. Passou a se dar bem com os pais, fez tratamento e conseguiu se livrar das drogas, além de se tornar uma pessoa melhor que sua irmã fora um dia.

E o Edgar? Ele se entregou para a polícia, dizendo que havia mandado os traficantes matarem o Pietro por ódio da Rebeca. Também, disse que foi dele a ligação anônima que o capitão recebeu avisando onde se encontravam os traficantes porque ele percebeu que havia errado, mas já era tarde mais. Assim, Edgar foi preso.

Apêndice I - Cartilha Crescendo e “Adolescendo” construída pela professora pesquisadora

Crescendo e Adolescendo



fonte: <https://radiomargarida.org.br>

Luciana Henzel dos Santos

*Licenciada em Ciências Biológicas - UCPel
Especialista em Ecologia Aquática - FURG
Mestre em Ciências e Matemática - UFPel
Docente em Educação Básica*

SUMARIO

1. Adolescência	1
2. O ECA	1
3. Direitos e compromissos	2
4. Fases da vida	3
5. Puberdade	3
6. Problemas da adolescência	4
7. O 7 erros e acertos dos pais	5
8. O que pode levar a depressão	6
9. Algumas dicas para quem sofre com espinhas	7
10. Para evitar uma gravidez é importante usar métodos contraceptivos	8
11.Sexo e = ou # de sexualidade	9
11.IST ou DST	9
12.Dicas para ficar saudável	10

.

Adolescência

É um importante momento da vida, cheio de descobertas e mudanças que, muitas das vezes, é de difícil compreensão. Para curtir a vida e desenvolver, todas as suas capacidades, é preciso muita saúde. Para isso, é necessário cuidar do seu próprio corpo e de seu bem-estar físico, emocional e psicológico. Esta cartilha foi confeccionada com a proposta de contribuir para que se minimize as principais dúvidas que, você adolescente, tem sobre sexualidade. Espero que goste!

SE LIGA!!

Toda Criança e Adolescente tem seus direitos garantidos por lei, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

**O que é o
ECA ?**

É hora de conhecer um pouco mais sobre este importante instrumento de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um documento que reúne normas e ordenamentos jurídicos que asseguram os direitos e deveres de crianças e adolescentes no Brasil. A Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 227, também assegura a proteção integral da criança e do adolescente:

Art.227: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão."

Direitos = Compromissos

Direito de ter escola e educação

- Nosso compromisso é frequentar as aulas, estudar, cuidar da escola etc.

Direito à saúde e à prevenção

- Nosso compromisso é cuidar da nossa saúde, buscar informações e orientação nas unidades de saúde. Por exemplo, usar o preservativo em todas as relações e práticas sexuais.

Direito à liberdade, respeito e dignidade

- Nosso compromisso é respeitar as pessoas, agir com dignidade, ética e cidadania, usufruir com responsabilidade e conquistar nossa liberdade etc.

Ainda, o Estatuto da Juventude dispõe sobre os direitos dos/as jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Este documento compreende, para efeito das leis e diretrizes, os/as jovens são pessoas com idades entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) ano.



- **Dever a vida e a saúde;**
- **Direito á liberdade ao respeito e á dignidade;**
- **Direito á convivência familiar e comunitária;**
- **Direito á educação á cultura, ao esporte e ao lazer;**
- **Direito á profissionalização e á proteção de trabalho.**

Saiba mais em: <http://www.adovclescencia.org.br/site-pt-br/eca>

Fases da vida

Infância = 0 - 9 anos

Puberdade = 10 - 14 anos

Adolescência = 15 - 21 anos

Adulto = 22 - 64 anos

Idoso = + 65 anos

Puberdade

A puberdade é o período em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas. É neste período, que o corpo se desenvolve física e mentalmente, tornando-se maduro, portanto capacitado para gerar filhos. Ela não deve ser compreendida como sinônimo de adolescência, visto que a puberdade faz parte da adolescência.

Características da Puberdade Precoce		
Meninos <ul style="list-style-type: none">• Aumento dos testículos• Pelos pubianos e axilares• Odor axilar• Alteração do comportamento• Tendência a agressividade• Crescimento acelerado• Espinhas e acne• Alteração no timbre de voz		Meninas <ul style="list-style-type: none">• Broto mamário (aumento das mamas)• Pelos pubianos e axilares• Odor axilar• Crescimento acelerado• Aumento da oleosidade da pele• Espinhas e acne• Menstruação

Fonte: <http://pepezin.blogspot.com/2013/04/puberdade.html>

problemas da adolescência?



A adolescência é uma fase da vida um pouco confusa em que o jovem não é criança nem adulto, um período de desenvolvimento físico e psicológico. Nesse período surgem conflitos de identidade, ou seja, ele quer saber quem é.

 ANSIEDADE	 DEPRESSÃO
 Medo de Morte	 Possível desejo de Morte
 Inquietação Permanente	 Tristeza Patológica
 Preocupação excessiva com o futuro	 Desistência do hoje baseado no passado
 Aceleração	 Apatia
 Sensação de que algo ruim acontecerá	 Sensação de vazio
Dão àquela ajudinha:	
 Prática de Esporte e Lazer	 Acompanhamento Profissional

OS 7 ERROS E ACERTOS DOS PAIS

PAIS OMISSOS	PAIS PRESENTES
1- Não demonstram carinho e participação, não elogiam, não tem orgulho, não se envolvem nas atividades diárias dos filhos.	1- São carinhosos, demonstram carinho e atenção participam de todas as atividades.
2- Usam palmadas e surras, usam técnicas de controle negativo, focalizam sempre nos erros.	2- Apresentam as consequências, observam e valorizam comportamentos, estabelecem regras.
3- São inconsistentes, mudam de ideia a qualquer momento, as regras dependem do humor.	3- São coerentes e consistentes, mantem a regra, independente, do seu estado de humor, monitoram as atividades.
4- Não estabelecem regras ao filho que deve adivinhar o que será feito, não há clareza nas tarefas.	4- Definem regras e limites, criam regras junto com os filhos e cumprem tanto as promessas quanto às consequências pelos erros.
5- Usam disciplina exagerada, quando os filhos erram, gritam xingam e discutem.	5- Treinam técnicas de autocontrole, sabem que gritar, xingar e bater não educa ninguém.
6- Os pais apresentam um relacionamento conturbado, brigam o tempo todo.	6- Os pais mantêm entre si um relacionamento respeitoso e carinhoso; quando brigam, fazem longe dos filhos.
7- Têm expectativas irrealistas, não tem noção sobre o desenvolvimento humano e esperam demais dos filhos.	7- Amam os filhos pelo que eles são, sabem que não vêm ao mundo para preencher expectativas e devem construir sua história.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br>

O que pode levar a depressão?



Sinais que podem indicar depressão na adolescência



Fonte <https://www.imgrumweb.com>

Algumas dicas para quem sofre com espinhas

- Lavar o rosto, duas vezes ao dia, é indispensável. O uso de sabonetes neutros e esfoliantes reduzem a oleosidade;
- Mantenha uma alimentação equilibrada e livre de gorduras, pois é essencial para a saúde da pele;
- Evite a exposição ao sol. Inicialmente, os raios ultravioletas melhoram a aparência da espinha, porém depois podem piorar o quadro;
- Consulte um dermatologista para indicar os melhores tratamentos!



<http://adolescenciaeatitude.blogspot.com>

Para evitar uma gravidez é importante usar

Métodos Contraceptivos

Camisinha(feminina e masculina)



É o método mais utilizado e mais seguro para evitar DSTs/HIV através das relações sexuais.

Diafragma



É um anel de borracha flexível colocado na vagina pela própria mulher, com função de impedir a passagem de espermatozoide para o útero da mulher.

Espermicidas



São pomadas ou cremes que destroem os espermatozoides, devendo ser colocado no fundo da vagina pela própria mulher, alguns minutos antes da relação.

DIU



É um pequeno objeto de plástico colocado no útero da mulher por um profissional de saúde habilitado.

Pílula anticoncepcional



São comprimidos que contêm hormônios iguais aos produzidos pelo corpo da mulher. Deve ser tomado todos os dias e no mesmo horário para evitar a gravidez.

Injetável



É uma injeção de hormônio igual aos produzidos pelo corpo da mulher. Devendo ser aplicado mensalmente ou trimestralmente.

Vasectomia



É uma cirurgia rápida na qual é realizado um corte em um pequeno canal perto dos testículos do homem. Obs.: O homem continua com a mesma potência só não poderá engravidar uma mulher.

Ligação tubária



É uma pequena cirurgia na qual é feito um corte nas trompas, o que impede a fecundação.

Sexo = ou ≠ de Sexualidade?

Muitas pessoas pensam que ao falar de sexualidade estamos falando apenas de sexo. É importante entender que sexo se refere à definição dos órgãos genitais (masculino ou feminino) ou também pode ser compreendido como a prática/relação sexual. Já, o conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar.



Fonte: <https://jsimelo.blogspot.com>

IST - infecção sexualmente transmissível ou Dst - Doença sexualmente transmissível?

PORQUE O TERMO MUDOU DE

DST
DOENÇAS
SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS

PARA

IST
INFECÇÕES
SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS

AS "DOENÇAS" IMPLICAM SINTOMAS E SINAIS VISÍVEIS NO ORGANISMO DO INDIVÍDUO.

JÁ AS "INFECÇÕES" PODEM TER PERÍODOS ASSINTOMÁTICOS (COMO SÍFILIS, HERPES GENITAL, CONDILOMA ACUMINADO) E ATÉ SE MANTER ASSINTOMÁTICAS

DURANTE TODA A VIDA DO INDIVÍDUO (COMO A INFECÇÃO PELO HPV E O VÍRUS DO HERPES), E SÃO SOMENTE DETECTADAS POR MEIO DE EXAMES LABORATORIAIS.

POR ISSO, O TERMO IST É MAIS ADEQUADO.

Fonte: <http://picdeer.org/ideallaboratorio>

Dicas para ser saudável

- Procure manter uma alimentação saudável;
- Beba água várias vezes ao dia;
- Tome banho diariamente;
- Tenha higiene com os dentes, as unhas e os cabelos;
- Nunca empreste ou pegue emprestada escova de dente, roupa íntima ou de banho;
- Procure dormir no mínimo 8 horas por noite;
- Não fique por muitas horas consecutivas no videogame, computador ou celular;
- Pratique atividades físicas;
- Evite andar em lugares perigosos;
- Proteja-se do sol, use filtro solar;
- Mantenha sua vacinação em dia de acordo com o calendário;
- Não fume e não consuma bebida alcoólica ou outras drogas;
- Não pegue carona com quem consumiu bebida alcoólica;
- Não tome medicação sem orientação médica;
- Para perder ou ganhar peso procure orientação médica;
- Coma 5 ou 6 vezes por dia alimentos saudáveis;